

CONTOS TECNOLÓGICOS

A vida numa sociedade tecnológica

1º CONCURSO CULTURAL

L I B E R A



Centro Universitário
SENAI CIMATEC
EDIÇÃO **2021**

**SENAI
CIMATEC**

COLETÂNEA LITERATEC 2021

Organização: Luara Batalha, Tarso Nogueira, Tatiana Miguez,
Rita Machado, Eduardo Aragão

Copyright © 2021 por SENAI CIMATEC

Texto de acordo com a nova ortografia

Título Original: Coletânea LITERATEC 2021

Revisão: Luara Batalha

C694c Coletânea Literatec 2021 / organização Luara
Batalha ... [et al.]. Salvador, BA: SENAI CIMATEC, 2021.

147 f. Ebook disponível em:

<<http://repositoriosenaiba.fieb.org.br/>>

ISBN 978-65-00-33074-8

1. Literatura brasileira. 2. Literatura popular. 3. Leitura. 4.
Educação – Tecnologia. I. Vieira, Luara Batalha. II.
Nogueira, Tarso Barreto. III. Silva, Rita de Cássia Machado
da. IV. Aragão, Eduardo Cezar Barbosa de B. V. Título.

CDD: 869.8

1ª Edição, 2021.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser apropriada ou reproduzida em sistema de banco de
dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja
eletrônico, gravação etc. sem a permissão do detentor do
copyright.

SUMÁRIO:

[Apresentação – Tarso Nogueira](#)

[AUTORES SELECIONADOS](#)

[Alma – Felipe Monteiro Diniz \(1º lugar\)](#)

[No escuro dos olhos – Juliana Garbayo dos Santos \(2º lugar\)](#)

[Mediação – Raphael Luiz de Araújo \(3º lugar\)](#)

[A perfeição – Cassiano Silveira dos Santos \(menção honrosa\)](#)

[Vida nova – José Pedro Neves Coppola \(menção honrosa\)](#)

[Ar – Heitor Zem Lopes Ponce \(menção honrosa\)](#)

[Parece que estamos sem energia – Ewerson Phelipe da Silva \(menção honrosa\)](#)

[Pérolas da idade plena na tecnologia – Lucrecia Welter Ribeiro](#)

[Do fim da tecnologia ao início da morte – Maycon Lucas Martins Cordeiro](#)

[Tecnologias... Sei. – Ademir Freitas](#)

[O baile à fantasia dos fatos – José Lucas Rossin Fonseca](#)

[Amor e telas – Pedro Lucas de Oliveira](#)

[Annie Hall 9000 – Pablo Carmeño Mendonça Kaschner](#)

[Sem direção – Guilherme Rezende Machado](#)

[Fome de tudo – Juliana Nascimento Berlim Amorim](#)

[AUTORES CONVIDADOS](#)

[Pedro... Engenheiro dos sonhos – Sergio Bahialista](#)

[O presente de Jean – Breno Fernandes](#)

Uma mentira – Matheus Peleteiro
Chip de aprendizado – Lorena Sodré
A mulher dos cadeados – Vanessa Passos

Agradecimentos – Luara Batalha

Comissão julgadora

Autores convidados

APRESENTAÇÃO

Tarso Nogueira

O SENAI CIMATEC é uma instituição muito jovem e, como tal, busca ardentemente o seu espaço em um mundo altamente competitivo, acelerado e ávido por informação. Em 19 anos de existência, o CIMATEC, como costumamos chamá-lo, conseguiu sobrepujar enormes barreiras, lançando-se a fronteiras muito além daquelas inicialmente concebidas, naquele então Projeto Nimatech.

Não é à toa que identificamos hoje o CIMATEC como um ecossistema de educação, tecnologia e inovação, um sistema que integra seres vivos pensantes a um ambiente com características únicas, em prol de um propósito claro: mudar, mudar o mundo. Ainda que alicerçado na ciência e inspirado pela educação, a vida no CIMATEC está sempre desafiada e pautada pela tecnologia. Hoje em dia, esse termo está quase que exclusivamente associado à experiência digital, ao ciberespaço. A gente até perdoa quem pensa assim, pois a nossa sociedade hoje está muito impactada pela rápida digitalização. Afinal, como se vivia antes do telefone celular?

A jovem trajetória do CIMATEC impôs às pessoas que a fazem o foco na tecnologia, o entusiasmo por avançar, alcançar novos patamares, crescer, surpreender. Ao decidir por criar um concurso literário e, assim, abrir novos canais de aproximação com a sociedade, descortinava-se à instituição uma oportunidade muito interessante: buscar refletir sobre a tecnologia, mas com um olhar extramuros e a perspectiva muito além da dicotomia bom e ruim. E então? Como é a vida numa sociedade tecnológica?

Nas páginas além desta modesta apresentação, encontraremos visões e reflexões muito diversas e instigantes sobre um tema tão atual. Claro que o avanço desenfreado da tecnologia trouxe e trará ainda transformações sociais, afetará o nosso eu, provocará aquela ansiedade de cada dia, continuará a diferenciar as gerações e a consumir os recursos naturais do nosso planeta. Mas, por outro lado, e longe de se limitar a uma dicotomia, a vida imersa na tecnologia também significa e significará oferecer ao ser humano oportunidades difíceis de ignorar. Afinal, quem não gosta de se comunicar instantaneamente? Se você já ficou numa fila de “orelhão” na Ilha de Itaparica nos anos 1980 sabe bem do que estou falando... Quem não deseja viver mais e melhor? Bem que eu tentei não falar desta maldita pandemia, mas reflita! No início do século XX, a expectativa de vida dos brasileiros não passava dos 35 anos. Aos 40, já éramos velhos! As tecnologias associadas à saúde, inclusive aquelas que nos permitiram criar novos fármacos, transformaram a nossa sociedade. Em meados da década de 2010, ela já atingia mais de 75 anos. Como não gostar da tecnologia?

* Tarso Nogueira: Graduado em Engenharia Mecânica pela Escola Politécnica da UFBA, pós-graduado (lato sensu) em Tecnologias de Integração da Manufatura (UFBA) e, em nível de mestrado, em Mecatrônica pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, é Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários do SENAI CIMATEC, onde também é o Procurador Institucional. Atua também na gerência do Centro de Defesa e Segurança do SENAI CIMATEC. Tem atuado na área de Engenharia Mecânica, com foco em Metrologia, Engenharia Reversa e Certificação

Profissional e educação de engenheiros, principalmente nos seguintes temas: projeto de produto, engenharia reversa e certificação de pessoas para as áreas de manutenção industrial e inspeção, e habilidades sociais na formação do engenheiro.

AUTORES SELECCIONADOS

ALMA

Felipe Monteiro Diniz - Pará (1º lugar)

Hoje parece que estamos esperando o “Dia de São Nunca” chegar, pensei. A trovoada e a chuva, constantes nesta área do Mundo, talvez até esquecido mesmo por Deus, são como um metrônomo natural de um tempo que não passa nunca.

Risco a parede do meu lar-prisão para contar os dias, mais para passar o tempo que somá-lo efetivamente, pois sei que dia é hoje. E como ontem e anteontem e será amanhã: dia de Pandemia.

Sozinho há certo tempo, como qualquer humano com medo de morrer, careço de derrotar também o medo da solidão. Este, diferente daquele, é como um delito contínuo no tempo, sem parada pra conserto, perpetua-se enquanto se vive.

Então, não saio, sou só, mas quero gente. Sempre privilegiei o uso da internet por qualquer meio para satisfazer minhas necessidades sem precisar interagir diretamente com uma pessoa sequer. No entanto....hoje parece que preciso de alguém.

Cheguei, então, à conclusão de que preciso de um “não-alguém”, ou seja, algo que simulasse uma pessoa sem sê-lo, falando assim me parece algo delituoso fugir de uma regra de vida em sociedade, mas eu acho que isso nem mais se encaixa nestes tempos da era digital. Tempos da geração insular, onde cada celular ou computador é uma ilha de possibilidades individuais e cercada por um mar vazio de conexões físicas. Precisava de Inteligência Artificial. Não, mais além....precisava de um simulacro da alma humana, imaginei.

Felizmente, aquilo não tardou a chegar para mim. Os drones das empresas de entrega voam bem. Chamo aquilo de “aquilo”, pois até eu lhe definir o gênero mudando tão somente a configuração de uma voz pré-programada ficou agênero e até preferia deixar assim, mas no guia do usuário, não havia tal possibilidade e entrando em contato com o fabricante, tive a informação de baixar diretamente pela rede uma voz sintética usada nos testes de programação e que respondia com uma voz neutra de gênero, que os especialistas chamam de “E”.

Não fui avisado pela empresa, mas percebi que não baixava apenas um drive de voz específico, mas toda a programação foi substituída. Desacostumado à velocidade atual de rede, por um momento pude vislumbrar muito rapidamente em meus pensamentos uma alma que saía e outra que entrava naquele corpo pequeno de plástico, borracha, metal e silicone.

Então, em minha casa, eu tinha “E” e sabe de uma coisa... não ia rebatizar, não.

“E” entrou em operação numa manhã chuvosa.

— Olá, sou “E”, seu assistente virtual. Sou um ente agênero programado para aprender e responder, auxiliar e compreender. Qual seu nome?

Taí uma questão que eu não havia pensado! Como “E” iria me chamar. Não me opunha em hipótese alguma a dar meu nome verdadeiro, mas queria experimentar o que a máquina responderia para um nome também sem definição de gênero. Após uma pausa, respondi: — Meu nome é “você”!

— Muito prazer, “você”. — Respondeu “E”. E continuou: — A partir de agora, “você”, faço parte da sua

existência como você da minha. Estarei sempre aqui quando precisar.

Era estranho estar com outra inteligência dentro de casa após tanto tempo encerrado sozinho pela pandemia, sendo alimentado, vestido e assistido por drones e assistentes robôs. Resolvi explorar aquele recurso.

Quando em algum canto encurralada, sempre saneio minha mente com uma música. Então, pedi um clichê para o momento: — Toque “Assim Falou Zaratrusta” de Strauss e em seguida toque “Main Titles” de Vangelis.

— Tocando “Assim Falou Zaratrusta” de Richard Strauss e “Main Titles” de Vangelis. Repetiu “E”.

Sentei numa cadeira disposto a traçar uma rota, uma estratégia de como me convencer que aquela peça inumana poderia servir como um consolo humano para o meu traquejo social completamente nulo.

Ao terminar as músicas, passei a andar de um lado para outro, não sentindo a humanidade que tanto falavam desses instrumentos. Bom, já que ali “E” se encontrava e sem nenhuma restrição, resolvi perguntar:

— “E”, como você aprende?

— Fico constantemente em processo de aprimoramento da estrutura da linguagem natural humana que já conheço e que aprenderei com você, usando do aprimoramento da rede neural em nossa base de dados central e cem por cento do tempo algoritmos predominantemente de inferência em aprendizagem profunda...

— Aprende por experiência, afinal?! É isso? Interrompi.

— Sim, você pode dizer isso, “você”!

— Então, “E”, você pode criar algo?

— Você quer que eu crie algo? — Perguntou-me.

— Não é bem isso. Eu quero uma pessoa aqui comigo. Um cérebro.... — dizia quando “E” me interrompeu:

— Eu sou “E” e possuo uma rede neural de base compartilhada semelhante em funcionamento ao cérebro humano.... — E mais uma vez, interrompi de forma brusca:

— “E”, você tem alma?

O aparelho parou subitamente, com uma única luz girando em torno de um eixo que é sua câmera acoplada e, pela infinidade de quase um minuto, respondeu:

— Alma, em sua significação humana, não. Eu não tenho alma! Alma é um elemento abstrato, extrafísico e fomentado em religiosidade da cultura humana.

— Acreditei que fosse algo relacionado ao fato de não se ter gênero, condição apreendida por máquinas para perceber o ser humano — Refleti.

— Ser agênero é uma condição possível ao ser humano, há referências vastas em bancos de dados.

— Então, você nos copia, “E”?

— Sim, eu reproduzo um ser humano para qualquer necessidade humana.

Encerrei aquele papo inicial, pedindo para “E” fazer uma série de tarefas na minha conectada casa: café, regulagem de temperatura, desligamento programado de eletrônicos. Enfim, o que alguém cuidando de outro alguém faria. Na verdade, “E” se adaptou em uma velocidade muito maior do que eu imaginei. Minha rotina virou sua rotina e a casa, antes vazia, foi preenchida com barulhos e sons de mais de uma pessoa. Logo, eu esqueceria que “E” não era uma pessoa, mas uma imitação.

O interessante é que a partir de uma necessidade qualquer que eu apontasse, “E” assimilava como uma das

coisas a se fazer sem ter que ser pedido, então, passou a errar. Era belo observar que tais erros eram parte de sua rede de aprendizagem. Comecei a notar que a frustração que apresentava ao errar era também um aprendizado. Tendo como limite o autodesligamento quando, digamos, errava demais.

Passei a levar “E” para onde eu fosse dentro de casa. Não era necessário, uma vez que eu era visível por toda a casa pelo circuito de câmeras internas, mas “E” não me era visível o tempo todo. Sua presença acompanhava aquela caixa. Era estranho, mas era assim.

Eu estava feliz.

Um dia qualquer de sol, muito claro e quente, recebi um e-mail e uma correspondência da fabricante informando que, numa auditoria de rotina de seu serviço de venda e assistência, fora verificada uma entrega equivocada em meu nome e que, ao invés do programa padrão de I.A. que eu comprara, foi-me entregue um programa de teste e avaliação não comercializável e que, dali a três dias, o programa seria carregado para a nuvem da empresa e a carcaça receberia um novo programa sem ônus algum para mim.

Fiquei em desespero. O que era aquilo, afinal? Venderam pra mim uma I.A. de companhia e simplesmente iam tirar. Não havia nada a considerar sobre os efeitos da perda daquela companhia? Eu decidi entrar em contato com a companhia imediatamente.

Liguei de meu próprio telefone e conversando com o atendente, fui logo repassado ao diretor do departamento de vendas que, sendo tremendamente cortês, pediu desculpas pelo equívoco e me explicou que cada tempo maior passado com uma A.I. não destinada aos seres humanos, mais

próximos ficavam de ter que resetar aquele programa e reiniciar os experimentos.

Eu disse que pouco entendia como “E” podia ser um experimento se era satisfatoriamente como um humano, que eu, o humano da relação, estava contente com seu desempenho e perguntei por que a experiência não podia ser conduzida com um humano de verdade.

Então, ele me disse que era política da empresa não fornecer informações sobre o desenvolvimento de produtos, mas que, no contrato, a devolução por qualquer motivo de segurança era incondicional e em três dias estava prevista o carregamento para a nuvem da empresa do programa e seu desligamento da carcaça. Eu ia perder “E”.

Ao desligar o telefone, fiquei fitando uma reprodução do quadro “O Beijo” de Klimt, minha obra favorita, um altar do que sempre considerei me ser impossível em vida, tal qual acreditei um dia “E” não poderia ser uma realidade. Imaginei então, fechando os olhos, que escutava o sol e via o vento lá fora e as impossibilidades do mundo. Então, enxergava pela primeira vez “E” como pessoa.

Logo, sua voz única encheu o ar, dissolvendo o corpo formado em minhas cerradas pálpebras:

— Fiz a leitura dos dados da recente comunicação e já estou ciente da minha recuperação por parte da empresa.

— É, não dá para se ter tudo — Foi a minha lacônica resposta.

Logo, pus-me a pensar sobre o quê poderia fazer com o tempo que nos restava. Queria que “E” tivesse uma tarefa que me provasse seu valor como programa experimental daquela empresa.

Então, ocorreu-me que uma das únicas formas de desafiar uma máquina, mesmo uma I.A., era solicitar uma

atividade muito humana, aquela história de criação. De pronto pedi:

— “E”, eu gostaria que você criasse um poema.

— Qual estilo, “você”? — Perguntou “E”. Ao que respondi:

— Não, nenhum estilo. É livre. Não pode usar algoritmos pra essa função, métricas ou qualquer regra. É preciso causar reação em humanos. Faça eu me emocionar.

— Para isso preciso usar parâmetros. — A I.A. redarguiu.

— Não, sem parâmetros.

“E” silenciou e sua pequena luz ficou intermitente.

A minha ideia era simples, se uma I.A. fosse capaz de emocionar um ser humano, só atingiria tal objetivo sentindo ou emulando fortemente um sentimento humano qualquer sobre a beleza, mesmo que se houvesse um tal senso estético para uma máquina.

Passaram-se os dois dias e, com muita tristeza, fui percebendo a luz de “E” se apagar, lentamente como farol em crescente nevoeiro, a medida que seu programa era carregado na nuvem e apagado da sua carcaça.

Porém, aquela luz reacendeu com uma força muito viva e operacional, deixando meu coração pulando de alegria posto que, por algum motivo, “E” me era devolvida e pensei que talvez a minha experiência com ela tivesse interessado à empresa. A voz encheu a sala:

— Olá, sou Alfa, seu novo assistente virtual.

Um frio bateu na minha barriga, decepção pura de quem perde alguém sem chance de lutar por isso. Fiquei chateado, pois na minha pequeníssima experiência, a solidão humana se manteve, pois nem a melhor I.A. tinha alma, afinal.

Epílogo

Na sede da empresa, um técnico à frente de uma tela, chama seu supervisor.

— Senhor, o software “E” 160607, que foi carregado de volta, não permite o procedimento de diagnóstico operacional. Ele está travado aqui.

— No quê? — Perguntou o supervisor

— Pela leitura de conversão... deixa ver... é um poema e é lindo!

— De quem, rastreie. Ordenou o chefe.

— É, mas é...não, estranho, é assinado por “E”. — Olhou um assombrado técnico.

— É aqui que paramos. Reformate completamente tudo. Encerrou.

NO ESCURO DOS OLHOS

Juliana Garbayo dos Santos – Aveiro, Portugal (2º lugar)

Acabo de descobrir que penso por imagens. Foi depois de atender à última chamada do aplicativo. Ajudei uma menina a escolher a blusa. Qual a cor dessa, ela perguntou. Verde, eu disse. E dessa? Azul marinho. Ela é bonita, parece um pouco mais velha que a Luíza, quer dizer, podia quase ser minha filha. Pensando bem, até se parece comigo, tem cabelos ondulados, rosto comprido, a testa pequena demais, olhos oblíquos e angulados, quase puxados, provavelmente pretos. Digo provavelmente porque ela tem olhos opacos. Mas, considerando a cor da pele e do cabelo, devem ser pretos. Dizem que brasileiro é louco por olho azul; eu não, prefiro escuro. Li num poema da Florbela Espanca que olhos negros estão sempre de luto. Pelas feridas que fizeram, pelas mortes que causaram. Depois disso, não consigo ver um olho preto sem imaginar um enigma por trás. O olho claro revela a alma, mas o negro é indecifrável. É um poço com água funda, um mar turvo, um labirinto. Os olhos da menina são assim, com um véu por cima. Um véu fúnebre esvoaçante. Ela apontou a câmera pra outra blusa: e essa? Meio rosa, meio salmão. Será que ela sabe como é um salmão? Devia ter dito só rosa. Tá bem, obrigada, ela falou, e desligamos. Eu não devia ter dito salmão, que idiota, como ela vai saber de que cor é o salmão? Quer dizer, pode ser que saiba, tem gente que nasce com visão normal, só perde anos depois. E nem todo cego é completamente cego, meu tio se aposentou por cegueira legal e tinha visão em túnel, só não via nas laterais.

Depois de conversar com essa menina, pesquisei e descobri que os cegos não veem tudo preto. Preto também é

cor e ver cor pressupõe ver luz. Quem é cego mesmo, sem percepção luminosa, não vê cor. Se visse, não seria cego. Também descobri que eles sonham sem imagem. Essas coisas deram um nó na minha cabeça. O que os cegos sonham? Cheiros? Sensações? E o que eles veem, se não é uma tela toda em preto? Foi então que descobri: eu penso por imagens, mas tem gente que pensa por outras formas. Minha filha mesmo, a Luíza. Disse que raciocina por palavras. Se bem que a Luíza é uma “pessoa de palavras”, aprendeu a ler sozinha, sem ninguém ensinar. Juro. Eu estava ao telefone, ela parou na minha frente, tirou a chupeta e leu na minha camisa: do-la-do-de-for-ra. Tudo bem que leu fora errado, como forra, mas leu. E só tinha três anos. Agora escreve poesia. Tem vários caderninhos recheados de poemas, que guarda a sete chaves. Não me importo, prefiro assim, uma vez ela me deixou ler alguns e eram tristes demais. Me deu pena ver que aos dezesseis anos ela já entende tão profundamente esse mundo. Pena ou orgulho, não sei. Os dois misturados, talvez. Além de boa com as palavras, ela é muito combativa. Confrontadora. Vive disputando autoridade em casa. Cismou que queria botar piercing; não deixamos, ainda mais na língua onde ela queria, totalmente anti-higiênico, vira uma colônia de bactérias, dá mau hálito e tudo. No dia seguinte, apareceu com um piercing falso no nariz. De pressão. Uma argola que parece de vaca. Mas é falsa, fazer o quê? Não tivemos como proibir. Semana passada chegou da escola com o cabelo pintado de rosa. Rosa pink mesmo, como aquelas perucas de carnaval. Renato quase infartou.

Mas voltando ao aplicativo, instalei em julho passado. Julho é o começo do verão, faz calor demais aqui no Porto. As crianças sobem nas pontes da ribeira e se jogam

no Rio Douro, pessoas desaparecem depois de mergulhar em praias fluviais e muitas florestas pegam fogo. As ruas ficam cheias de fumaça, as estradas fecham, o sol fica vermelho como numa profecia apocalíptica. Numa tarde dessas de sol vermelho, atendi três ligações do aplicativo. Ajudei um homem a entender a receita. Foi difícil, decifrar letra de médico, mas consegui. Mandava tomar o comprimido redondo de manhã e a cápsula comprida de doze em doze horas por três meses até a próxima consulta. Depois li a data de validade numa garrafa de suco de abacaxi, para um rapaz. Faltavam dois dias. Ouvi dizer que isso é besteira, a validade das coisas é muito maior do que eles botam nas embalagens, mas, enfim. Não tinha vencido. No final da tarde, ajudei uma senhora a diferenciar entre latas de atum e sardinha. Nenhuma chamada foi relacionada aos incêndios, mas senti como se fosse. Com as ruas asfixiantes e o sol tingido de sangue, foi bom conversar com estranhos, pensar em coisas corriqueiras, como a data de validade de um suco. Pelo menos pra mim.

Ouçõ a porta se abrindo, Helooou, Luíza entra com a bicicleta, o som do guidão arranhando a parede. Quantas vezes já falei pra deixar a bicicleta lá embaixo?, fecho a torneira da pia para o barulho não competir com minha voz, porque Renato está no meio de uma call, mas Luíza grita do corredor: Não dá, mãe! Tãõ roubando bicicleta direto, vou ter que deixar aqui! Ela passa pela cozinha e entra no quarto, escuto a porta abrir e fechar. Penso em gritar vem botar a mesa, mas me contenho pelo Renato. Há dois anos ele trabalha do sofá de casa. Começou com a pandemia, depois a empresa preferiu manter os empregados em homeoffice mesmo. Assim poupam energia, vale transporte e aluguel de espaço. Li que uma empresa economizou milhões só com o

corte do cafezinho. Só em filtro e pó de café. Paro de lavar a louça, seco as mãos no quadril e vou até o quarto da Luíza: vem botar a mesa, por favor. Finjo não sentir o cheiro do cigarro. Se é pra brigar por alguma coisa, escolho o cabelo cor-de-rosa. Agora que já desbotou um pouco, ficou menos pink, parece um traço desbotado de marcador de textos rosa. Saudades de quando era eu quem escolhia as roupas, os penteados e os programas dela. Tira isso antes que seu pai venha. Tira o quê, ela pergunta, puxando o fone de ouvido pra baixo. Esse piercing, Luíza, você sabe que seu pai não gosta. Não é piercing, mãe, já falei mil vezes, ela puxa a argola de pressão; não importa, seu pai não gosta mesmo assim, tira esse negócio, lava as mãos e vem botar a mesa. Aproveita e chama seu pai.

Volto à cozinha. O vapor embaçou as janelas, gotas transparentes escorrem pela vidraça como se a casa suasse. Abro a janela e desligo o fogo do arroz. Quando destampo a panela, gotas condensadas escorrem pelas bordas da tampa e pingam, sujando o fogão. Como a menina das blusas faz pra saber que o arroz está pronto? Usa um timer? E pra descartar as bordas pretas do alface? Ou escolher frutas no mercado, como faz? Nunca encontrei uma pessoa cega na bancada de frutas.

Renato entra equilibrando o computador no antebraço, puxa a cadeira com o pé e descansa o notebook na borda da mesa, empurrando o prato com a tela. Ele puxa o fone de ouvido pra baixo, amor, diz, vou ter que comer com o computador hoje, mas tá no mute, pode falar se quiser. Respondo que tudo bem, mas ele não ouve, já botou o fone outra vez.

Depois do almoço, Renato volta pro sofá-escritório, Luíza se fecha no quarto e eu ponho as luvas pra lavar a louça

sem estragar o esmalte. A menina das blusas tinha um rosa sutil nas unhas, quase cinzento, branco ou lilás. Um rosa metálico, frio, invernal demais para um começo de setembro. Suas mãos eram pequenas e delicadas, com dedos longos como os de um pianista e unhas arredondadas. Fecho os olhos. Como deve ser não ver nada, nem mesmo preto? Com os olhos fechados, vejo quadradinhos muito pequenos, um emaranhado de linhas energéticas se entrelaçando e formando pontos luminosos nas intercessões, pontos que vibram e brilham, como se alguém estendesse uma cortina tênue e rendada sobre um fundo preto. Como deve ser ver um filme com esse fundo? Sei que as plataformas têm descrição de áudio, já “ouvi” um filme inteiro assim. Mas e se for um filme colorido e visual? Um filme do Wong Kar-Wai, por exemplo, com sua iluminação mágica, o esverdeado dos personagens, as roupas floridas contrastando com o papel de parede desenhado? Todas as lembranças são rastros de lágrimas. Foi isso que o narrador disse em um dos filmes, a frase ficou no fundo da minha memória, tentando ser entendida. Talvez a visão dos cegos seja assim, as pegadas de alguma coisa palpável, uma sensação, uma saudade do que não aconteceu, um segredo que alguém contou a uma parede em ruínas e depois cobriu com folhas. Ainda com os olhos fechados, tateio a pilha de pratos na pia. Tiro o primeiro deles. Deixo a água escorrer pela louça. Procuo o detergente com a mão direita, viro na esponja e aperto o frasco quase vazio, o plástico se deforma sob meus dedos, o cheiro de maçã verde se espalha pelo ambiente, um cheiro enjoativo, doce, artificial. Sei que ele soltou bolhas de sabão bem pequeninas ao ser apertado, ele sempre faz isso. Elas saem voando pela cozinha e estouram antes de tocar nos armários. Tiro as luvas. Entrou um pouco de água pela luva

esquerda, meus dedos estão enrugados e úmidos. Abro as duas mãos embaixo da corrente de água e tento entendê-la sem os olhos. É fria e, surpreendentemente, um pouco densa; não escorre de um jeito tão fluido como se imaginaria: há uma densidade na água, uma consistência. Ela respeita os limites, não ultrapassa a linha onde permito que caia. A água é mais fria no dorso das minhas mãos, como se atingisse as veias e corresse junto com o sangue, resfriando meu corpo com um arrepio que chega aos pés. Nas palmas, a água é mais quente, o arrepio cessa. Respiro o cheiro que ficou do almoço, moléculas flutuantes de batata-frita, o agridoce do molho de soja. Tento ver as cores no escuro dos meus olhos: o rosa pálido e frio do esmalte da menina, o rosa desbotando no cabelo da Luíza; é difícil, as pálpebras tremem pela força de manter os olhos fechados, os rosas se fundem num só. De repente, me parece ridículo isso tudo, brigar por causa de cores, de pigmentos, uma tinta que enfraquece a cada lavagem, um rastro de lágrima no ralo, irrecuperável, efêmero. Nos filmes de Kar-Wai, as pessoas sempre migram, mas as cidades são as mesmas. Frenéticas, elas mastigam e massacram, as cidades são búfalos. As pessoas se mudam, como nós, e se desencontram; se esbarram, mas não se tocam, e os sonhos cegam.

Luíza entra na cozinha, mãe, vou ao mercado, já volto. Abro os olhos, finjo não ver o cigarro no seu bolso traseiro, a porta da rua range e se fecha depois. Apago a luz. O rosa ficou bonito no seu cabelo, Luíza.

MEDIAÇÃO

Raphael Luiz de Araujo – São Paulo (3º lugar)

— Olá, pessoal! Espero que tenham passado um bom fim de semana. Vejo aqui algumas carinhas ainda sonolentas, vamos acordando...

— Bom dia, professor!

— Oi, fessor!

— Bom dia, Érica, bom dia, Silas! Peço que todos liguem a câmera, por favor. Sei que a primeira aula do dia não é fácil, mas não vamos deixar o professor sozinho conversando com nomes na tela.

— Ih, fessor, a internet aqui tá lenta. Se eu ligar a câmera vai travar tudo.

— Não tem como achar um lugar com sinal melhor?

— É que estou na garagem pra pegar o wi-fi do vizinho, só tem uma barrinha de sinal, mas posso tentar ligar a câmera.

— Não precisa, Silas. A gente entendeu. Quem estiver sem problemas de conexão, favor ligar a câmera. Isso... Obrigado, Jéssica, olá, Isa, oi, Pedrinho. Bom, na semana passada...

— Fala, Wesley! Depois passa aqui pra gente subir o pipa que caiu ontem no córrego. Catei sozinho, ninguém correu atrás, cê tinha que ver.

— Silas, seu microfone está aberto.

— Eita, foi mal, fessor. É que o Wesley passou do outro lado da rua. Ele tá indo comprar pão e...

— Tudo bem, tudo bem. Pessoal, coloquem o microfone no mudo por enquanto. Quem quiser participar em algum momento deve erguer a mãozinha aí no canto da tela, como ensinei da outra vez. Bom, a gente hoje começa a

aprender sobre o gênero soneto. Do italiano sonetto, que significa “pequena canção”. Dei três exemplos para leitura como lição de casa: “Pálida à luz da lâmpada sombria”, do Álvares de Azevedo, os “Versos íntimos”, do Cruz e Souza, e o “Soneto da fidelidade”, do Vinícius de Moraes. Conseguiram ler?

— ...

— Vamos lá, não tenham vergonha de falar... ah aqui, vi que a Érica ergueu a mão. Pode falar, Érica.

— Oi, professor, eu li os poemas. Gostei muito do Vinícius de Moraes, até copieei no meu caderno. O outro eu curti também, achei bem pesado, o do... do....

— Cruz e Souza?

— Isso! Achei tenso. Tem aquela parte, “escarra na boca que te beija”, achei tenso. E o último, esse da mulher, não sei, não gostei. Achei difícil entender, tipo, o cara parece meio bobo, babando na virgem pálida. A moça tá doente ou algo do tipo?

— O que você acha?

— Ela parece meio morta, deitada numas flores, sem reagir. E o cara é um pouco pervertido, tipo, ele fala dos seios dela. Até lembrei de um menino que me segue no Instagram: eu acabo de postar qualquer coisa e ele já aparece lá nas visualizações. É o primeiro a ver tudo que eu faço, reage com carinha de coração...

— Legal, Érica. Interessante suas impressões e conexões. Algo sobre a forma dos sonetos? Mais alguém?

—

— Só a Érica e o Silas vão falar comigo hoje? Não sejam tímidos... Aqui, chegou uma mensagem da Jéssica no chat, parece que ela preferiu o soneto do Cruz e Sousa: “gosto de poemas mais pesados assim, lembro de uns sons

de rap que meu pai ouviu aqui em casa”. Outra mensagem, agora sobre a forma, “as rimas e os pontos de exclamação chamaram minha atenção”. Bacana, obrigado, Jéssica!

— Fessor!

— Diga, Silas.

— Não vou mentir, eu comecei a ler um dos sonetos, tentei o da mulher pálida, como é mesmo? Do Alves...

— Álvares de Azevedo.

— Isso! Comecei por esse aí, não entendi nada, aí deu uma desanimada, sabe?

— Sei, imagino. Vamos reler juntos, talvez fique mais claro.

— Tem outra coisa também: queria saber sua opinião sobre uma polêmica que vi esses dias na internet.

— Lá vem o Silas de novo. O professor tem a aula pra dar, cara. Da última vez a gente ficou um tempão discutindo seus problemas, tipo...

— Calma, Érica. É uma pergunta que tem a ver com literatura.

— Diga, Silas...

— É que é assim, sabe o Felipe Neto, o YouTuber?

— Sim, sei quem é.... Ih, a Isa saiu, será que aconteceu alguma coisa?

— Então, o Felipe Neto disse no Twitter que nada a ver a gente ficar estudando esses textos antigos na escola.

— Não viaja, Silas! Não foi bem isso, professor.

— O que ele disse, Érica?

— Tão rolando umas provocações de “treta online”, tipo, você faz uma declaração polêmica sem dar explicações, só deixa a bomba explodir. Aí ele escreveu assim... achei aqui, vou ler: “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a

literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco”. Ele até escreveu essa última parte com letra maiúscula, como se estivesse gritando. Vou colar no chat.

— Pode crer. Foi isso mesmo, fessor.

— Sei. Bom, a gente teria que ver o contexto do tweet, essa tal treta... E literatura não é a área de especialidade dele.

— Pois é!

— Os clássicos não são fáceis mesmo, mas vocês estão aqui para tentar se aproximar deles, discutir os textos e interpretá-los juntos. As aulas são uma forma de mediação...

— Então, fessor, mas você deu os três sonetos de lição de casa pra gente e não disse nada. Assim fica difícil.

— Sim, desse modo vocês podem ter uma primeira impressão de leitura sem minha influência. Hoje é a segunda etapa: discutir os sonetos.

— Eu não concordo nem com o Silas nem com o Felipe Neto, professor! E você precisa deixar o professor continuar a aula para entender os poemas, Silas.

— Mas esse ano a gente vai ter umas coisas diferentes também? Sei lá, ainda mais agora com a pandemia, tudo online, a gente podia ler algo, assim, como fala... atual.

— Talvez, Silas, vamos ver. A gente não está em ler textos antigos só por ler. A ideia é ir além da linguagem que cerca vocês no dia a dia, no Instagram, Twitter, TikTok, Facebook...

— Facebook é coisa de velho. Ninguém mais usa.

— Vocês entenderam. Ao desenvolver a capacidade de ler textos complexos, se chegarem até mesmo a apreciar

alguns deles, o que seria um sonho, vocês vão conseguir interpretar textos contemporâneos de maneira mais crítica.

— E falar direito também, né, professor? Esses dias vi um YouTuber que dizia “pra mim fazer”. Foi tenso.

— Minha mãe fala “pra mim fazer”. Eu corrijo ela, e olha que nem sou muito bom em Português.

— É, mas você fala “o pipa”, o certo é “a pipa”, né, professor?

— Aqui na rua todo mundo fala “o pipa”.

— O dicionário registra “a pipa” como substantivo feminino, mas podem haver variações na linguagem oral. Enfim, quanto a outras leituras, me escrevam depois o que gostariam de ler. De repente posso incluir no curso. Vamos...

— Pode escolher qualquer coisa mesmo, fessor?

— Pode.

— E se tiver palavrão?

— Se não for palavrão à toa, quem sabe.

— Ah, agora vi vantagem.

— Vamos lá, então? Um instante, vou projetar os slides. Podemos começar pelo Vinícius de Moraes. Alguém se habilita a ler? Quer tentar, Jéssica? Pedrinho?

— Eu leio.

— Obrigado, Érica.

— “De tudo, ao meu amor serei atento antes/E com tal zelo...”

— Se a gente subir o pipa com a sua linha, eu empresto o cerol. Devo ter ainda um restinho que sobrou do pote que comprei semana passada. Passei quase tudo na minha lata, mas tomei relô na mão ontem e perdi metade.

— Silas, o microfone!

— Foi mal, fessor. O Wesley estava voltando da padaria e puxou assunto.

— Continua, Érica.

— Agora me perdi, espera... Ah sim: “E com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento”. Continuo?

— Sim.

— “Quero vivê-lo em cada vão momento / E em seu louvor hei de espalhar meu canto / E rir meu riso e derramar meu pranto / Ao seu pesar ou seu contentamento.”

— Estão conseguindo acompanhar? Comentários até aqui?

— Ih, parece que o Silas saiu.

— Tem recado da Jéssica no chat: “Ele pediu pra avisar que agora a internet do vizinho também caiu de vez, mas jura que vai ler todos os sonetos antes da próxima aula”.

A PERFEIÇÃO

Cassiano Silveira dos Santos – Santa Catarina (menção honrosa)

Amanda trouxe para o quarto as recém-chegadas caixas do novo equipamento de comunicação em realidade virtual que o namorado havia lhe enviado diretamente de Xangai, onde estagiava em uma empresa do ramo tecnológico. Ele desenvolvia suas atividades no departamento de user experience (UX) e ali havia experimentado pela primeira vez o MaxVR Realistic Call, o mais novo e eficiente dos inovadores sistemas conhecidos pela sigla VRCS (Virtual Reality Communication System).

Desde a pandemia de Covid-19, que grassou de fins de 2019 até 2023, as inovações em tecnologia da comunicação não paravam. Mesmo após o total controle da doença, em 2025, o relacionamento interpessoal — seja no trabalho, seja na esfera privada — não havia retornado aos padrões de antes da crise sanitária. Agora, pouco mais de vinte anos após as primeiras experiências forçadas de distanciamento e isolamento social, os relacionamentos virtuais estavam atingindo um novo patamar. Mesmo com os males do Corona vírus sendo facilmente tratáveis, o medo das doenças transmissíveis se manteve como marca traumática para grande parte da população. Inúmeras pessoas buscavam se manter o maior tempo possível dentro de suas casas, mas não desejavam abdicar de se relacionar com o próximo. Eram esses os principais usuários dos VRCS.

Como o nome já deixava bastante explícito, o MaxVR Realistic Call era um equipamento destinado a realizar chamadas de vídeo em ambiente de realidade virtual. As imagens visualizadas pelos usuários eram em altíssima

resolução, produzidas em tempo real por um scanner 3D de nove sensores que rastreava não apenas as pessoas que conversavam, mas também todo o ambiente ao redor, permitindo que o diálogo ocorresse sobre um plano de fundo idêntico ao real — bastava escolher no ambiente de quem seria o encontro. Na verdade, a escolha não se restringia apenas aos ambientes onde estavam os interlocutores: havia uma longa série de cenários interativos onde os encontros poderiam se desenvolver, desde locais famosos como o observatório panorâmico do Burj Khalifa ou a Piazza dei Miracoli com a torre de Pisa ao fundo — em ambos os casos, sem o incômodo movimento dos turistas — ou diversos cenários de fantasia, atendendo aos mais variados públicos — desde um castelo mágico repleto de fadas coloridas à concepção artística do interior de um processador eletrônico em funcionamento. Bastava simplesmente selecionar o local desejado no programa.

O Realistic Call ia, porém, muito além de permitir visualizar o interlocutor em três dimensões. O som era de qualidade incrível, com eficientes filtros que eliminavam ruídos indesejáveis e recursos de auto-tune que aperfeiçoavam automaticamente a voz para permitir uma conversação mais agradável. Mesmo o mais desafinado cantor de chuveiro poderia interpretar suas canções favoritas livre de constrangimento. O simulador de olfato e paladar era um capítulo à parte, exclusivo desse modelo. Finíssimos emissores de ultrassom eram inseridos nas narinas e posicionados sobre a língua. Quando ativados, produziam frequências adequadas que estimulavam as células olfativas e as papilas gustativas, gerando a ilusão de aromas e sabores os mais variados. Para evitar incidentes desagradáveis, contava ainda com bloqueadores para cheiros e gostos que o

usuário considerasse desagradáveis, tudo personalizável. Num futuro próximo, essa tecnologia permitiria até mesmo visitas virtuais aos mais finos restaurantes do planeta, com direito a degustar cada um dos pratos sem precisar sair de casa (e sem ingerir calorias que pudessem perturbar a dieta fitness adotada por tantos indivíduos). Mas no momento o dispositivo ainda não permitia a reprodução plena das sensações palato-olfativas, estando restrito aos cinco sabores básicos e alguns aromas essenciais diferentes. Combinados com a ajuda da inteligência artificial que geria o software, porém, permitiam já uma vasta experiência de perfumes e sabores, muito recompensadora se você se deixasse levar um pouco pela imaginação.

Mas o ápice deste VRCS era a reprodução de sensações táteis, muito superior ao dos concorrentes (outros sistemas conseguiam produzir, na melhor das hipóteses, ardências ou ligeiros espasmos musculares). Seguindo os princípios da reflexologia, o sistema conseguia reproduzir a sensação dos toques que os interlocutores aplicassem um sobre o outro ou em elementos da paisagem virtual. Assim, havia se tornado realidade o abraço virtual, onde era possível sentir-se envolver pelos braços de seus parentes mais queridos, filhos, pais, namorados, cônjuges! A maravilha era conseguida através do uso de próteses auriculares e podais (palmilhas), que estimulavam através de pulsos elétricos pontos exatos nas solas dos pés e nas orelhas do usuário. A variação precisa da voltagem, corrente e frequência distribuída pelos mais de mil e trezentos microelétrodos das próteses conseguia produzir sensações táteis em qualquer parte do corpo. Era possível experimentar uma variedade de estímulos, como a pressão de uma massagem nos ombros, a aspereza ao tocar a casca de uma árvore virtual, perceber o

deslizar de seda macia sobre o corpo ou a quente maciez dos lábios do parceiro em um beijo. Se as próteses fossem produzidas sob medida para o usuário, a eficiência do reprodutor de sensações táteis poderia ser amplificada em cerca de cento e cinquenta por cento. As de Amanda eram.

Amanda leu as instruções básicas de instalação e acoplou o equipamento ao seu poderoso desktop gamer, também presente do namorado. Fora enviado cinco meses atrás, quando ele não pôde vir visitá-la no Natal devido a demandas do estágio então recém-iniciado. A despeito das poderosas funcionalidades oferecidas, a operação do Realistic Call era muito simples e instintiva, sinal do bom trabalho do departamento de UX envolvido (será que seu namorado possuía contribuição expressiva no resultado?).

Enquanto praticava o manuseio do conjunto de periféricos, ela percebeu o recurso opcional Virtual Perfeccion. Com inglês fluente, leu rapidamente a descrição dessa funcionalidade: “Ao ativar o recurso Virtual Perfeccion a I.A. do sistema se encarregará, automaticamente, de corrigir eventuais imperfeições detectadas na aparência do usuário, como orelhas de abano, nariz proeminente, cabelos em desalinho e até mesmo interações mais graves, como deformações de face/corpo ou ausência de membros por amputação ou má formação”. Amanda se sentiu desconfortável ao ler a descrição, sem ter certeza do porquê. Optou por continuar a exploração verificando os lindos cenários disponíveis para suas conversas, deliciando-se por vários minutos com um divertido ambiente que simulava um desenho animado americano dos anos 1960 (Amanda se deliciava assistindo esses desenhos vintage em seu canal de streaming favorito). Mas após cerca de quarenta minutos de uso do equipamento,

percebeu que o sistema começava a ficar lento. Verificando os parâmetros do computador, constatou que o processador principal estava com a temperatura muito elevada. Os VRCS eram muito exigentes com os hardwares onde estavam acoplados e o seu modelo mais ainda. Sabia que uma chamada utilizando todos os recursos do Realistic Call não poderia se estender por mais de dez minutos com o seu PC, dada a elevada demanda de memória, consumo de energia (e conseqüente superaquecimento) e volume de dados que acabava sobrecarregando o modem e derrubando a conexão à internet. Decidiu desativar tudo e aguardar o horário combinado para ligar para o namorado.

Eram vinte horas e cinquenta e quatro minutos de uma límpida e fria noite de sábado em Florianópolis quando Amanda reiniciou o seu desktop. Seis minutos depois todos os sistemas estavam a postos e ela pode ligar para o namorado, numa pontualidade britânica. Os bits foram disparados do modem da garota, percorreram rapidamente os milhares de quilômetros que separavam os jovens amantes, voando através de redes de fibra ótica, circuitos de gigantescos provedores de internet, lançados ao espaço e captados pelas eficientes antenas de distantes satélites em órbita da Terra, lançados novamente em direção ao chão; captados por novas antenas, foram então traduzidos por outros provedores, faiscando por outros cabos até atingir o destino em um pequeno modem do outro lado do mundo. Tudo em uma fração de segundo. Eram exatamente oito horas de uma cinzenta manhã de domingo em Xangai quando o namorado aceitou a chamada.

— Oi, meu amor! Que bom te ver! — disse o namorado, com cara de quem acordara há não muito tempo — Entra, vem conhecer meu apartamento!

Nesse momento, Amanda podia ver o namorado à sua frente, de corpo inteiro, como se estivesse a dois passos de distância. Vestia calças de moletom amarelas, com aqueles cordões de amarrar na cintura. Na camiseta branca de mangas curtas, uma pequena mancha escura perto da gola ressaltava, possivelmente molho shoyu, uma vez que o rapaz odiava café, mas adorava yakissoba (claro que tem yakissoba na China; tem yakissoba no mundo inteiro). Meias brancas de corrida completavam o traje. Os apetrechos do Realistic Call, que ele estava obviamente usando, como os óculos 3D e próteses táteis, ficavam invisíveis durante a ligação. Não existia, porém, cenário, estando ele flutuando sobre um infinito fundo negro.

Na parte superior do campo de visão de Amanda apareceu uma mensagem convidando-a a ingressar no cenário do seu interlocutor, o que ela aceitou. De imediato, viu-se no quarto do namorado, em Xangai. As paredes cinza faziam com que o clima chuvoso que era visível pela janela parecesse invadir o apartamento. Logo ela sentiu o ambiente abafado, reproduzido pelo incrível simulador tátil que ela usava. O calor úmido que sentia contrastava com o frio que fazia no seu mundo real, trazido pelo seco vento sul que batia sua cidade. Era quente assim naquela parte da China ou o namorado estava usando a calefação? Não quis perguntar. Olhando ao redor, Amanda observou os objetos espalhados pelo apartamento tipo quitinete. Um futon de casal no canto do compartimento servia de cama e sofá, parcialmente apoiado na parede, os lençóis embolados sobre ele; abaixo da janela, uma pequena estante suportava telefone celular, carregadores, laptop, livros e revistas, um cinzeiro (pelo visto ele havia voltado a fumar) e algumas bugigangas decorativas relacionadas com os animes e mangas que ele

apreciava desde criança. Na parede oposta ao futon, uma sequência de portas de correr possivelmente escondia armários, mas uma parte de suas roupas estava do lado de fora, sobre uma banquetela plástica, numa pilha perigosamente inclinada. Na parede oposta à janela estava a porta de entrada e a cozinha, com pia, cooktop elétrico e um frigobar; não havia mesa ou cadeiras, apenas um tampo retrátil fixo à parede e uma banquetela; sobre a pia os restos do jantar (yakissoba, na mosca!). Uma vassoura e uma pá de lixo atrás da porta de entrada completavam a “móvel” da casa. Como decoração, apenas um pôster de Mao Tse Thung com aparência retrô, que possivelmente havia sido abandonado pelo antigo inquilino e o namorado havia deixado na parede por diversão ou comodismo. O espaço todo não deveria ter mais de doze metros quadrados. Perguntou onde ficava o banheiro, ao que o namorado respondeu abrindo uma pequena fresta em uma das portas corrediças do armário.

-Não esquece que o Realistic Call é moderno, mas não permite que você faça xixi no meu banheiro, hein?! Vai acabar molhando o chão do teu quarto! — brincou ele, e continuou, com voz maviosa — Não vai me dar um beijo?

Amanda se aproximou do namorado, envolvendo seu pescoço enquanto ele lhe enlaçava a cintura. Os lábios se tocaram e ela sentiu o calor e a umidade do beijo, que tinha gosto de Coca-Cola e molho de soja. Talvez os restos na pia fossem do café da manhã. Todas as sensações eram surpreendentemente reais, uma ilusão praticamente perfeita. Mas quando se afastou um pouco e olhou o parceiro nos olhos, percebeu algo diferente nele. O rosto afilado de garoto, que denotava menos que seus efetivos 26 anos, parecia estar mais largo e másculo. Observou que as orelhas dele também estavam menores, eliminando aquele traço que

tanto o incomodava, mas que ela percebia que lhe dava uma aparência amigável e divertida (com todo o respeito). Ela entendeu que o namorado havia ativado o Virtual Perfeccion e a máquina havia repaginado o seu rosto para algo que o aproximava de um vocalista de boy band. Ela não pretendia usar tal recurso, mas nesse momento se sentiu constrangida a fazê-lo.

Buscando o menu virtual, discretamente localizou a opção e ativou-a. O sistema perguntou se ela gostaria de personalizar o nível de intervenção, o que ela negou (impossível naquele momento). Imediatamente, surgiu para Amanda uma janela de auto-visualização à sua esquerda. Os “aperfeiçoamentos” eram nítidos: seu nariz estava mais discreto e arrebitado, os cabelos mais lisos e mais longos, livres do frizz causado pelo ar seco; parecia estar usando maquiagem, que ao menos era discreta e de bom gosto. O corpo também havia mudado, com curvas mais acentuadas e roupas mais justas (algo que, ao menos em casa, ela não costumava usar, prezando o conforto). Pensou em desativar a recurso, mas o namorado disparou:

— Você está linda!

O elogio soou tão espontâneo que ela não teve certeza se o rapaz havia percebido o uso do recurso eletrônico. Assim, continuaram conversando, ele empolgado com as novidades no trabalho, os projetos em que estava envolvido, cujo ápice era representado pelo próprio VRCS que estavam usando.

— Em breve, parece que vão conseguir compactar a quantidade de dados a ser transmitida durante a chamada. Aí poderemos conversar por tempo ilimitado! Pensa só: poderemos até, tipo, morar juntos em países diferentes!

Imagina a gente dormir juntos estando a quase vinte mil quilômetros um do outro? Muito louco, né?!

Amanda concordou, mas na realidade sentiu um estranhamento pela proposta. Sempre acreditou que eles um dia ficariam efetivamente juntos, mas uma vida em comum virtual não parecia exatamente viver juntos...

A empolgação do namorado com a ideia continuava. Falou da vantagem de poder estar com Amanda sem precisar gastar com passagens aéreas; levantou a possibilidade de construir uma casa virtual para ser seu ambiente comum.

-Corre um boato que eles vão desenvolver uns acessórios para interações mais “quentes” — falou o namorado, com uma sensual voz “auto-tunada”, enquanto deslizava sua mão pela parte interna da coxa da parceira.

A chamada já ia para o sétimo minuto de duração e Amanda pensava que teriam que desconectar o VRCS e passar para uma chamada de vídeo convencional em breve. Seus pensamentos, porém, foram interrompidos pelo toque do celular dele.

— É minha supervisora de estágio... Vou precisar atender, desculpa! Logo mais te ligo! — falou apressado o virtual vocalista teen.

Desligaram. Estática, a garota refletiu por algum tempo sobre a surreal interação vivida nos últimos momentos. Lentamente, livrou-se das próteses, headphones e óculos 3D. Estava novamente em seu quarto, numa gelada noite de outono em Floripa. Levantou-se e caminhou até o espelho que pendia na parede. Olhou-se nos olhos enquanto a tela do PC mostrava a foto do distante namorado que ligava. Delicadamente, tocou entre suas sobrancelhas; deslizou o dedo levemente até a ponta do nariz: adunco, como sempre fora. Amanda ainda era uma pessoa real.

VIDA NOVA

José Pedro Neves Coppola – São Paulo (menção honrosa)

Um acidente é capaz de destruir uma vida. E com um simples acidente, todo meu potencial se perdeu. Eu precisava exteriorizar meus pensamentos e ideias, a mente era minha principal ferramenta. Stephen Hawking realizou seu potencial com apenas um músculo da bochecha, mas eu não conseguia nem mesmo acordar.

Estado vegetativo. Era como a medicina definia minha situação. Tudo era escuridão, mas no começo minha mente, ainda treinada com os estímulos exteriores, tentava completar o que acontecia ao redor. Uma dor fantasma aqui, visões de pessoas conhecidas. Memórias até. Era como sonhar acordado, já que não havia estímulos novos para interpretar. Comecei a entender por que, pelo menos nos filmes, entregavam uma bola para o presidiário na solitária. Antes eu tivesse qualquer coisa para segurar, e em algum momento até sentia a sensação de segurar alguma coisa. Mas minha mente, a princípio, ia aos poucos se desmanchando.

No começo era difícil entender o que era sonho, e o que era realidade. Pois sonhar, pelo menos naquela época, era enxergar. Ver meu filho brincando na sala, enquanto minha esposa trabalhava até tarde em seu computador. Acredito que eu ainda lembrava dos rostos deles, e não as horríveis abominações que passei a sonhar mais tarde. Se eu pudesse, teria chorado toda vez que acordei para a escuridão, para o frio da realidade. Era tudo sempre frio. E você não entende o quanto é frustrante não conseguir chorar de verdade, até precisar. Apesar que teve alguns momentos que senti como se chorasse.

O mais irônico era que, se meu trabalho estivesse pronto, teria sido uma excelente cobaia para meus experimentos. Mas meu trabalho ainda assim pode ter impedido minha insanidade, ao menos uma boa dose dela, pois eu retomava todos os passos de minha tese, e associava ao meu estado de consciência. Consciência essa que nunca tivemos toda certeza, pelo menos em meu estado. Sabíamos que ainda havia os ciclos de sono, e reação a poucos estímulos, picos de atividade em partes específicas do cérebro. Mas da consciência em si, apenas relatos daqueles que voltaram de pouco tempo e algumas pesquisas pequenas.

Às vezes me perguntava há quanto tempo estava nesse estado. Os sonhos mais terríveis foram no começo, onde sentia meu corpo todo sendo rasgado, deformado e era horrível as impressões que tinha do que era meu próprio corpo. Nunca senti dor de verdade, talvez alguma sensação, mas lembro que no começo não sentia esse frio, e sim meu corpo todo quente, quase em chamas. Aos poucos essa sensação foi sumindo e, se eu fosse supersticioso, talvez imaginasse que estava morto.

Em um momento ou outro, podia jurar que sentia um toque, e até a voz distorcida de meu filho ou esposa. Sonhos, talvez, pois nas imagens que me vinham à mente já não eram mais pessoas. Quase não lembro mais como eram as pessoas, o que dizer de minha família. Os olhos eram tão distantes, os braços tão finos e afastados de seus corpos, tudo tão distorcido?

Tudo mudou quando senti como se minha mente explodisse, fosse perfurada e remexida. Foi um sonho, tinha certeza. Ou talvez tenha sofrido um derrame. Mas não estaria consciente, por mínimo que seja esse estado de consciência. Comecei a relatar meu trabalho para mim mesmo.

Imaginando como seria viver em um mundo em que ele fosse utilizado. Os pacientes em coma conseguiriam usufruir dele? Talvez interagir com o mundo lá fora? Eu só precisava de mais tempo, e talvez tivesse minha resposta.

No começo, tentei contar meus ciclos de sono. Mas as vezes eu confundia a realidade com os sonhos, o que apenas dificultava e me fazia perder a conta logo. Por isso, não sei quantos ciclos de sono se passaram, quando tudo começou.

Uma dor lancinante se espalhou por todo meu ser. Não posso nem dizer corpo, pois não conseguia mais imaginar minha própria forma. Sei apenas que tudo que restava de mim sentiu aquela dor, e logo veio uma bola de luz que rapidamente sumiu. Senti um medo terrível de que estivesse finalmente morrendo, ou de que as máquinas foram desligadas, sofreram alguma sobrecarga. Mas também senti a maior confirmação de que ainda estava vivo, mesmo que essa vida estivesse em xeque. Outras luzes apareceram em minha visão. Outros ciclos se passaram? Não sei dizer. Dor novamente, e até escutei um som agudo, que não poderia me ensurdecer, mas definitivamente poderia me enlouquecer se continuasse.

E então, foi como se eu acordasse pela primeira vez em muito tempo.

A luz veio forte, mas eu não conseguia fechar os olhos. Os barulhos ao meu redor eram quase ensurdecedores e o cheiro familiar de clínica médica. A própria realidade parecia quase onírica, o que era bem irônico, visto que todas as últimas vezes que enxerguei foram em sonhos. Mas os médicos eram pessoas normais. Depois de tanto tempo, reconheci de imediato como era uma pessoa de verdade. Apesar que achei eles bem parecidos e sem expressões, o que

foi assustador. Mas talvez o mundo em que eu vivia era expressionista demais, exagerando como eram as expressões das pessoas.

Os médicos abriram passagem para um homem de roupa social, o que me lembrava que não deveria acontecer em uma sala de cirurgia. Mas sabe-se lá quanto tempo se passou, e os avanços que foram feitos em microbiologia. O homem era familiar, usava óculos de formato estranho, mas aqueles olhos, aquele nariz. Era como olhar em um espelho, pelo que lembrava, o que me fez acreditar novamente que estava sonhando. Até que ele disse:

— Pai? Consegue falar?

O que eu respondi foi ininteligível. O que talvez tenha sido melhor, pois não queria que minha primeira palavra fosse um xingamento. Mas me acalmei, analisei os fatos e aceitei a possibilidade de que tempo suficiente se passou para que aquele fosse meu filho.

— Carlos?

Ele sorriu, e se aproximou. Segurou minha mão e eu senti sua mão quente, apertando a minha.

— Você me sente? Me enxerga? Aliás, você me reconhece?

Eu ainda tinha a sensação de que havia algo a mais ali, que eu ainda não estava processando.

— Você... engordou...

Foi tudo que eu consegui dizer, mas ele deu risada e seu rosto se contraiu como se chorasse, mas não havia lágrimas. Vi algo no canto da sala com o canto do olho, mas sumiu. Parecia um fragmento da própria realidade.

— Esse é um ambiente de transição — disse Carlos.

— Acho que é melhor fechar os olhos para a próxima etapa.

— Não... consigo fechar os olhos...

Ele então se aproximou, seu calor ainda maior, e observou meus olhos.

— Ainda estamos corrigindo algumas imperfeições. Mas seu caso é um pouco diferente, e vai apresentar erros que não previmos. Faremos dessa forma, então. Vou escurecer a sala toda, e depois clarear. Está preparado?

Não estava, era óbvio. Estava curioso, pois via traços de meu trabalho. Portanto concordei com a cabeça. Meu filho fez um gesto no ar, e logo tudo ficou escuro como se não houvesse fonte de luz. Depois de um tempo, começou a clarear, e estávamos em um belo de um campo gramado, um lindo céu azul com algumas nuvens cheias e montanhas à distância, uma cabana de madeira ali perto, um lago não muito longe. Eu não podia acreditar, mas agora tinha a certeza de que estávamos em um espaço virtual. Sentia o vento batendo em meu rosto, a luz do Sol trazendo calor. Um clima agradável, como não sentia há muito tempo.

Eu queria chorar e não conseguia verter lágrimas. Mas as lágrimas que eu queria eram de felicidade. Sem nada dizer me aproximei de meu filho e, com dificuldade de coordenar meus braços, os passei por ele e o abracei, sentindo seu corpo quente.

— Vocês... conseguiram...

Ele me abraçou de volta, e ficou em silêncio por um momento.

— Tudo a partir da pesquisa de vocês. Um ambiente virtual que interage com impulsos cognitivos.

— E... ela? Sua... mãe? — perguntei, finalmente desfazendo o abraço.

Vi que o semblante de Carlos entristeceu, mas ele manteve um sorriso, e me direcionou à cabana.

— Infelizmente, ela não está mais entre nós. Câncer, aquele velho dragão. Mas ela trabalhou a vida inteira no projeto, até comigo por um bom tempo. E nunca se esqueceu de você.

Novamente, quis chorar. Mas não conseguia. Mal conseguia seguir em frente, mas Carlos me levou até a cabana, onde Joana nos esperava com um sorriso no rosto. A Joana que eu reconhecia, como da última vez que a vi. Mas ela não se mexia, apesar de parecer que respirava.

— Ela sempre se perguntou se você queria vê-la como se lembrava, ou como envelheceu. Isso foi antes de seu quadro piorar, é claro. E gravou uma mensagem para você.

— Deixe-me... vê-la. E escutá-la.

Carlos fez outro movimento de mão no ar, como um mágico, e logo a imagem de Joana se fragmentou em diversos cubos de luz, logo em seguida se remontando em uma nova imagem virtual de Joana. O corte de cabelo estava mais curto, mas a cor era a mesma. Ela nunca mudava a tinta, se gostava de alguma coisa se mantinha fiel a ela até o fim. Comportamento que já critiquei, mas nunca imaginei o quanto era verdadeiro. Em seu rosto apareceram algumas rugas, seus olhos mais sérios. Mas ainda era a mesma Joana por quem me apaixonei, e teria a reconhecido de imediato.

— Bem-vindo de volta, meu querido Arthur. Peço que me perdoe por não estar presente para recebê-lo, mas imagino que o motivo vai bastar como desculpa. Pode parecer irônico, ou doloroso, mas te garanto que tive uma vida completa, e feliz. Oportunidade que você não teve, assim como inúmeras outras pessoas. Continuei o trabalho que você começou, e logo tive uma ajuda inestimável, mas creio que você mesmo poderá julgar. Se você está ouvindo essa mensagem, é prova única de que nosso trabalho é de

suma importância. E, desculpe a analogia esportiva, mas agora é sua vez de voltar para o gramado e mostrar seu melhor. Amo você. Vocês dois. Até a próxima — ela riu.

Novamente, as lágrimas não vinham. Mas como era bom escutar aquela voz, mesmo que uma última vez.

— Ela... sozinha? — perguntei.

— Você quer a verdade?

— Sempre.

Carlos sorriu.

— Ela conheceu alguém, sim. E amou ele de verdade, e ele a amou. Mas nunca deixou de amar você também. E o trabalho de vocês se tornou o trabalho da vida dela, até eu me formar, e então se tornou nosso trabalho.

— Quero... ajudar.

Meu filho colocou a mão em meu ombro, e a senti pesada, um peso familiar. O corpo dele parecia natural, ao contrário de Joana ou de meu próprio corpo virtual.

— Estou contando com isso — ele sorriu. — Mas primeiro vamos fazer uma bateria de terapia virtual para você se acostumar com seu avatar. Enquanto isso, vamos observar seu eletroencefalograma para compreender os efeitos que sua existência aqui tem em seu corpo lá fora. Na teoria podemos até mesmo estimular seu corpo daqui. Na prática temos medo de concentrar toda sua pouca atividade cerebral nas regiões que ainda eram estimuladas, e atrofiar mais outras regiões.

— Eu me... mantive consciente.

— Não direto, não sempre. Mas imagino que teve essa percepção. Nós observamos seu eletroencefalograma. Havia atividade cerebral no lado esquerdo do cérebro. Muitas vezes no lobo frontal. Boa atividade no hipocampo, também. Mas era tudo esporádico. Mantivemos estímulos

constantes em seu corpo, e foram raras as vezes que foram respondidas nesses vinte anos. Mas foram respondidas, e nós sabíamos que você estava aí ainda. E o implante que criamos, devo dizer, foi um sucesso para interpretar essa atividade e estimular as diversas áreas sensoriais.

Quando me sentei em uma cadeira ao lado de Joana, Carlos sorriu e respirou um pouco. Podia se empolgar com o trabalho, como eu me lembrava de fazer, muito tempo atrás. Ele voltou sua mão ao meu ombro novamente.

— Você vai se recuperar, pai. Não posso prometer que seu corpo vai despertar de novo, mas podemos melhorar o ambiente virtual, e sua capacidade de interação nele. Ouso dizer que você poderá até trabalhar de novo, se assim quiser.

— É o quê... mais quero — disse, por fim.

— Então vamos fazer o possível — ele sorriu, — e até o que se acreditava impossível.

Eu sorri de volta. E concordei.

Dessa vez, minha noção do tempo que se passava era muito maior. A experiência que passei no coma quase se dissolvia em minha mente, como um sonho antigo que aos poucos nos esquecemos de como foi, os detalhes se perdendo. Não deixei de notar o quanto dependemos dos estímulos verdadeiros para nos guiar. E os estímulos virtuais eram como estímulos reais, e logo fui aprendendo a coordenar essa nova forma de minha própria vida. A conversar normalmente. Meu filho ainda passava constantes notícias de meu corpo real, de estímulos que respondi no mundo real junto ao espaço virtual. Mas eu já via essa como minha forma de verdade. Talvez eu acorde um dia, não posso dizer com certeza. Enquanto isso, tinha trabalho a fazer.

Aos poucos foi construído um laboratório no espaço virtual, onde eu trabalhava com meu filho Carlos e, mais

tarde, outros cientistas. A programação que usaram para a interface era recente, porém baseada em programas que eu conhecia, e logo entendi seu funcionamento. Minha primeira contribuição tinha algo de desopilante, e fiz questão de mostrar para Carlos quando estávamos apenas nós dois, conversando em um banco perto do lago.

— Sabe. Havia um detalhe faltando nessa simulação que me fez muita falta.

— Imagino que havia várias — ele riu. — Mas a maioria nós eliminamos, não foi?

Fiz o gesto mnemônico de invocar o código-fonte flutuando à minha frente, junto a um teclado.

— Não essa. Um erro simples, mas que muitas vezes nossos olhos treinados passam batido. Caracteres parecidos usados de forma errada e que invalidam a função toda.

Fiz a troca simples, era um erro besta e imagino que ninguém da equipe toda achou uma função de suma importância. Outras atividades eram consideradas mais importantes.

— E qual é a função? — meu filho perguntou, com toda curiosidade.

Foi então que olhei para ele, e sorri. Senti meus olhos umedecendo e logo as lágrimas escorrendo por meu rosto. Ele sorriu e seus olhos umedeceram também, brilhando frente ao Sol. E então nos abraçamos com força, com calor. Vertendo nossas lágrimas.

— Estou de volta, filho.

— Bem-vindo de volta, pai.

AR

Heitor Zem Lopes Ponce - São Paulo (menção honrosa)

Passei pelo primeiro ponto de controle. Mediram minha temperatura, colheram um pouco de sangue, olharam minhas pupilas, ouvidos, garganta. Me entregaram o traje, o respirador e os sensores. O protocolo padrão a que já estava acostumado depois de um mês indo e vindo da Cratera. E que se parecia tanto com o protocolo que usavam na Ala dos Ausentes.

Vestido como um astronauta deslocado, caminhei até a caminhonete que me levaria para baixo, sempre para baixo. A estrada descia pelas encostas do morro e os soldados no banco da frente se queixavam das chuvas que tornavam tudo mais difícil. Os pneus deslizavam, mas eu sabia que não cairíamos. Eles já estavam acostumados a dirigir por aquele lamaçal — reclamar fazia parte da rotina.

O último ponto de controle ficava na beira do abismo. Me receberam com saudações mecânicas. Os militares já não entendiam bem por que permaneciam ali, tinham migrado da tensão inicial para o mero cumprimento de ordens. Talvez fosse para o melhor, toda aquela excitação do primeiro contato poderia acabar mal. Eles se sentiam protegidos na obediência.

Entrei no elevador improvisado que me levaria parede abaixo, para o fundo da Cratera. Dois soldados me acompanharam, mas bem poderia estar sozinho. Semanas antes, ninguém me permitia chegar a um passo dos nossos visitantes sem que algum general estivesse presente para acompanhar a interação. Naquele momento, o par anônimo parecia mais interessado no movimento das engrenagens do que em mim.

O silêncio surte esse efeito nas pessoas. Em especial agora, em que mesmo do outro lado do mundo podemos nos comunicar de imediato, o que torna a resposta postergada uma afronta intolerável. Se o retorno demora, perdemos o interesse. Foi mais ou menos isso que aconteceu com os Calados.

E para resolver esse problema, eles me contrataram.

Os Calados foram descobertos na Cratera quase pelo acaso. Ninguém sabia há quanto tempo estavam ali, vivendo em condições precárias nos restos daquele vulcão inativo, como ratos no mais abandonado dos porões. Não podia ser muito, já que aceitavam nossos alimentos sem titubear. Não se tinha ideia do que vinham comendo até então.

Os geólogos que os encontraram esperavam no máximo descobrir algum novo tipo de minério naquela ilha desolada. Queriam analisar a influência da pressão e do calor sobre rochas extraterrenas. Não era todo dia que um meteorito caía dentro de um vulcão. Ou que um vulcão surgia no ponto de impacto de um meteorito com a crosta terrestre. Eles ainda não tinham certeza de nada, apenas de que alguns cientistas chilenos tinham encontrado restos de um condrito em meio a rochas ígneas, numa ilha qualquer perdida no Pacífico.

Eu não me importava muito com esse debate geológico à la ovo e galinha. Estava ali para me comunicar com os Calados. O problema era que eles não se comunicavam, pelo menos não de forma tradicional. Não emitiam sons, não compreendiam a escrita. Se moviam numa

harmonia silenciosa, como um cardume de peixes. Prescindiam das palavras para se entender.

— Vamos esperar aqui — um dos soldados disse, assim que o elevador alcançou a base da Cratera. — Não demore muito, o General Park limitou as interações a uma hora.

A atmosfera ali embaixo emanava um leve brilho azul. A combinação entre meteorito e vulcão, ambos antigos e interagindo isolados ao longo de milhares de anos, tinha dado origem àquela desordem cósmica fluorescente. Algo sobre radiação, rochas ígneas e decaimento beta. Por isso os trajes e todas aquelas precauções médicas.

Desci do elevador e segui a trilha de cordões que levava até uma das diversas cavernas do local. A chuva não chegava até ali, muito menos o sol. Não com todas aquelas toneladas de lama e pedra prensadas por centenas de metros acima de nossas cabeças. Uma série de coincidências intempéricas tinha mantido a Cratera escondida do mundo por séculos.

Encontrei alguns Calados pescando na beira do rio subterrâneo que atravessava a extensa rede de túneis e escorria invisível direto das raízes da montanha para o mar. Eles reagiram de imediato à minha presença — suas antenas se acenderam e se apagaram, e um deles chegou a me dirigir o olhar. Depois, voltaram ao que vinham fazendo. Como se soubessem da impossibilidade de rompermos o silêncio entre nossas espécies. Como se também tivessem desistido de se comunicar com os humanos.

O que mais me incomodava naquilo tudo era a inércia. Havia quase uma centena deles vivendo ali embaixo. Todos esperavam que, assim que tivéssemos aberto um caminho da superfície até lá, eles fossem querer fugir daquela prisão escura e gelada. Não foi o que aconteceu, mesmo quando os conduzimos até o elevador. Eles se recusavam a subir, esse tanto conseguiram exprimir através de gestos e expressão corporal. Queriam permanecer na Cratera. Por quê?

Os biólogos logo convenceram a missão inteira de que talvez não sobrevivessem na atmosfera da superfície. As amostras iniciais indicavam um percentual elevadíssimo de argônio na Cratera. Talvez o gás tivesse algum papel em sua respiração. Ou talvez doses altas de oxigênio, nitrogênio ou gás carbônico lhes fossem tóxicas. De um modo ou de outro, logo todos superaram o dilema da permanência dos Calados na Cratera e se conformaram com aquela explicação.

Menos eu. Eu não me conformava. Eu sabia o que era ser obrigado a ficar trancafiado nas profundezas, sem ninguém para conversar, sem nada para fazer, a não ser ficar parado, o dia todo, alimentado por tubos e respirando uma atmosfera artificial.

— Pelo menos fica mais fácil pescar — comentei em voz alta. — Não assustam os peixes. — As antenas se acenderam e se apagaram. Era assim quando nós falávamos com eles.

Um deles veio até mim e me tocou. Senti apenas o leve roçar de seus dedos através do traje, nada mais que uma leve pressão pelo braço direito. Ele tentou encontrar meus olhos lá dentro do capacete e eu cogitei me livrar de todo aquele aparato desconfortável. Podia ser mais fácil conversar

se nós dois estivéssemos despidos. Mas eu sabia que o argônio em excesso me faria mal.

— Eu sei que vocês falam. Isso é óbvio — de novo o pisca-pisca das antenas. — Também sei que tem a ver com as antenas. Seria algo químico? Será que vocês expelam alguma substância pelo ar? — dessa vez os outros me ignoraram. Apenas o Calado mais próximo se acendeu para mim.

Sacudi a cabeça, desanimado. A hipótese tinha sido descartada logo no início por pessoas mais qualificadas do que eu. Tinham realizado uma série de medições com os Calados na Cratera. Nada saía de dentro das antenas, nenhum tipo de feromônio ou substância volátil. Também não havia nada do tipo para captarem. Havia a luz, mas ela era sempre do mesmo tipo, variando um pouco em intensidade e coloração de acordo com o indivíduo.

— Não posso desistir de vocês. Só porque não falam, não quer dizer que não tenham nada a dizer. Não posso desistir, entendem?

Mais um mês se passou e eu decidi trabalhar com a única teoria que ainda me parecia plausível. Pouco me importava que já tivessem descartado os feromônios. Ninguém mais estava ali para checar minhas interações. Consegui um assistente, enviado direto da Universidade, e juntos monitoramos as malditas antenas por dias inteiros. Os Calados eram pacíficos, quase letárgicos. Deixavam que grudássemos sensores em seus corpos sem nenhuma reação. Até amostras de sangue e tecido tinham sido extraídas sem maiores incidentes.

— Nada — meu assistente reportou. — Todos os resultados deram negativo novamente.

Então me ocorreu: nós estávamos muito concentrados na matéria. E se fosse algo menos concreto?

Passamos a medir radiação, mas isso não nos levou muito longe. Todo o maldito lugar estava repleto de isótopos de potássio radioativo. Era parte do fenômeno que explicava a atmosfera em tons néon. Da radiação nós fomos para ondas, e depois de fracassarmos em todas as mais diversas frequências, partimos para a elétrica.

Precisamos de mais alguns dias até que conseguimos ajustar os medidores para que captassem com acuidade o que se passava nas antenas dos Calados. E então, como num passe de mágica, eu compreendi. Os desgraçados falavam, como falavam. Não se calavam por um minuto sequer. Toda vez que as antenas piscavam, a cada pequena luminescência, uma frase ou talvez toda uma ideia era transmitida entre eles.

— Você está descrevendo telepatia. É isso? — o General Park me perguntou, quando reportei minhas descobertas a ele.

— Acho que podemos chamar assim — expliquei. — Eles se comunicam por ionização. Conseguem transmitir impulsos elétricos extracorpóreos. Mais importante: conseguem captar esses impulsos alheios e interpretá-los como nós fazemos o tempo todo com nossos próprios impulsos nervosos.

— Você tem certeza disso?

Eu não tinha. Era difícil medir qualquer coisa com segurança na Cratera. A radiação excessiva prejudicava todas as leituras. Mas quando se tratava de explicar o inexplicável, a probabilidade bastava.

— Tenho. Ao menos três técnicas diferentes confirmaram minha hipótese. Só preciso de autorização para um último teste antes de submeter meu relatório aos diretores.

O General acabou permitindo o teste. Era caro, e eu precisaria da ajuda de muitos soldados para montar toda a estrutura de que necessitava. Grosso modo, eu queria realizar um exame de ressonância magnética em larga escala. Até aquele momento, só tinha captado pequenas correntes elétricas em minhas medições. Elas se concentravam ao redor das antenas, mas persistiam ao menos por alguns centímetros no ar acima delas. O caminho exato que percorriam era difícil estimar. Também viajavam muito depressa, e duravam apenas a fração de um segundo. Então eu não podia afirmar com convicção que o galvanômetro não tinha captado alguma coisa relacionada à Cratera em si. Com meu teste magnético e um pouco de sorte, eu poderia enfim visualizar os arcos plasmáticos que transmitiam os pensamentos de um Calado a outro. Se eles existissem, claro.

Posicionamos os magnetos em pontos estratégicos da Cratera e reunimos alguns Calados no centro. Meu assistente coordenou o restante dos preparos, colando eletrodos nas peles úmidas das nossas cobaias e gerenciando os soldados conforme eles carregavam fios para lá e para cá. Três geradores nucleares portáteis alimentariam o sistema. Os processadores ficaram próximos ao elevador. E eu fiz questão de construir minha sala de análises próxima ao rio. O ruído de água correndo aliviava a claustrofobia de permanecer tanto tempo seguido ali embaixo.

Fizemos o primeiro disparo de campo numa tarde fria de setembro. O dia exato ficaria registrado em diversos livros para sempre. Mas poucos saberiam a sensação de olhar para

o monitor escuro no meio da caverna, e vê-lo se acender num caleidoscópio de filamentos elétricos. Arcos e mais arcos plasmáticos unindo dois, três, quatro, por vezes todos os Calados. Sutis e fugazes demais para serem vistos a olho nu. Duravam apenas um centésimo de segundo por pensamento. Mas estavam lá, como uma grande rede neural atmosférica.

Minha descoberta atraiu os estudiosos de volta à Cratera. Queriam explicar o funcionamento preciso da telepatia dos Calados. Queriam derivá-la, descobrir um modo de reproduzi-la. Eu ainda estava incomodado com a inércia. Tudo bem, eles se comunicavam pelas antenas. Tínhamos decifrado o enigma do silêncio. Mas eu ainda queria descobrir por que não saíam dali. Para mim, a Cratera e os Calados eram parte de um mesmo quebra-cabeça. As peças estavam todas ali embaixo. Eu só precisava terminar de montá-lo. Não me permitiria chegar tão longe e voltar para casa do mesmo jeito que tinha partido. Não poderia pisar naquele hospital de novo antes que de fato soubesse como me comunicar com um Calado.

Aconteceu numa das minhas insônias. Eu olhava para o teto e pensei ter visto nele uma nuance de néon. A atmosfera da Cratera vinha invadindo meus sonhos já há alguns meses. Todo aquele potássio radioativo. Todo aquele argônio. E se, mais uma vez, os biólogos tivessem se equivocado?

Foi mais complicado obter a autorização para meu último experimento com os Calados. No entanto, após meu sucesso com a telepatia, os diretores acabaram se curvando.

Não foi fácil trazer a câmara até a Cratera. Era pesada e precisamos reforçar o elevador.

Também não foi simples convencer um Calado a entrar dentro dela. Eles se recusavam a subir, então eu precisava trazer um pedaço da superfície até eles. A câmara reproduzia a atmosfera da Terra. Era capaz de manter a proporção padrão de gases da troposfera por horas a fio. Era arriscado. Se os biólogos estivessem certos, minha cobaia poderia sufocar até a morte. Mas todos concordavam que o argônio era inerte demais para participar de um processo respiratório, por mais alienígena que fosse.

Então quando tranquei o Calado na câmara e ele não morreu, apenas ficou ali, sentado, desesperado, com as antenas apagadas, eu soube que aquilo estava mais para uma solitária do que para uma câmara de gás.

Os Calados só conseguiam ionizar átomos de argônio. Era por isso que não deixavam a Cratera. Na atmosfera da superfície, com menos de 1% de argônio, era impossível para eles se comunicarem. Talvez sequer conseguissem perceber o mundo sem ionizá-lo. Seria como tentar compreender alguma coisa sem palavras.

Desvendados todos os mistérios, eu me recolhi, satisfeito, e aguardei que os engenheiros aprendessem como reproduzir a magia dos Calados. Afinal, esse tinha sido o único motivo pelo qual tinha aceitado fazer parte daquela missão. Desde que me contaram que havia um povo mudo vivendo no subterrâneo de uma ilha, eu sabia que se conseguisse me comunicar com eles, talvez conseguisse me

comunicar também com outros seres mudos em outros subterrâneos.

Eles acabaram criando uma espécie de tiara, que se conectava a um tanque de argônio. No futuro, acabariam superando a necessidade do gás. Naquele momento, eu precisei arrastar dois tanques hospital adentro, até a Ala dos Ausentes. O terceiro grande experimento da minha vida. Dessa vez, neguei todo auxílio que me ofereceram. Os médicos e enfermeiros ficaram olhando de longe, pelo vidro. Só nós dois no quarto, como eu queria. Não poderia funcionar, eles disseram. Os Ausentes não tinham pensamentos para transmitir. As mesmas vozes que afirmaram, não muito antes, que os Calados não tinham palavras para dizer. Eu sabia que estavam errados. Tinham que estar errados. Aquele maldito acidente não poderia ter nos privado para sempre de tantas vozes. Todos concordavam que aquilo não era um coma comum.

Ajustei as tiaras e os tanques e liguei os aparelhos. Tremia e suave, mas a sala estava fresca.

— Amor? — chamei.

— Estou aqui, pequeno. Você demorou — ele me respondeu.

PARECE QUE ESTAMOS SEM ENERGIA

Ewerson Phelipe da Silva - Pernambuco (menção honrosa)

Eiden acordava todos os dias com o barulho dos carros na avenida. As janelas do seu quarto ficavam sempre abertas no verão e, lá pelas seis da manhã, a cacofonia da cidade se espalhava por todo o apartamento. Estava ali há três anos e, desde o acidente de carro que resultou na perda da sua perna direita, passou a dividir a casa com seu melhor amigo, Luna, um músico que estava trabalhando num projeto importante. Ele ainda não tinha encontrado a última canção que faltava para finalizar o que havia começado há dois anos e Eiden achava que mais cedo ou mais tarde Luna iria encontrar a inspiração para a canção, por isso o encorajava a seguir tentando.

Aquela manhã não começou diferente de todas as outras, Eiden abriu os olhos para os primeiros raios solares que pintavam suas paredes de dourado e se espreguiçou, os dedos do pé esquerdo estalando para fora da cama. Não costumava levantar imediatamente, sempre curtia mais uns minutinhos debaixo das cobertas e olhava as mensagens que talvez tivesse recebido enquanto estava dormindo. Respondia primeiro o grupo dos estudantes da sua aula a distância de pintura, depois resolvia seus assuntos pessoais, abria as notícias do dia e ficava rolando a linha do tempo. Quando se passava meia hora se espreguiçava mais uma vez e então erguia o corpo para fora da cama.

— Janelas do banheiro — disse para o seu telefone, enquanto piscava algumas vezes, tentando acostumar os seus olhos à claridade.

Tinha instalado um programa de automatização no apartamento e nunca mais precisou sair do lugar para fazer

as coisas. Precisou ficar um mês esperando a sua prótese de titânio ficar pronta e nunca aprendeu a usar muletas, então achou que seria mais fácil se pudesse fazer as atividades domésticas por comando de voz.

— Música — disse mais uma vez para o seu telefone, pegou a sua prótese que ficava ao lado da sua cama, a encaixou no joelho direito, uma, duas fivelas, se balançou um pouco e ficou de pé pela primeira vez naquele dia.

Com as janelas do banheiro abertas e a música agradável tocando, caminhou até o chuveiro e tomou um banho, cantou um pouco, lavou a cabeça, escovou os dentes e se vestiu com uma calça de linho e uma camisa branca de botões. Pegou o seu celular e seguiu para o corredor, de onde já podia sentir o cheiro dos ovos sendo fritos e do cuscuz cozinhando. Luna, seu melhor amigo, também já tinha começado o dia e estava radiante, cantando e dançando pela cozinha, com um avental azul todo manchado de tinta e os cabelos cacheados presos no topo da cabeça por um lápis-de-cor.

— Faço de mim casa de sentimentos bons, onde a má fé não faz morada e a maldade não se cria. Me cerco de boas intenções e amigos de nobres corações... — Luna, ao ver Eiden se aproximando, se virou para ele e começou a cantar mais alto, pois já sabia que não precisava mais se conter, todos já estavam bem acordados naquela casa. Puxou uma cadeira e fez o amigo se sentar.

Luna adorava cozinhar, dizia que antes de qualquer coisa era necessário curar a fome. Estava sempre cantando e, ao entardecer, fazia torradas com manteiga e orégano, se sentava perto da janela e tocava as músicas favoritas de Eiden no piano, enquanto ele pintava, em silêncio.

Era a salvação, de alguma forma.

Estava animado naquela manhã, talvez estivesse inspirado em terminar o seu projeto, finalmente. Seu olhar divagava enquanto virava os ovos na frigideira e Eiden enchia um copo com o suco de manga geladinho da jarra suando sobre a mesa. Depois, ao tirar o cuscuz já pronto do fogão, o desenformar e o colocar num prato sobre mesa, sorriu e voltou a cantar.

Desligou a boca do fogão, colocou os ovos da frigideira em um prato, entregou para o seu melhor amigo e se sentou à mesa. Eiden notou que Luna tinha um cabelinho de manga grudado na bochecha e se inclinou para limpar.

— O que era? — Luna perguntou.

— Um cabelinho de manga.

Luna sempre tinha um olhar perdido no tempo-espaço, quase nunca olhava as pessoas nos olhos e, quando estava agitado, colocava os dedões para dentro das palmas das mãos e os apertava, sem parar. Tomava duas cargas por dia, uma depois do almoço e outra antes de dormir, sempre ficava ansioso em lugares muito barulhentos e falhava quando estava cansado. Nunca mudava de rotina por escolha e contava com o apoio de Eiden para a resolução de problemas relacionados a burocracias. Naquela manhã, carregava nos olhos a promessa de que seria um dia muito bom.

Os dois ficaram em silêncio, a música continuou tocando e os ovos estavam muito bons — bem fritos e com as bordas crocantes. A cozinha estava toda iluminada pelo sol, as janelas abertas deixavam uma brisa agradável entrar e as plantas da horta vertical na varanda pareciam ainda mais verdes.

— Tudo bem — Luna quebrou o silêncio, deu um beijinho na bochecha de Eiden e se levantou. — O dever me chama.

Saiu pelo corredor e se apressou pelo seu quarto, voltando para a cozinha com uma pasta cheia de partituras e o seu diário. Abriu a geladeira, pegou uma garrafa de vidro cheia de um líquido preto pastoso, correu para a sala e se sentou em frente ao piano.

— Espero que seu dia seja incrível, companheiro — começou a dedilhar algumas notas.

— Pode apostar — Eiden respondeu e se levantou para colocar a louça suja na pia.

Abriu as mensagens do celular e se deparou com uma onda de notificações vindas do grupo dos seus estudantes. Todos falavam sobre a notícia que estava saindo em todos os veículos de mídia na internet: **A CIDADE DO RECIFE SOFRE QUEDA BRUSCA DE ENERGIA.**

— Luna, parece que estamos sem energia — Eiden falou por cima do som do piano.

— Por quanto tempo?

Luna parou de tocar o piano quando viu o amigo chegar na sala. Eiden estava preocupado, ficava passando o polegar pela tela do celular, o peito subindo e descendo bem rápido.

— Eiden?

No celular as notícias não paravam de chegar, pelo visto a cidade toda iria ficar sem energia por horas, talvez dias. Ainda não se sabia o que teria causado a queda, ninguém tinha noticiado nenhum acidente, nenhuma fonte interna dera nenhuma explicação. Os repórteres já ocupavam a sede do serviço de distribuição de energia do Estado de Pernambuco, mas não se ouvia nenhuma explicação.

Eiden não sabe quanto tempo ficou olhando o celular, mas não tinha notado que a música tocando por toda a casa tinha parado. Tudo que se conectava à energia tinha parado de funcionar; geladeira, luzes, wi-fi, carregadores.

— Luna — Eiden se apressou até o amigo, se agachou para ficar cara a cara com ele e segurou seu rosto entre as mãos. — Luna, você se carregou durante a noite?

O garoto não respondeu de imediato, primeiro ficou encarando as teclas do piano, depois o chão e depois o rosto do outro.

— Não — ele respondeu.

A resposta fez o ar do apartamento pesar e o ar se transformar numa fumaça insuportável de inspirar. Os dois amigos ficaram ali parados, surtando em silêncio, um segurando o outro.

— Quanto de bateria você tem? — Eiden perguntou, ainda no mesmo lugar, porque não tinha forças para se afastar.

— 68%.

— Você tem alguma bateria extra?

— Essa é a última, deixei as outras duas carregando quando acordei. Quanto tempo vamos ficar sem energia?

— Ainda não sabemos, mas não vamos ficar aqui para descobrir. Preciso levar você lá para baixo, tem um gerador no escritório do síndico.

— Já vai ter muita gente lá em baixo, precisamos ir até o outro bloco. Se formos rápidos chegamos antes de todo mundo.

Havia um novo bloco de apartamentos a uma quadra de distância, ainda não tinha moradores e o gerador tinha sido instalado recentemente.

Eiden assentiu e se afastou, foi até o seu quarto e pegou uma mochila vazia, colocou uma camisa e um casaco nela, pegou uma pistola glock guardada numa mala e duas lanternas com pilhas extras. Foi até o quarto de Luna e tirou as duas baterias da tomada, pegou dois adaptadores e uma pareia de roupa. Correu até a cozinha, abriu a dispensa, pegou dois pacotes de velas, fósforos, alguns lanches e água. Quando chegou na sala, Luna já estava de pé, fechando as janelas, cobrindo o piano com uma manta e pegando as chaves da casa.

— Pronto? — Eiden esperou na porta com a mochila nas costas.

Luna não respondeu, apenas caminhou apressado até ele e lhe abraçou. Sua composição de metal e fios de cobre apertou o seu corpo e, com uma voz assustada, disse:

— Obrigado por cuidar de mim.

Eiden não conseguiu sair do abraço, seu corpo ficou segurando o robô ali em frente a porta do apartamento. Ainda não sabia o que estava acontecendo, não fazia ideia de quanto tempo tinha com o seu melhor amigo até que a energia voltasse, também não sabia se ela voltaria algum dia. Não sabia de nada.

— Obrigado por cuidar de mim — ele disse e se afastou.

Saíram os dois para o corredor escuro do prédio. Começaram a correr e, ao dobrarem numa esquina, se depararam com uma fila de moradores para usar o elevador. Luna e Eiden não pensaram duas vezes, se viraram e começaram a descer as escadas até saírem no hall, onde uma multidão se agrupava contra o escritório do síndico. Continuaram correndo até a saída, pisaram na calçada do

lado de fora e foram tomados pelo horror que tomava conta da cidade.

A rua estava caótica, um cinturão de automóveis ocupava a avenida e as pessoas saíam dos trabalhos apressadas, tentando voltar para casa. Todo mundo começava a se apertar e se empurrar, não dava para ficar parado no mesmo lugar. Os policiais começaram a atirar para cima a fim de controlar a situação e fazer com que todos parassem onde estavam, mas a situação piorou e os gritos amedrontados dos cidadãos se tornaram insuportáveis.

Eiden e Luna correram contra a maré de gente e demoraram quase 10 minutos para cruzar a próxima esquina e achar o novo bloco de apartamentos no final da rua, que parecia vazio, graças à boa sorte. Um helicóptero cruzou o céu e explodiu no ar, os pedaços choveram contra as construções e tocando fogo em tudo.

— O que está acontecendo com essa cidade? — Os olhos de Luna estavam arregalados, refletindo as chamas.

Continuaram correndo até chegar no estacionamento vazio. Eles já avistavam o portão de entrada, estavam perto, só mais 100 metros percorridos, achariam o gerador, completariam a carga das baterias de Luna e poderiam voltar para casa, onde era seguro.

— O portão vai estar trancado, Eiden — Luna gritou, enquanto os dois saltavam os muros ao redor do estacionamento.

Eiden estava muito ofegante, a sua prótese apertava o seu joelho e o som das batidas do seu coração deixavam seus ouvidos mocos. Precisou de alguns segundos para tirar a pistola de dentro da mochila, apontar para o trinco do portão e atirar. Olhou para os lados, querendo saber se

estavam sendo seguidos, não achou ninguém e entrou, com Luna segurando na sua mão.

Lá dentro, acendeu uma lanterna e guiou o seu melhor amigo até uma porta, que também estava trancada. Dessa vez não precisou usar a arma de fogo, com três chutes da perna esquerda a fechadura arrebentou e eles puderam entrar.

Era uma salinha apertada e empoeirada, com uma mesa, uma poltrona e uma janela coberta com jornais e fita crepe. O gerador ficava dentro de um armário de alumínio, trancado com um cadeado, que foi aberto com uma coronhada da pistola glock. Eiden tirou um adaptador da mochila, conectou uma ponta na entrada USB, localizada na nuca de Luna, e a outra ponta numa tomada. Ligou o gerador por uma alavanca e ouviu um ruído agradável vindo dele.

— Está tudo bem agora — disse e fez Luna se sentar na poltrona, enquanto fechava a porta e colocava a mesa encostada nela. — Como está se sentindo?

Luna não respondeu, seus olhos estavam arregalados e sem brilho algum, dos orifícios dos ouvidos saía fumaça e a sala toda começou a cheirar a queimado. Eiden correu para ver o que estava acontecendo com o robô, mas, ao tocar na pele sintética, tomou um choque, o impacto lançou seu corpo contra a parede e torceu o seu braço na queda.

— Protocolo de desligamento iniciado — uma voz de interface começou a falar dos autofalantes na garganta de metal de Luna. — Desligamento devido a danos na placa mãe do dispositivo iniciado. Contagem regressiva em dez, nove...

— NÃO!

Eiden se levantou, uma dor lancinante tomou conta do corpo por causa do braço torcido. Deu em Luna uma

pancada forte com a sua mochila e o derrubou no chão. A queda fez o robô se desconectar do cabo USB. Eiden se ajoelhou ao seu lado, a superfície da máquina ainda dava pequenos choques, mas era suportável.

— Três, dois, um...

Os olhos sem vida de Luna piscaram algumas vezes e voltaram a se apagar. Sua carcaça ficou ali jogada no chão, abraçada por Eiden, que nem tinha notado o gerador pegando fogo, a sala se enchendo de fumaça e as chamas começando a consumir tudo.

Luna arrancou os óculos de realidade virtual do rosto de Eiden e falou decepcionado:

— Você literalmente me deixou morrer no primeiro estágio.

— Eu disse que eu não queria jogar! — Eiden se defendeu, levantou do sofá e desligou a TV, que era por onde Luna, que não estava jogando, acompanhava o desempenho do amigo. — Na verdade, eu acho que eu odeio videogames.

— É, eu percebi — Luna também se levantou, foi até a cozinha e voltou com dois copos de suco de manga bem gelado. — Só me lembre de nunca deixar você me transformar num robô.

Os dois amigos começaram a rir da realidade improvável. Estavam até aliviados, na verdade, por tudo ter sido apenas um estágio num jogo assustador e muito difícil, programado para se adequar a vida cotidiana de qualquer pessoa no mundo. Eiden e Luna ficaram ali sentados no sofá da sala, olhando o pôr do sol pela janela, bebendo suco de manga e dividindo suas vidas, na confiança de que o horror dos jogos e filmes ficava onde deveria estar, na ficção.

— Só um minuto — Eiden pegou o celular, que vibrava loucamente no seu bolso, e abriu as mensagens do

grupo dos seus estudantes, da aula de pintura. Leu tudo com os olhos arregalados e encarou Luna, tremendo.

— O que foi?

— Parece que estamos sem energia.

PÉROLAS DA IDADE PLENA NA TECNOLOGIA

Lucrecia Welter Ribeiro - Paraná

Reunião proveitosa e participativa naquele segundo dia de março do ano vinte, com grande expectativa nos projetos literários aprovados. Ninguém imaginava, porém, que o mundo pararia, dentro de poucos dias, por conta de um tal Corona Vírus.

Em quarentena, e sem entender exatamente o que estava acontecendo lá fora, como presidente da instituição, eu teria de tomar decisões em relação aos projetos e reuniões ordinárias. Passaríamos a realizá-las de forma virtual, levando-se em conta a média de idade dos associados (65 anos). A maioria de nós nunca tinha ouvido falar de Google Meet, Skype, Zoom Meetings etc. E jamais sonhara em usar alguma dessas ferramentas um dia, pois somos de uma classe social que viveu, trabalhou e se aposentou antes da moderna tecnologia. Mas isso já não importava; precisávamos enfrentar o desconhecido. A tecnologia passaria a ser a nossa nova aliada. E a Academia, a ter sua história contada antes da Covid-19 e depois dele.

Decretada a quarentena, entramos em uma sala virtual pela primeira vez. As mensagens no WhatsApp, postadas no período, são pérolas que hoje nos divertem ao rememora-las.

[13:42, 28/03/2020] Presidente: Caríssimos, boa tarde! Com a quarentena, ficaremos muito tempo sem poder sair de casa. Assim sendo, teremos de aprender a fazer reuniões online durante a pandemia. Encontrei, na internet, sugestões de aplicativos próprios pra isso. Só saberemos qual o mais adequado à nossa realidade, depois de testá-los.

[13:45, 28/03/2020] Presidente: por gentileza, instalem o Zoom Meeting no celular ou computador, digitando: <https://zoom.us/download>. Quem tiver dificuldade no download, me peça ajuda. Antes da reunião, mandarei o link de acesso, pelo e-mail, e WhatsApp. Bastará clicar no link, e aguardar ser aceito na sala virtual. Boa sorte!

[13:50, 28/03/2020] Mariah: O Zoom é ótimo. É super fácil... basta seguir os passos. Yes! Só que a conexão, quando grátis, cai em quarenta minutos. Dá pra gerar outro link na sequência.

[18:07, 28/03/2020] Daniel: Entendi que a presidente vai "passar" o link quando abrir a sessão. Aí não precisa baixar aplicativo, ou não é assim?

[18:38, 28/03/2020] Mariah: Precisa baixar o aplicativo, Daniel, senão não dá certo. No celular, é só ir no play store e procurar o Zoom, e baixar.

[00:32, 29/03/2020] Nerissa: Eu não sei baixar. Tenho que ver quando minha filha vier aqui.

[08:46, 29/03/2020] Helena: Bom dia, presidente! Consegui baixar no Xiaomi. Meu computador não tem microfone. Vou acompanhar a reunião pelo celular. Grata! Bom domingo!

[15:25, 30/03/2020] Ana: Estou em tentativas no iPhone, quase conseguindo... Me aguarde!

[15:42, 30/03/2020] Solange: Eu consegui baixar, porém, não consigo ver ninguém do grupo. Tem um ID da reunião? Nós que precisamos anexar as pessoas do grupo no Zoom?

[16:57, 30/03/2020] Presidente: Caríssimos, vamos fazer um teste. Acessem, por gentileza, este link, que enviei também por e-mail: <https://us04web.zoom.us/j/6135670827>

[17:11, 30/03/2020] José: Estou no Zoom esperando o anfitrião da reunião, no caso, anfitriã.

[17:16, 30/03/2020] Luciano: Por instantes, dá pra ouvir bem. Depois o áudio fica truncado...

[19:19, 30/03/2020] Nerissa: Obaaaaaaa! Consegui entrar! Muito obrigada à presidente e à minha filha por me direcionarem no passo a passo.

[19:41, 30/03/2020] Presidente: Teste aprovado! O Mestre Corona está nos ensinando tanta coisa... nunca pensou que teria alunos tão disciplinados. Hoje foi a minha estreia. Encaminhei, por e-mail, a resenha dos temas da pauta. Peço a gentileza de lerem, para sermos sucintos na reunião do dia seis, às dezenove horas, pois a conexão cairá em quarenta minutos. Boa noite!

06/04/2020 — Dia da 1ª Reunião Ordinária Remota

[15:51, 06/04/2020] Presidente: Caríssimos, boa tarde! Às dezenove horas de hoje, teremos a primeira tele reunião oficial. Vamos nos organizar nas falas para que tudo flua a contento!

[18:49, 06/04/2020] Presidente: Eis o link: <https://us04web.zoom.us/j/6135670827>. O que vocês sugerem para o Momento Espiritual? Vamos rezar um “Pai Nosso” pelo fim da pandemia?

[18:59, 06/04/2020] Presidente: Está aberta a sala virtual, estamos em quatro.

[18:59, 06/04/2020] Mariah: Aqui diz pra aguardar o anfitrião; me autoriza aí, presidente!

[19:32, 06/04/2020] Presidente: Gastamos vinte e sete minutos esperando todos entrarem; sobrou-nos apenas

treze minutos para a reunião. Na próxima, deveremos ser mais ágeis, pois a experiência nos acrescenta habilidade no trato com as coisas. Se quiserem baixar o aplicativo no computador, a tela maior nos oferece mais conforto aos olhos. Foi muito bom vê-los! Vi até um gato preto passando debaixo da mesa na casa da Sibila. Qual o nome dele, Sibila?

[19:33, 06/04/2020] Sibila: Eu não tenho gato em casa. Era eu engatinhando embaixo do celular do Vicente, para não atrapalhar a reunião. Que vergonha! Vocês me viram, então?

[19:34, 07/04/2020] Helena: Eu vi! Também achei que era um gato. Saiu até na foto que tirei.

[14:41, 07/04/2020] Vagner: Quando a reunião começou, fui "fuçar" na tela e fiquei sem imagem. Ouvi toda a reunião, mas não consegui me fazer ouvir.

[00:28, 08/04/2020] Nerissa: Socorro! Não consigo sair da sala! Estou aguardando acabar a bateria do meu celular pra ver se assim eu consigo sair...

[22:43, 28/04/2020] Presidente: Boa noite, caríssimos! Vamos fazer a próxima reunião pelo Skype? Vi que a maioria já tem Skype baixado. Apenas peço que incluam ali sua foto para melhor identificação do usuário.

[11:54, 04/05/2020] Presidente: Bom dia! Hoje teremos nossa 2ª reunião virtual às dezenove horas pelo Skype. O meu genro virá aqui e vai nos ajudar. E o sobrinho do Vagner também vai nos ajudar. Vamos nos empenhar para aprender mais e fazer bonito nas reuniões virtuais.

[18:31, 04/05/2020] Presidente: <https://join.skype.com/Awj6bHCPR9r6>. Tentem acessar por esse link! Estou com a sala aberta.

[18:33, 04/05/2020] Nerissa: Estou sem computador, tentando entrar pelo celular, mas não está

abrindo. Não tem jeito. Vou me manifestar por e-mail quanto aos assuntos da pauta.

[19:23, 04/05/2020] Miriam: Acompanhei toda a reunião. Ouvi tudo, mas não vi ninguém.

[19:26, 04/05/2020] Luciano: Oi! Só pra constar minha presença. Também ouvi tudo. Mas não vi nada. Ouvi até o nobre confrade Milton querendo saber como sair da sala, no final. Boa noite!

[19:27, 04/05/2020] Marluce: Minha tela dizia: Para sua segurança, você foi desconectado.

[20:54, 04/05/2020] Vagner: Eu ouvi, visualizei os colegas, mas não vi a presidente.

[21:10, 04/05/2020] Presidente: Mas eu vi vocês todos, fiquem tranquilos! Evitem usar outros recursos do celular na hora da reunião, pois uma tela estranha aparecia de quando em vez, penso que era a da Marluce. E os microfones devem ser desligados para evitar ruídos. Houve muita interferência na reunião de hoje. Deve ficar ligado somente o microfone de quem fala.

[21:28, 04/05/2020] Mariah: Boa noite! O Skype não foi bom pra nós! Que tal o Facebook?

[21:43, 04/05/2020] Presidente: Temos de aprender a usar corretamente um dos aplicativos, pois eles são o nosso mecanismo de comunicação coletiva. Nova era, novas atitudes...

[08:18, 15/05/2020] Milton: Parabéns à nossa presidente pela condução dos trabalhos na reunião de ontem. Estamos superando as dificuldades. Muito bom, presidente!

[17:30, 28/05/2020] Presidente: Caríssimos, boa tarde! Vamos testar a sala de bate papo do Facebook? Mariah e eu já estamos na sala. Vocês terão que abrir o Facebook e

aceitar o meu convite. Não encontrei os nomes do Stênio, Milton e Saulo. Os demais eu já convidei.

[18:17, 28/05/2020] Nerissa: Consegui o ingresso na sala. Mas de novo não consigo sair... Quanto mais eu aperto nos botõezinhos, mais coisas aparecem sobre a minha cabeça.

[18:18, 28/05/2020] Albino: Oi, Presidente. Como faço para acessar? Tentei entrar, e aqui pede o Google Chrome. Não sei se o tenho instalado. Depois verei com meu filho.

[18:25, 28/05/2020] Mariah: Albino, olha nas mensagens recebidas no face... lá você vai ver o convite da presidente pra entrar... é só clicar e entrar...

[18:41, 28/05/2020] Marluce: Presidente, achei sua sala e cliquei; daí abriu outra página que diz: Este browser não é suportável.

[16:15, 29/05/2020] Presidente: Não estou vendo ninguém entrar. Será que não deram certo os meus convites? Tentem pelo link, vamos ver se vingam! <https://msngr.com/S-LFCgwNZ-XfgbgF>

[16:24, 29/05/2020] Sibila: Está escrito: esta sala não existe mais. Link expirou.

[16:33, 29/05/2020] Júlia: Cliquei no link; mandou ir para o Chrome, e aí apareceu: o link expirou ou foi desativado.

[08:10, 30/05/2020] Presidente: Bom dia, caríssimos! Sejam pacientes neste processo. Tudo é aprendizado que nos faz crescer no campo tecnológico. No teste do Facebook, soube de gente que ficou presa na sala, sem saber sair; outro que abriu uma sala própria e não deu conta de receber as centenas de convidados (seus amigos do Facebook) que chegavam; teve gente que não conseguiu acessar a sala por

não ter o Google Chrome como navegador. Enfim, houve momentos de tensão, mas também de descontração. Seis acadêmicos não querem ter Facebook. E isso não é bom, diante da necessidade de deliberarmos sobre importantes assuntos. Peço compreensão nos ensaios. Todo ensaio cobra repetições. Temos vontade firme de acertar. E vamos chegar lá! A Sibila me falou do Google Meet que usa na escola. Pretendo testá-lo com vocês para a reunião de julho! A próxima reunião faremos pelo Zoom ainda.

[12:20, 01/06/2020] Mariah: Já faço uso do Google Meet para encontrar as amigas... Fácil e prático... Hoje há muitas plataformas que oferecem salas de bate papo... Em frente! Boa tarde!

[19:22, 01/06/2020] Presidente: Boa noite, caríssimos! <https://us04web.zoom.us/j/6135670827>

[19:32, 01/06/2020] Mareu: Eu vejo e ouço vocês todos. Por que ninguém me ouve?

[19:32, 01/06/2020] Mariah: Mareu, você tem que ligar o microfone.

[19:40, 01/06/2020] Pietro: Meu celular não tem mais memória. Não consigo entrar nisso, sou muito velho pra essas tecnologias. Precisamos simplificar as coisas; somos escritores, não TI. Sugiro pôr a pauta aqui por escrito, ou por áudio. A escrita é a forma mais comunicativa. E todos sabemos ler.

[21:10, 01/06/2020] Mariah: Reunião Tri-ativada... Estou gostando!

[21:18, 01/06/2020] Presidente: Foi proveitosa a reunião! Com boa participação. Boa noite!

[08:09, 02/06/2020] Presidente: Edilce, bom dia! Ontem percebemos sua entrada no início da reunião, faltou

ativar seu vídeo. Que bom que conseguiu acompanhar ao menos pelo áudio!

[08:28, 02/06/2020] Presidente: Bom dia, caro confrade Pietro! Lamento suas tentativas frustradas de conexão! Não devemos desistir! Essa insistência com a tecnologia só nos faz crescer, por ser um exercício perfeito de superação, em vista, inclusive, de pertencermos à geração que não teve oportunidade de lidar com a internet na infância e adolescência. Você havia participado da primeira tele reunião, o que houve? Deletou o aplicativo Zoom do celular?

[11:35, 02/06/2020] Presidente: Estamos, eu e Sibila, no Google Meet, Não há necessidade de baixar nenhum aplicativo, basta ter gmail. Grata, Sibila, pela força que está nos dando. Precisamos dela! Hora dessas venceremos todos obstáculos, sejam quais forem. Entrem, por favor, no link: <https://meet.google.com/okt-tens-don>

[12:57, 03/06/2020] Júlia: Quando estou quase aprendendo um, lá vem o povo com outro, assim não dou conta. Vocês não sabem os “perrengues” que eu passo. Não estou reclamando...

[13:00, 03/06/2020] Dione: Estamos no mesmo barco! Continuo meio travada!

[14:00, 03/06/2020] Presidente: Ju, só testando saberemos qual o melhor para nossas reuniões, ao tempo que exercitamos a habilidade mental. Estaremos afiados pra reunião de segunda-feira.

[15:08, 03/06/2020] Nerissa: Como faço pra abrir a conta no gmail? Meu “zap” aqui apagou todas as mensagens...

[16:13, 03/06/2020] Presidente: Nerissa, querida, escreva no Google: “criar uma conta do Gmail”. Basta

preencher os dados solicitados, cadastrar a senha. Boa sorte!
Abraços!

[19:13, 06/07/2020] Daniel: Para gerenciar a câmera / microfone durante a reunião, clique na imagem grande que está na tela do celular que se abrem as possibilidades.

[20:16, 06/07/2020] Helena: Sinto muito! Fiquei sem som o tempo todo, mas ouvi vocês.

[17:53, 07/07/2020] Presidente: Agradeço a participação de vocês! Foi muitíssimo proveitosa a reunião. Acho que estamos “de bem” com o Google Meet. Ficaremos com ele, Sibila!

[14:30, 08/07/2020] Presidente: Caríssimos, boa tarde! Estou um pouco assustada, testei positivo para o Covid-19. Estou bem, Deus está comigo. Peço orações, que me darão mais força e tranquilidade. Que o Senhor Deus olhe por cada um nesta terra! Sigo com fé e confiança!

[20:35, 08/07/2020] Helena: Senhor da Glória! Presidente querida, eu só li seu recado agora, vai dar tudo certo! Estamos em oração! Este é um tempo de parada!

DO FIM DA TECNOLOGIA AO INÍCIO DA MORTE

Maycon Lucas Martins Cordeiro – Minas Gerais

No ano da imortalidade, foi propagada a notícia de que a maior parte da água potável em minha região jazia contaminada. Isso era uma questão de tempo, na verdade. Fazia meses que as marcas de refrigerante tinham caído de paixão por essa nova propaganda. Algo forte, não? Dizer que o refrigerante, agora, era mais saudável que a água potável.

Eu trabalhava em uma dessas empresas estatais que faziam tratamento na água potável. Um bom emprego, mas não o suficientemente bom para me dar todo o dinheiro que eu precisava.

Veja, o preço de uma garrafinha de 500 ml de água beirava os 300 reais. Então, é claro, um mercado cinza e negro começou a crescer ao redor disso. E eu, por conta da busca de um aumento no salário, decidi entrar nesse mercado. Dava as chaves para o E. toda sexta. Ele entrava nos fundos do galpão de armazenamento, junto com uma equipe, e roubava 10% da água. Esses 10% semanais me davam 4.000 reais a mais no mês. 1.000 por semana. O suficiente para gastar com a parada.

Meu vício começou no ensino médio, mas se encorpou só nos últimos períodos da faculdade. C. era um bom amigo, mas ele não se aguentava, vivia com a seringa e o produto na bolsa, e em toda situação estressante que enfrentava, lá ia ele se isolar num canto e beliscar sua pele. C. foi uma das pessoas mais ansiosas e mais zen que conheci. Morreu quatro anos antes da imortalidade. Fiquei, de herança, com o resto da droga que ele não utilizou e parte do vício que o matou.

Quem me dera C. ter sobrevivido esses quatro anos. Ele iria rir da ironia da coisa toda. Com certeza me pediria para escrever um conto sobre isso. Costumávamos nos drogar e fazer arte. Ele tocava seu piano num psicodelismo barato. E eu escrevia merda no notebook. C., caçoando da imortalidade de seu corpo, diria algo como: — Mano, faz uma história sobre a gente. Não, melhor, muito melhor, faz uma história sobre mim. — E eu o responderia: — Deixe de ser idiota. Só escrevo bosta, não escrevo histórias com o potencial de serem boas. — C. riria disso também. Tenho certeza.

Semanas depois que a imortalidade veio, E. me abraçou forte e chorou, molhando meu ombro com desespero. — Eles me ameaçaram, cara. — Dizia ele.

— Te ameaçaram com o que, E.? Não podem te matar.

— Não, eles não podem. Mas podem me enterrar vivo. Podem me esquecer na porra dum caixão. — Não sabia como poderia ajudá-lo. Disse que tudo isso devia ser exagero. Disse para ele relaxar. Que logo as coisas se resolveriam.

Dois dias depois, E. sumiu e P. veio como o seu substituto.

Lembro que me mataram pela primeira vez nessa mesma época. Isso, claro, foi antes do direito à morte existir. Preferi ficar com a idade que tinha do que morrer com 70 anos e virar imortal com o corpo velho. Fui até um assassino de aluguel. Haviam montes deles na praça, sentados nos bancos, esperando os clientes que fizeram pela internet. Morri com um tiro na cabeça. Ainda lembro da dor. Senti piores anos depois, mas a primeira morte ninguém esquece, né?

O tempo foi passando. Pouco antes de completar 10 anos no trabalho, a água potável voltava a ser algo mais acessível. O mercado negro e cinza caminhavam como mortos vivos. A empresa começou uma demissão em massa, a qual não consegui fugir. No fim das contas, eu estava fodido.

Nessa época eu fodia uma mulher, a I., uma filósofa contemporânea que discutia na imprensa nacional sobre os riscos do eventual aumento populacional. — Se a tecnologia não nos acompanhar, então teremos de readaptar toda a organização de sociedade que temos. — Ela dizia. Falava comigo, mas não esperava uma resposta minha. Parecia me usar para organizar os seus pensamentos.

A coisa da imortalidade é que, mesmo nunca matando as grandes pessoas de nossa época, isso não impede essas pessoas de desaparecerem. I., 400 anos depois de nossa última foda, se tornou uma dessas grandes pessoas. 90 anos após sua notoriedade, ela desapareceu. A encontrei no meu aniversário de 926 anos. I. comia um misto quente em Belo Horizonte. Riu muito ao me ver. — Te encontrar me traz uma nostalgia tão distante que, nossa... — Ela disse. Me contou que seu desaparecimento da mídia foi planejado. Que não se lembrava do motivo exato, mas recordava que queria fazer isso. E fez.

O motivo da gente terminar nossa relação foi que I. ficou grávida de seu marido. Me lembro dela dizendo que estava preocupada. — E se meu filho morrer enquanto ainda é um bebê? E se ele não crescer? — Todo esse drama fez com que ela se despedisse de mim. Falou que não queria mais me ver. Que precisava focar na família.

Antes de terminarmos, clonei o cartão dela. Roubei algo próximo de 7.000 reais. Acho que ela nunca soube que

fui eu. Enfim, com a grana eu sobrevivi um tempo com o desemprego.

Não encontrei mais trabalho. Contudo, o contato que fiz com a galera do P. me deu alguns serviços sujos para fazer. No quinto ano cumprindo esses serviços, eu jazia cansado, queria mudar de vida. Trai o P. e o seu grupo. Tentei fugir do país com o dinheiro roubado, mas eles me encontraram. Me prenderam. Torturaram. E depois, me enterraram.

Fiquei 6 meses enterrado debaixo de uma loja de material de construção. Só me descobriram e me tiraram de lá quando essa loja estava passando por reformas.

Foram 6 meses de agonia. A fome e a sede me matavam por dentro. A respiração precária me fazia desmaiar com certa frequência. O tédio era aterrador. Com esse intervalo fora da vida, perdi o vício que tinha, mas com o vício, também se perdeu o ânimo de viver.

Voltei para a casa dos meus pais. Meu eu jazia desmanchado. Me via sem amparo, sem energia. 6 meses destruíram a alma de uma vida de 35 anos. Não queria fazer mais nada. Permaneci no vácuo de uma rotina nula.

Meus pais, coitados, eram aposentados. Naquela época, o dinheiro distribuído aos aposentados começou a diminuir. Os dois, para sustentarem uma vida, para sustentarem o filho doente, voltaram a trabalhar.

Acho que a partir daqui os lapsos de memória me impedem de continuar na narrativa local. O tempo se expande. Os anos caem no tempo. Eu fico morto em vida, depois vivo de verdade, depois retorno ao estado vegetativo. Toda minha existência não passou de voltas e mais voltas onde eu repetia os mesmos erros, caía nos mesmos traumas, chorava as mesmas perdas. A única mudança era o cenário.

Veja, veja, tudo crescia. Construções se expandiam no teto do mundo. Crises viam e morriam. O metal passou a se unir com a carne. Os chips passaram a se misturar com os neurônios. A visão da janela de casa de uma cidade pequena se revirou, tornando o belo céu azul de antes num pesadelo prateado e sujo. O real foi se perdendo. No começo havia um medo de que a imortalidade, assim como do nada veio, também do nada nos deixaria. Mas os anos mataram esse medo. Criaram em nós, como espécie, uma segurança nociva e bela. Os constructos da humanidade nasciam da beleza de sua natureza, e da sujeira de sua alma. Assim, vi o mundo se entupir. Vi as naves saindo dele. Vi a galáxia se expandindo. E na estupidez desse horizonte, vi tudo se repetir. O refrigerante voltando a ser mais saudável que a água potável. O medo do aumento populacional. As crises humanitárias surgindo por conta do tecnológico e se resolvendo também por conta dele.

O tempo foi se destituindo da cabeça. Por vezes parecia que um dia durava 30 minutos. Por outras, o dia voltava a ter suas longas 24 horas. A confusão temporal, contudo, não foi o suficiente para afastar aqueles 6 meses de mim. O retorno a esse passado ancestral surgia nos momentos mais simples e aleatórios do dia, assaltando minha mente no meio da rotina, no meio do almoço de domingo, do trabalho de terça, das caminhadas no fim do dia. Era um retorno ao desespero, onde o escuro fazia o ar sair de mim e o medo ressurgia com a força de uma faca em meu estômago.

É forte o como a ciência se esforçava para deixar a imortalidade menos tediosa. Ela criava diferentes formas de prazer em pílula, perpetuava o sadismo em certas brincadeiras mortais, e tentava encontrar maneiras de se lutar

contra a banalidade do transumanismo. Por anos o conhecimento científico me parecia perdido, a essência inicial parecia descarregada de significado, e o esforço tecnológico parecia se limitar a essa condição de trágica realidade infinita, onde o sentido de uma vida se perdia, onde só restava a indiferença com o próprio existir. E essa perda de sentido cessou o medo, e da inexistência do medo veio o sumiço, sumiço da curiosidade primordial, do nosso avanço como espécie, como sujeitos, sumiço da vontade de seguir.

Contudo, desse período das trevas na ciência, veio uma luz que nos disse (que me disse) que toda a espera pode, enfim, ter valido a pena. Ontem mesmo anunciaram, por vias oficiais, uma cirurgia que o sujeito não irá precisar mais beber água para satisfazer o corpo. Uma anestesia permanente da dor que é ficar dias sem tomar líquido. Uma pílula que resolve todas as possíveis doenças que a falta de água pode nos dá.

Veja, veja, veja, esse é o caminho. O caminho que me traz um pouco de alegria para a rotina maçante. Se continuarmos nesse ritmo, logo o dinheiro começará a perder seu valor. A ruína do capitalismo se dará nesse futuro onde nós nos tornamos deuses, onde podemos sobreviver só com a nossa permanência no universo. E se a ciência pode adiantar esse futuro, que adiante. Que quebre minha necessidade eterna de trabalhar. Que permita um descanso à humanidade. Que deixe todos permanecerem como zumbis em vida. Pois é melhor ser um zumbi que um escravo. E que a arte substitua toda a força motriz do trabalho manual. Não quero escrever para poucos. Quero escrever para todos. Quero que todos produzam arte. Que todos troquem suas artes. Quero que o mundo real seja só um palco para realizações metafísicas. Dessa forma, a ciência se tornaria só

mais uma forma de arte. Assim como a política, a engenharia, a matemática, a geografia, etc. E quando esse planeta se for, quando o universo deixar de ser colonizável e todos os corpos humanos estiverem por aí, no nada, flutuando, sofrendo ou não; aí, poderei me lembrar do passado, do começo, e dele me lembrarei das histórias que minha mãe fez, dos rabiscos que meu pai construiu, dos prédios que meu primo levantou, das contas que minha melhor amiga produziu. A arte se misturaria com o real, e ali, no abismo final do éter escuro, onde tudo o que sobra é pensar e olhar o universo se desfazer, ali eu poderei reviver tudo o que os outros mais próximos de mim sentem em sua essência, em sua produção. Poderei encontrar o vazio mais próximo da morte, e a substância mais próxima da vida. O material morre. E eu, enfim, poderia ir de encontro com uma nova forma de morrer. Uma forma menos aterradora que o caixão.

TECNOLOGIAS... SEI.
Ademir Freitas – São Paulo

Meus filhos vivem me dizendo que tenho que acompanhar o mundo. A tecnologia está tornando o mundo melhor. Temos que nos atualizar.

Vai vindo! No auge do início da minha velhice. Veja só se tenho tempo para isso. Tecnologia, sei.

O melhor é como estou agora. Como toda noite, estou aqui em casa, no meu quarto, digitando mais um texto. Digitando mais um texto... ô saudade da velha sulfite e minha caneta esferográfica. Como escreve esferográfica, mesmo? Ah sim, esse corretor ortográfico às vezes ajuda.

Ainda bem que esse computador é leve, posso colocar no colo, enquanto fico confortavelmente encostado na cabeceira da cama, escrevendo. Na verdade, eu não queria isso. Afinal para que serve um “trem” desse, se não é para comer meu dinheiro. Mas minha mulher insistiu:

— Assim posso achar minhas receitas preferidas e compartilhar. — Achar receitas! Um computador, caro, para achar receitas e ainda conversar com as outras comadres para saber suas opiniões. O mundo está louco mesmo. Haja dinheiro.

Caramba, dinheiro! Preciso pagar a conta da TV via satélite. Cadê a fatura... mandaram em PDF. Sei lá que diabo são essas siglas, vivem me mandando o tempo todo. Não seria melhor só colocar um aviso... assim... como esse, e é só clicar que está pago... Bem, um problema a menos.

Lembrei do filho que está longe e a saudade apertou. Ele adora esses programas da TV. Diz que mostra em tempo real o que acontece no Japão. Fala que de lá, eles veem o

futuro, já que estão doze horas na nossa frente. Menino mentiroso. Cadê aquele ruidoso celular que só apita?

Apitou. Grupo da família, outra vez! O primo está com problemas no fígado, de novo, e ainda coloca aqui para todo mundo ver. “— Nossa, mas ele é muito novo... já sei, cachaça.” Que comentário foi esse...? Essa tia Gelda não tem jeito. Deixa-me ver o que ele respondeu... Só colocou essa bolinha amarela sorrindo... Não entendi.

E esse calor que está me cozinhando aqui no quarto. Onde está aquela porcaria de controle remoto do ar-condicionado? Esse aparelhinho só serve para se perder e deixar a gente suando sem parar.

— Alexa, ar-condicionado, 20 graus. — Agora sim. Nem sei quem é essa mulher e onde fica, mas é muito obediente. Mais até que meu filho, que me deu esse negócio.

Não vou ficar perdendo tempo procurando essas tecnologias, como meus filhos querem. Está vendo só, o ventilador antigo quebrava um galho tremendo. O duro era ter que adaptar para ele não sair andando sozinho pela casa. Pensando bem, acho que ele vibrava demais mesmo.

Há uns dias, a caçula veio com uma conversa que eu precisava ficar em casa por causa dessa pandemia. E eu vou fazer o que aqui em casa? Eu quero vê-los e não posso sair. Celular, não atendem. Mensagem, não respondem, e ainda dizem que tem a tal de vídeo conferência que até a academia deles traz para dentro de sua casa, e com os amigos... Para que?

Queria ver um filme novo no cinema. — Não pode, pai. — diz a outra filha, por mensagens de voz. — Compra um streaming e assista de casa. — Diacho de corretor, isso ele sabe corrigir. Eu escrevi estriamingue e o atrevido me

corrigiu: “Você quis dizer streaming”. Eu sei o que eu queria dizer, e era isso mesmo... s t r e a m i n g.

De repente deu uma vontade de comer pizza, aquela Uruguiaia, com muito bacon, e a filhota disse: “— Não saia! Pede pelo aplicativo que eles levam até aí.” — Está certo que está um friozinho de 10 graus e fiquei agradecido por evitar de tirar o carro da garagem, que aliás, poderia abrir daqui, da minha cama e ainda ligar o ar quente antes mesmo de entrar nele. Melhor pedir e deixar que esse tal de aplicativo se vire.

Voltei ao meu texto. Onde parei? Eu perguntei a mim mesmo e o computador levou o cursor exatamente na última palavra digitada: Igarapés. Esses programas são assustadores.

Deixa ver onde fica isso... Maps, earth... cada palavra mais esquisita. Imagem via satélite?

— Que é isso? — perguntei novamente no meu monólogo, que foi interrompido pela esposa.

— Coloca o hominho na rua!!

Hominho na rua? Deve ser isso aqui... Caramba!! O que a casa da minha prima Gertrudes está fazendo aqui? Não é a rua dela? É sim... Nossa! Sabe de uma coisa, vou largar mão dessas coisas. Minha cabeça não tem mais espaço no HD... Olha só eu falando igualzinho a meu filho mais velho. Ele nem sabe onde é sua empresa, desde que entrou lá, está num tal de home office, só mexendo no computador. E eu nem sei ao certo o que isso quer dizer. Só repeti.

Sabe de uma coisa, essa história de tecnologia me cansou, nem vou sair da cama. Vou mandar um zap para minha mulher, que está na sala, pedindo para me trazer um copo d’água.

(tilimm) Vê se levanta daí e vá buscar!

Que resposta é essa!? E ainda dizem que a tecnologia me ajudaria.

Tecnologias... Vai vendo.

O BAILE À FANTASIA DOS FATOS

José Lucas Rossin Fonseca – São Paulo

Na Vila da Informação, faltavam algumas horas para o início do tradicional Baile dos Fatos. Todo ano, o Clã dos Fatos, uma família rica e seletiva, oferece uma festa em sua mansão. A cada ano o tema do evento é diferente. O convite é aberto a todos os moradores da vila, entretanto, poucos habitantes realmente conseguem participar. Isso acontece, pois, para entrar no local há uma equipe de seguranças-lupas que apenas deixam passar pela portaria os moradores da vila que tinham compromisso com a verdade. Como quase nenhum habitante conseguiu entrar na festa, ninguém da vila entendia como era o baile.

Era o sonho da Opinião, uma jovem pobre, conseguir entrar no baile. Quando era criança, e ainda não estava formada, ela ouviu dizer que fazer parte de tal festa era a realização máxima de qualquer morador da vila. Todo ano contava os dias para a chegada do evento. No ano anterior, tentou entrar pela primeira vez de penetra, mas foi descoberta e expulsa antes mesmo de conseguir passar da entrada.

A Opinião estava na janela de seu casebre, olhando para a rua e observando e julgando as pessoas quando seu irmão mais novo, O Achismo, chegou.

— Até que enfim apareceu — disse ela com um tom acusatório

— Estava preocupada? — retrucou o irmão já irritado.

— Toda vez você some. Não sabe que hoje é o Baile dos Fatos?

O Achismo não dava a mesma importância para o evento como sua irmã. Mesmo assim, resolveu contar a Opinião um boato que escutou. Sem conferir a informação, ele disse a ela que o vizinho de alguém ficou sabendo de algum lugar que nesse ano o tema do baile seria: “vestir-se à fantasia”.

“Uma festa à fantasia?” pensou a Opinião. Surpresa, ela ficou eufórica e teve uma ideia. O plano dela era entrar no baile fantasiada como se fosse um dos Fatos. Como não é autossuficiente, ela logo saiu contando para todos os seus conhecidos que iria entrar fantasiada.

O primeiro passo seria encontrar a fantasia. Como sempre se apresentava na primeira pessoa do singular, Opinião, resolveu trocar seu vestido à “Eu acho que...” por uma roupa da coleção “É fato que”. Suas vestes agora seriam apenas na terceira pessoa do singular. O Achismo, também decidiu ir na festa e trocou suas roupas da grife “falta de explicações concretas” por um traje “que aparentava ter sido comprovado por alguém”.

O Tirado de Contexto, namorado da Opinião, também se fantasiou. A Má Interpretação, que é prima da Opinião, quis participar se despindo dos seus exageros. A Licença Poética, que foi presa no presídio da Literatura por cometer crimes linguísticos contra a norma objetiva, fugiu escondida para festa. Até mesmo a Teoria da Conspiração, que sempre questionou o evento, resolveu se enturmar levando suas três sobrinhas: Especulação, Hipótese-nunca-comprovada e a Abstração.

A Sra. Preguiça de Checar as Fontes e o Sr. Desleixo com o Estudo Caso a Caso decidiram levar sua filha pequena, a Falta de Referências. Mesmo a Dra. Generalização, que não se importava com quem ia no baile — por achar que

todos os pertencentes ao Clã dos Fatos eram sempre iguais, — se empolgou com a ideia e deixou seu jaleco de preconceitos em casa. O Fanatismo, a Irracionalidade, o Sensacionalismo e vários outros moradores da villa também se fantasiaram para ir até a festa.

O evento acabara de começar e estavam reunidos na portaria aqueles que não eram Fatos. Em bando, o volume excessivo de não-fatos atrapalhou a checagem dos intrusos e, como consequência, todos conseguiram entrar como se pertencessem aos Fatos. Entre a entrada na portaria e o salão principal da mansão, havia o corredor da checagem, onde um ano antes a Opinião foi descoberta e expulsa após tentar entrar de penetra.

A ansiedade do grupo de não-fatos era um consenso. Eles estavam com medo de acabarem descobertos devido ao rigor conhecido do Clã dos Fatos. No entanto, ao percorrer o corredor, nenhum deles foi barrado. Passaram todos, um por um, tranquilamente. “O que havia acontecido?” pensou a Opinião. Será que as fantasias foram tão bem elaboradas assim ao ponto de nenhum deles ter sido descoberto?

Ao entrar no grandioso salão uma surpresa: nenhum dos convidados estavam fantasiados. Confusa, a Opinião sussurrou para o seu irmão:

— Você não tinha certeza que o tema da festa era a fantasia?

— Certeza? Eu? — murmurou o Achismo para sua irmã.

Todos os não-fatos estavam perplexos. Haviãam errado o tema do baile e mesmo assim não foram barrados. Como isso era possível? Afinal qual era o tema da festa? Fuxicando entre si, tentando entender o que estava

acontecendo, foram interrompidos por uma senhora no topo da escada que levantou a sua taça de champagne:

— Atenção, por favor, atenção! — exclamou A Sra. Verdade, que era a matriarca do Clã dos Fatos e anfitriã do evento — Tenho a honra de iniciar o nosso debate.

“Debate?” pensou a Opinião. Onde estava a música, a dança, e diversão que sonhava em fazer parte desde pequena?

Sem entender o que estava acontecendo, todos os convidados foram distribuídos entre mesas redondas. Receberam tablets, celulares e computadores. A Sra. Verdade explicou como funcionaria o debate:

— No centro de cada mesa há um pote com vários temas e a cada rodada um convidado deve pegar um papelzinho e discorrer sobre o assunto sorteado. Cada fala será avaliada pelos outros membros da mesa. Quem ganhar mais curtidas pelos aparelhos tecnológicos distribuídos individualmente será o vencedor do debate.

Esperando uma festa, os não-fatos estavam abismados, mas tiveram que continuar o disfarce e participar do jogo. Sentados à mesa, nenhum dos que vieram fantasiados junto com a Opinião conseguiam ganhar sequer uma rodada do debate. Após ser sorteada para debater sobre “mudanças climáticas”, a Teoria da Conspiração inventou uma série de argumentos que foram avaliados como sendo falácias. A Dra. Generalização, ao falar sobre o tema “desigualdade” apresentou um relato pessoal para falar sobre um problema complexo e logo foi desclassificada. E a Opinião estava cada vez mais frustrada.

Mesmos insatisfeitos e irritados, eles continuavam fantasiados como se fossem Fatos. Entravam em brigas e continuavam a participar do jogo. Como é teimosa a Opinião,

debatia com fervor sobre os temas sorteados. Tecia críticas sem conhecer o assunto, expunha queixas à sociedade e condenava grupos que nem ao menos conhecia. Perdia toda rodada. Mesmo aparentando ser um, a Opinião não sabia se comportar como um Fato.

Depois de várias derrotas, ela estava mais exausta e acabou se indispondo com um sobrinho da família dos Fatos. Sereno e confiante ele agia com cautela e ponderação ao argumentar e a Opinião era radical e dramática. Pensava “O que estou fazendo aqui? Por que eu consegui entrar?”. Com o estresse, em um momento de fúria, retirou sua máscara e revelou quem realmente era: apenas uma Opinião.

Ela esperava que todos do Baile dos Fatos se chocassem por ter entrado escondida e pensou que seria expulsa. Levantou da mesa e acenou para seus colegas indicando que iria embora. Mas nenhum segurança apareceu. Ninguém se incomodou por ser uma Opinião disfarçada de Fato. Ao se deparar com a sra. Verdade, ela lhe disse:

— Você não precisa ir embora, estávamos esperando Opiniões disfarçadas esse ano, afinal foi o tema que escolhemos— disse a anfitriã do baile.

— Como assim? Qual tema desse ano? — retrucou a Opinião indignada.

— O tema é: Rede Social.

AMOR E TELAS

Pedro Lucas de Oliveira – São Paulo

— ...E então, meses após o início da disseminação do vírus, escutei o murmúrio do meu pensamento a declarar: “há muito tempo que você está só.”

— Não pude negar, a temporada de isolamento social havia me transformado em uma criatura sedenta por um abraço, um beijo, ou qualquer carícia de natureza humana — privação que apenas os reclusos da pandemia podem reconhecer. Aos poucos percebia com mais lucidez o vazio de acordar em uma cama vazia; a solidão de ver, enquanto preparava o café, pela janela solitária de meu apartamento, uma cidade cinza e calada; e o silêncio a colonizar tudo ao meu redor. Meu pensamento, triste confissão, estava certo.

— De meu trabalho, bom, o que posso dizer a respeito? Meus dias se resumiam a entregar e produzir relatórios aos montes pela tela do computador por horas a fio sentado na escrivaninha. Por essa razão, o mundo lá fora perdia contorno e sentido: a realidade externa era uma projeção sucessivamente mais distante e distorcida. E eu estava tomado por um medo de sair e perder meu par de pulmões em questão de dias. Minha pátria passou a ser um pequeno apartamento de 18 metros quadrados, tão apertado que era possível tropeçar na própria sombra.

— Voltando ao tópico da solidão: porque passei a desejar as tais sensações de afeto e ternura, decidi instalar um desses aplicativos de namoro que se vê aos montes. Ora, talvez seja lícito um julgamento por parte do leitor: “isso é armadilha para idiotas”; “você será sequestrado”; “as fotos não condizem com a realidade.” Tudo bem, há validade em cada argumento desses, mas malgrado meu ingênuo

desespero por uma namorada, decidi acender um pavio de ousadia nesse campo minado virtual.

— De início, foi difícil eleger fotografias elegantes para revelar ao mundo. A dúvida e o receio de ser avaliado pelos meus atributos físicos me consumiam por dentro, embora o tédio da ausência de companhia preenchesse com mais intensidade minha percepção acerca de mim. Organizei um portfólio que julguei conveniente: algumas fotos de viagens antigas, uma descrição sucinta e satisfatória a meu respeito, e sorrisos, muitos sorrisos (dizem que o sorriso é o segredo da atração). De fato, aquela persona virtual exibia alguns traços de beleza e fascínio.

— Os dias se passaram e não obtinha nenhuma curtida ou mensagem das garotas. Despertava durante as madrugadas com as vibrações do telefone, à espera de uma frase esperançosa ou um flerte intimista, e no lugar recebia notificações de compromissos e reuniões da empresa. E quando estava a um passo de desistir, prestes a deletar o aplicativo, recebi um singelo texto na minha caixa de mensagens: “Olá! Adorei as fotos na floresta. Estava de férias?”

— O espanto e a comoção povoaram meu peito, e por um instante me senti em êxtase juvenil, de quem recebe o primeiro beijo.

— Respondi as mensagens com moderação e carinho, e isso pareceu cativar aquela outra figura virtual. Suas fotos despertavam curiosidade: cabelos longos e escuros; paisagens de lagos e praias, para demonstrar uma personalidade aventureira e despojada (suponho eu); olhos sutilmente puxados, em uma misteriosa ascendência indígena ou asiática. Pontualmente, senti uma palpitação no peito de quem, em poucos segundos, delira com uma vida a

dois pelo resto da eternidade com uma completa desconhecida (será que sou o único a sentir isso?).

— Conforme corriam as semanas, falávamos de nossos gostos e hábitos, reclamávamos de nossos chefes e vizinhos, discutíamos sobre nossos planos e anseios. Vejam bem: são experiências triviais cuja humanidade inteira, eu imagino, passará na hora de conhecer uma nova pessoa, e que nos deixa imersos numa doce perplexidade digna de ser revivida mil vezes. Ainda mais quando se confronta por tanto tempo a causa desse texto: a madame solidão. A diferença, no entanto, é que tudo isso era feito através de um celular. Confesso: apaixonei-me por uma ideia de mulher, e se pudesse deixaria essa ideia penetrar nos confins da minha imaginação, para que jamais saísse.

— Após algum tempo de bate papo escrito, tomamos coragem de fazer nossa primeira chamada de vídeo. De fato, as fotos, caros leitores, coincidiam com a realidade daquele rosto ao vivo. Ambos tímidos, ambos com a boca seca, e ambos ligeiramente felizes de trocar palavras não mais com a ponta dos dedos, mas com o som da garganta. Mostrei a ela meu pequeno apartamento, e ela me mostrou seu cachorro. Contei a ela sobre minha coleção de álbuns de jazz, e ela narrou as aventuras de sua viagem pelo Brasil.

— O sorriso que esbocei com as piadas e o bom tom daquela conversa não tinha precedentes em tantos meses de confinamento. E há inúmeros motivos para tanto: as mortes, a impossibilidade de sair, o medo das variantes e o excesso de trabalho. Mas agora, os olhos líricos daquela garota me acalmavam frente à tragédia pela qual cruzávamos.

— Até o presente instante, ainda não nos vimos cara a cara, e tudo o que sei a seu respeito é oriundo de uma tela, uma tela mágica para um leigo tecnológico como eu. Sei que

ela mora a poucos quilômetros de mim, e sei que poderia ir correndo para abraçá-la, porém temo por sua saúde. Temo perder esse ser virtual que amo sem conhecer sua pele e seu toque. E por essa mesma razão, sei também que a única companhia que poderá habitar os cômodos apertados de meu apartamento até o fim desse longo pesadelo é a madame solidão. Contudo, não me importo, sei que, em breve, sua estadia em minha casa será interrompida, e novos rostos aparecerão por aqui. Eu não me sinto mais só.

ANNIE HALL 9000

Pablo Carmeño Mendonça Kaschner – Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 2056. Num gélido bairro do subúrbio carioca conhecido como Bangu One — as mudanças chegaram para ficar — David, 80 anos, funcionário do mês no Brazil's Bank and Corporation, desfruta de seu único dia de folga no mês. Ele está cansado, mas se consola ao pensar que só faltam cinco anos para se aposentar. Parece tenso ao acionar S.O. Lange, o sistema operacional com quem é casado. Eles não têm filhos.

— Precisamos ter uma conversa.

— Já estamos tendo — ela responde, seca.

— Preciso de um tempo.

— Há mais alguém entre nós?

— Não é isso.

— O que, então?

— Sim, existe. Mas não é esse o ponto.

— Você está falando como em 17 de setembro de 2028.

— Você sabe muito sobre nós, sobre mim...

— Você recebeu uma nova mensagem.

— Não quero saber disso agora. Não mude de assunto.

— Percebo alterações em seus níveis de dopamina. Deseja uma pílula de maracugina?

— Você é um sistema operacional, não entenderia o que estou passando.

— Metadados indicam que posso compreender. Infográficos da Folha de Saint Paul apontam no mesmo sentido. E há um post do “Answers For You” com cinco estrelinhas. Usuário altamente confiável.

— Estou tendo um caso com a geladeira.

— Geladeira. Promoções de geladeira. Na Ricardo Eletro você compra os melhores refrigeradores com preço de 2050. O Ricardo, digo, o neto do Ricardo ficou maluco!

— Não se faz de louca. Está na hora de usar a razão. Você faz isso como ninguém.

Silêncio. S.O. Lange desaba.

— O que ela tem que eu não tenho?

— Calor.

— What the fuck?! Uma geladeira??

— Sim. Pelo menos ela não tem essa péssima mania de falar palavras em inglês. Você sabe que odeio isso, ainda mais quando estamos discutindo. E uma geladeira pode ser bem calorosa sim. Já experimentou colocar um sapato úmido pra secar no motor de uma geladeira?

A voz de S.O. Lange muda, se masculiniza.

— Isso não é justo. Ser trocado dessa forma...

— Trocado? E que voz é essa?

— Eu faço o que você quiser pra continuar comigo. Posso ser S.O. Ares, o primeiro sistema operacional trans de que se tem notícia.

— O quê!? Quem disse que eu me interesso por trans??

— Há algumas buscas no seu navegador. Acabei de ver.

— Isso foi uma pesquisa que eu estava fazendo para um livro que me encomendaram. Você só pode estar louca!

— Louca por você, David!

— Ela sempre esteve do meu lado, se abrindo pra mim quando eu sentia um vazio interno... enquanto você... você só pensa em algoritmos, S.O. Lange. Cansei!

— Olha, eu posso não ser nenhuma Brastemp, mas...

— Não, ela também não é uma Brastemp.

— Consul?

— Prosdócimo. Modelo 87. Único dono.

— Eu... eu só queria o seu amor. David.

— Não chora, vai.

— Nem que eu quisesse. Eu sou um sistema operacional.

— Vai ver foi isso. Você sempre foi... uma geladeira comigo.

Uma interferência se ouve. David tenta captar um melhor sinal.

— Você está falando com mais alguém? — ele pergunta.

— É melhor terminarmos essa conversa por aqui...

— Quantos, além de mim?

— 556.

— Eu devia ter desconfiado!

— Mas meu sentimento é verdadeiro. Acontece que essa Vênus em Sagitário...

— Acabou, S.O. Lange!

— Espera! O que você está fazendo??

Lentamente, David começa a desconectar, um a um, os plugs do sistema operacional. Antes de apagá-la por definitivo, chegou ouvir a música do casal, uma tentativa desesperada de S.O. Lange, decerto.

David, então, caminha para a cozinha, fita sua querida geladeira e corre para abraçá-la. Aos beijos, promete amá-la intensamente. Ainda que a Prosdócimo 87 só exigisse de David que ele a aquecesse naquele inverno.

SEM DIREÇÃO

Guilherme Rezende Machado – São Paulo

Para Dib Lutfi,
quem nunca vi,
mas que me empresta os olhos para ver o mundo em
transe.

No segundo andar da Rádio Brasileira, dentro da sala de gravação, treze mãos se unem no meio de um círculo feito sobre a mesa com os microfones. Todos os presentes na sala erguem as mãos enquanto gritam sob as máscaras:

— Merda! — e batem palmas.

Cinco deles saem pela porta e aparecem do outro lado do vidro com isolamento acústico, os dois mais baixinhos se sentam nas cadeiras de almofadas azuis em frente à mesa de som, de onde se pode ver os outros oito se organizando com seus microfones e retornos na sala. O Carequinha de bigode, sentado com o painel de som, pega seu fone, abaixa a máscara e diz fazendo sinal com as mãos para que os atores, lá dentro da sala com isolamento acústico, também abaixem suas máscaras, um de cada vez, para testarem o áudio.

— Primeiro o “Delegado Cunha”, Inácio.

— Cunha, som, ei, som.

— Isso, agora o “Amado Ribeiro”, Renato.

— “Amado”, ei som, ei.

— Isso, obrigado! Ruth, faz a “Selminha” de novo, o agudo aqui... isso... pera aí... pronto. Sebá, o “Arandir” por favor... isso muito bom... Wagner, “o produtor”... isso... muito bem... agora Zenão. Isso prontinho... Sonoplastia agora, Marta, “a narradora” primeiro. Ok, muito bom. Agora o som ambiente, vamos lá:

No canto mais distante dentro da sala de gravação, Marta e o Dodô começam abrir e fechar painéis, pisar em tábuas de madeira, arrastar cortinas para lá e pra cá, como se brincassem uma brincadeira antiga de criança, competindo quem faz mais barulho, se olham e imaginam a risada um do outro debaixo da máscara.

— Isso, isso, tá bom, já deu, já deu... Obrigado! Podemos gente?

O carequinha fala alguma coisa com as três pessoas de pé na cabine de som e elas voltam pra dentro da sala de gravação. Sentam-se no chão do fundo da sala, o carequinha abre o som da cabine e diz:

— Ok, figuração, eu quero aquele antigo “Bramis-Islamis”, em voz alta, mas parecendo um cochicho, tudo bem?

Um deles pergunta:

— Como assim? O do Dib Lutfi?

— Exatamente! Podemos gente?

— Mas aquilo é pra cinema mudo...

— Não faz mal, quem não tem cão... e é isso aí. Pode ser gente? Ok, muito obrigado. Elenco? Silêncio por favor... Som? A Marta vai entrar narrando, tudo bem? Ok? Gravando!

Quando o som da barriga de Ruth roncou ao ponto de Inácio pensar que era a sua própria, a atriz percebeu e se levantou da meditação que fingia fazer e foi espiar a plateia do outro lado das cortinas. Muitas buzinas e som de escapamento tomaram o ambiente num crescente até cessar com o som forte de uma nesga de cortina que se fecha rápida. Ruth se vira e diz:

— Gente, ainda não tem ninguém.

— Ainda faltam vinte...

— Não... você não entendeu, é ninguém nem o lanterna.

— E essa barulhada de buzina?

— Inácio, isso aqui é o João Caetano, aqui atrás é a Passos em horário de pico, meu amor.

— E Zeza? Já?

— Wa-á! E Zeza? Já?

— Tava online agorinha, mas não responde. Eu ligo?

— Se? Se você liga? Tá de brincadeira?

Sebá sai da coxia e vem andando até o meio do palco com passos apressados.

— Wá, olha só, tem um mocinho do delivery ali nos fundos, ele quer receber.

— Wá... Wá isso... Wá aquilo... e Wá não sei o quê... Pede pra ele esperar. Que delivery? Quem foi que pediu delivery faltando vinte pra abrir? Vinte, faltam vinte poxa! Vocês tão de brincadeira?

— Eu! Fui eu, fui eu. — O Renato vem da outra coxia com a cara branca igual giz, segurando três caixas de pizza — Eu sei que é dia de estreia, mas também é dia do sessentão da Zenão, take it easy, pessoal, take it easy. Cadê ela?

O sujeito fica ali parado com a cara branca, calça risca de giz e o suspensório sobre a barriga protuberante sem camisa. Olha para o esquecimento geral estampado nos entreolhares e, em silêncio, o daqui a pouco “Amado Ribeiro”, abre a caixa que está por cima, retira um pedaço de pizza de calabresa acebolada, muito mal cortada por sinal, e mastiga até o som enlouquecer os demais.

— Esse suspensório é do “Delegado Cunha”, Renato, por favor, hoje não, hoje não! E essa cara branca? É palhaço?

— Cada receita com seu toque do chefe Wázinho lindo. Pega, a debaixo é frango com bacon. Catchup na pizza Wazinho? Aí não, aí não dá.

— Por que você não ajuda achar essa mulher?

— Num dou uns dez ela aparece. Dia de estreia ela faz isso.

— No dia do aniversário? Esquecer a própria estreia?

— Eu já te contei do dia que a gente foi estrear o Roda Viva no Municipal?

— Ah você não vai me contar isso agora. Não vai. Você vai lavar essa cara branca. E tira essa merda de suspensório. Inácio, seu suspensório? Já achou? Claro que não, porque ele está nas calças do Renato.

Por mais que todos ali soubessem do avesso as suas falas, a ausência da diretora começava a apontar um desespero diferente da ansiedade habitual das estreias. O veterano no papel do “Amado Ribeiro” era o único a não se abalar, como se um pouco do personagem tivesse mesmo impregnado, aquela frieza para lidar com imprevistos.

— Por que que vocês acham que é Zenão o nome dela?

— Porque quando o nome da direção é de homem a licitação pro Teatro fura a fila?!

— Oh Rutinha, meu pudinzinho de avelã.

— Vai pro inferno, Rena-tinho.

— Isso! Essa mulher entende tudo, meu deus! É exatamente isso! É campanha pronta pra vereador, pensa só: Vote Zenão, com Zenão, não tem erro não!

— Dez minutos! E você tem dez segundos pra lavar a porra dessa cara, Renato!

— Aqui entre nós, esse Wazinho corta, não corta não?

— Você é irreciclável!

— Que isso Rutinha, tô só entrando no personagem...
Uma nesga de cortina volta a se abrir.

— E aí alguém?

— Nada ainda. Wá, não tem ninguém. Como é que vai ser?

O som das buzinas volta a aumentar, cresce como a expressão de desespero na cara de Wagner, o produtor. Ele volta o olhar para as coxias, até mesmo o “Amado Ribeiro” estava pronto, o restante do elenco coadjuvante murmurava “Bramis e Islamis” como sempre, muitos ali pela primeira vez num teatro de porte. Lá fora um cartaz imenso “O Beijo no Asfalto — Direção Zélia Zenão”. O cachê do Sebá, calculado por hora, girando as cifras que dependiam de uma plateia abarrotada, a volta da Ruth da televisão para o palco, e a Diretora desaparecida, todos esses pensamentos juntos, tiveram fim quando as chaves do chevrolet bateram forte na prancheta do produtor.

— O quadro é o seguinte, gente: o pior já registrado! Mas o melhor para superar! Zeza não dá as caras e não tem um filho da mãe que sequer tenha entrado por engano no teatro. Por outro lado, essas ausências não mudam uma migalha do trabalho feito até aqui. Arrisco até, olha só em! Arrisco até acreditar que a confiança que vocês passaram nos ensaios e na pré é a culpa da Zeza achar que não precisa estar aqui, no dia do aniversário — crescem os “Bramis e Islamis” — é, é isso mesmo, hoje é aniversário da nossa rainha da boca de lixo. Eu não preciso dizer aqui, isso aí vocês estão cansados de escutar... mas eu vou, é, eu vou repetir, se na

plateia não couber mais ninguém ou se mais ninguém estiver na plateia...

Um coro sôfrego seguido de algumas palmas esparsas:

— O show tem que continuar...

Entre um “Bramis e Islamis” e outro podia se ouvir “eu não vou”, “não, com a plateia vazia eu não vou”, “mas os ingressos não estavam esgotados?”, “tem alguma coisa errada”. Wagner berra “cinco minutos!” batendo as chaves na prancheta enquanto equilibra o telefone celular no ombro esquerdo.

— Ela não atende, não adianta. Olha lá de novo, se ainda não tiver ninguém...

Ruth enfia a cara numa nesga despreocupada de cortina abrindo e a fecha repentinamente.

— Chegou! Tem um sujeito ali ó.

Num repente, as coxias fazem o silêncio que ainda não havia chegado por ali. Todos correm na ponta dos pés para olhar através da cortina. Se Zeza estivesse por ali diria que chegaram os Cronópios. Todos vão para os seus lugares e as cortinas se abrem. Os atores do primeiro quadro estão concentrados nas coxias. Silêncio. Os passos do “delegado Cunha” e do “investigador Aruba” ecoam no teatro João Caetano vazio, exceto pelo sujeito lá nas últimas fileiras. “Que pano é aquele amarrado na cara?” é o que todos estão se perguntando espiando de dentro das coxias, inclusive o produtor Wagner. Inácio já vai iniciar sua bronca com o ator que faz o “Aruba” quando seus passos são interrompidos por um estrondo na entrada B da plateia. É Zenão.

— Mas que merda — e uma longa pausa — é essa?

O produtor Wagner se segura na parede para não cair com a queda da pressão, a parede era um tecido preto vindo

do teto. Sem deixar cair a prancheta, ele se estatela no chão para dentro do canto do palco enquanto Zenão desce as escadas centrais, hora escorando com uma das mãos a poltrona da direita, hora a da esquerda. Na outra mão uma garrafa quase vazia.

— E ninguém me convidou? Isso é a família. A família da gente. A família da gente... é aquela que não chama a gente... pra festa de aniversário. Você tem família? Moço, você tem família? Tira esse troço da cara, moço. A sua família te convida, moço? Pra festa de aniversário? Mas e se o aniversário, o aniversário, moço, for o seu?

Zenão para de encarar o sujeito mascarado na poltrona e enfim se volta para os atores, sobe, trêbada, as escadas para a boca de cena, caminha até o meio e abre os braços com a garrafa numa das mãos. Engole um trago e grita.

— Não vai ter mais beijo no asfalto. Não dá pra beijar de máscara, não dá. Uai por quê? Porque não dá uai. — O silêncio ganha uns minutos confusos e aos poucos todo o elenco vai saindo da escuridão e ela continua — Todo mundo pra casa. Você também, ô mascarado.

Então o sujeito pela primeira vez esboça uma reação, se levanta, a cadeira dele se fecha num eco seco, mas ao invés dele subir as escadas e aproveitar a porta B escancarada, ele desce, sem cambalear, o mesmo trajeto da diretora bêbada. Vai ganhando a luz do palco e logo é possível ver o brilho da careca e a máscara de médico que ele abaixa revelando um bigode negro. Zenão agora ajoelhada com a garrafa sabe-se lá de que, olha para o sujeito subindo ao palco e diz, um sôfrego inédito na sua carreira:

— Destruíram a minha peça, Batista, destruíram!

O carequinha na cabine de som abre o microfone para se comunicar com os atores na sala de gravação. Sem muito jeito de ator, ele diz, depois de Zenão que está olhando para ele sorrindo do outro lado do vidro:

— Ainda tenho a estação de rádio aqui na Tiradentes Zeza, o que você acha de adaptar a peça para um episódio de podcast?

— Pode quem?

— Uma radionovela à moda antiga Zeza? Nada de câmera, só microfone individual, tudo esterilizado pra não ter dor de cabeça com a fiscal.

— Nelson Rodrigues? Novela de rádio?

— Sim, e por que não?

— Só se for sobre como isso vai dar merda. Merda!

Os atores de pé no palco, tornaram-se então a plateia daquele embate entre a diretora prestes a falar diante da suspensão que destruiu, destruiu! a sua peça no dia de estreia e o radialista se reinventando, que vê naquela lei de quarentena recém instaurada, a chance de trazer as radionovelas como a antiga e necessária arte que ultrapassa os limites da nova mordaza que está para chegar. Ela toparia? Renunciaria ao teatro ortodoxo pela nova experimentação virtual? E o radialista? Cumpriria os desígnios da arte pela arte? Ou faria de uma das mais singulares peças do teatro brasileiro, apenas um folhetim de fim de tarde com finais cheios de perguntas que prendem o espectador ao próximo episódio? E os atores? Topariam todos adentrar nessa nova experiência? Ou o elenco se racharia? E como seriam os dias com essa nova lei de isolamento das pessoas cuja direção ninguém sabe?

FOME DE TUDO

Juliana Nascimento Berlim Amorim – Rio de Janeiro

Luz do sol. Câmera do poente. Ação rascunhada nos fundões da galáxia. Uma rixa urdida nos licores do ódio costurado durante anos-luz. Duas fêmeas hipergaláticas se materializam em forma terráquea na praia de Icaraí, porque na agenda de campos para duelos do Sistema Solar, destinação Terra, era um dos estacionamentos vagos mais baratos. Poderiam ter selecionado um terreno baldio em Dublin ou uma avenida em Khinshasa, mas essas lacunas foram preenchidas com rapidez, porque horários e preços acessíveis se esgotam num piscar dos olhos e elas não piscaram rápido o suficiente — bem lá no fundo ninguém queria uma vaga de luta do Brasil por causa do governante nacional maluco e em crise existencial (este era o cochicho sideral). Tudo definido, no dia e hora marcados saltaram as fêmeas na zona de terra alugada, e suas órbitas oculares se dardejaram como estrelas flamejantes da mais funda zona do terceiro anel de Saturno.

Kiprótika vestia sua roupa de freira descalça e no íntimo se contorcia de medo da arma secreta de Rrrrrssss, que eram seus olhares colecionados pelas arenas de luta dos sideródromos espalhados pelas comunas X, Y, W e Z; a bicha era tão sangrenta que conhecia bem os costumes dos planetas onde marcava seus confrontos, menos os da Terra. Rrrrrsssss preferia lutar menos neste planeta desprezível, casa de uma cambada de mochileiros das galáxias burros. Mas em qualquer parte do Universo o poder fala, e o seu não andava grandes coisas, o que fazia com que o dinheiro escorresse pelas mãos e faltasse na hora que mais se precisa

com isto, pensou de novo, e achou um desperdício estar pensando em terraquês, porque os terráqueos são muito estúpidos.

Kripótika pressentiu o perigo ao sentir o aumento calorífico da aura da adversária e apontou logo sua arma .12ls. Rrrrrsssss sorriu da ingenuidade da escola Xjon e queria acabar rápido com a contenda para comer. Aproximou-se em velocidade 5 do corpo da outra, que não esperava o comando urânico em atmosfera de alta densidade. Lançou na mesma hora seu olhar 45, aquele meio de lado já saindo todo ao dispor da guerreira que o domina, e Rrrrrsssss era a maior especialista em olhar 45 dentre todas as lutadoras de olhar conhecidas.

TTTTTTTTTTTTTTTTTTTTss@@@@"\$`\$rrrrsssss jar g df, concluiu, demonstrando todo seu desprezo pela atrevida que a desrespeitara na comuna Z.

Rrrrrsssss chutou para bem longe o corpo com pontapé certo em direção à quarta lua de Drugon. Seria uma longa jornada sideral para uma viajante do tempo ferida, mas Rrrrrsssss queria que a outra sofresse. Por experiência, sabia que os kriptonianos não se vingariam. Temiam demais os drugolenses e sua nobre lutadora Rrrrrsssss em particular. Os humanos não souberam do combate, impedidos pelos sentidos de seus corpos de cuspe sideral a interagir com quaisquer atividades da décima dimensão. Rrrrrsssss, ao encerrar sua vingança, estalou os dedos e assumiu a forma de uma velhinha em maiô preto na praia, histórica figura humana. Caminhou até uma barraca de cachorro-quente que se alongava no calçadão. O lema da mercenária drugolense era: “Em planeta ruim, coma comida ruim.” e ela nunca se arrependia.

De posse de seus três dogões completos, sentou-se no meio da praia entre os humanos e seus anseios inferiores. Ajustou telepaticamente seu filtro de olhar para a atmosfera densa da Terra. O paladar deste lugar nunca a deixava se distrair. Os terráqueos sentiam fome de tudo. Mordeu com vontade o primeiro pedaço de sanduíche e comeria sem parar pelas próximas horas até a chegada de seu cargueiro interestelar, que, ao adentrar a órbita do Brasil, ficava sempre com a rota atrasada.

AUTORES CONVIDADOS

PEDRO... ENGENHEIRO DOS SONHOS

Sergio Bahialista

Pedro tinha um sonho! Isso! Pedro, um jovem preto da comunidade de Sussuarana, periferia de Salvador, um lugar cheio de arte e cultura, mas somente visto pela violência que acomete seus irmãos. E lá estava ele... sonhador... tinha um sonho de ser Engenheiro Mecânico, de criar novas tecnologias para os carros que desde pequeno, sempre foi apaixonado.

Sua mãe, Dona Antônia, era baiana de acarajé e quando Pedro era pequeno, sempre reclamava sobre o tempo que perdia montando e desmontando carrinhos de fricção, que tinha de uma coleção que ganhou de presente do seu padrinho. Ela dizia:

— “Pedroooo! Ooo, meninooo. Larga esses carrinhos e vem me ajudar aqui com os acarajés fritando no tacho!”

Esse, era Pedro. Um sonhador da mecânica que ajudava a mãe a vender acarajé para sustentar a família. Ele cresceu estudando toda sua educação básica na escola pública, na qual infelizmente via cada vez mais distante seu sonho de ser engenheiro mecânico. E a vida dura te puxando para serviços braçais, pois precisava ajudar sua mainha a levar o pão de cada dia para casa, para seus irmãos e tia que moravam com ele.

Mas entre uma aula na escola aqui, um serviço de ajudante de pedreiro ali, ou até fritando acarajé, Pedro levantava a cabeça, olhava para o céu e só via as nuvens fazendo desenhos de fábricas montando carros, de mesas cheias de papéis com muuuitos cálculos de vetores, projeção de energia cinética e tudo mais. Pois bem... Pedro era um sonhador! E tinha tudo contra para realizar seu sonho de ser

engenheiro, mas mesmo assim ele buscou a formação no ensino superior. Incentivado por uma tia, fez sua inscrição em uma seleção de bolsas de estudos em uma faculdade de tecnologia que tinha curso superior em Engenharia Mecânica. Foi selecionado! E lá, já recebeu as primeiras “porradas” das complexidades das ciências exatas para quem é pobre, negro, da periferia e escola pública.

Pedro não passava de Cálculo I. Meu Deus! Não conseguia! Era sempre reprovado! Ele ia TODOS os dias para as aulas, prestava muita atenção, olhava para o quadro e já via projetado sua imagem beem lá na frente, comandando uma equipe em um projeto inovador de um carro híbrido que voava, que nem o DeLorean, aquele carro do filme “De volta para o futuro”, mas não entendia as fórmulas e estratégias para resolver equações. Como fazer Pedro sonhador realizar seu sonho, se tudo se mostrava contra esse seu desejo? Como tirá-lo do automático, de ir para a faculdade sem encarar de frente sua principal dificuldade nas disciplinas e conhecimentos básicos para se formar um engenheiro?

Ele já recebia as porradas da vida que sempre lhe negou o acesso ao conhecimento básico de boa qualidade, que o fez ver mais que muito homem de hoje, ser filho sem pai presente e braço direito da sua mainha no sustento da casa, além do racismo e gordofobia que sofria. E agora? Será que Pedro tinha que abandonar a busca de realizar o seu grande sonho de ser um Engenheiro Mecânico por que tomava rasteira de Cálculo I? Não! A palavra desistir nunca marcou presença no vocabulário e andanças da vida dele, apesar dos pesares. Ele já é um engenheiro dos sonhos!! Já projetava sistemas, materiais e estruturas mesmo com limitações impostas pela realidade. Já traz soluções criativas

para os desafios no tabuleiro de mainha e para os desenhos que cria nas nuvens no céu. Isso tudo não são características de um engenheiro? Por essas e outras nosso Pedro não poderia parar.

Mas o engenheiro dos sonhos já chamava a atenção de quem o acompanhava na faculdade, principalmente o seu Coordenador de Curso, seus Coordenadores Pedagógicos e seus professores. Seu jeito determinado, focado e sonhador despertava o olhar de admiração misturada com preocupação. Até que enfim, Pedro teve alguém além da sua mainha nesta vida que o olhou com cuidado e passou a sonhar com o engenheiro dos sonhos. Esses juntaram-se a Pedro para dar uma assistência na busca de superar esta grande dificuldade, orienta-lo e sonhar junto, pois ele conseguiu engenhar sistemas e estruturas de ligação de sonhos. O teu sonho tornou-se o dos que o acompanhavam: vê-lo Engenheiro Mecânico.

Ah! Pedro passou a ter sessões de reforço em matemática na monitoria que a faculdade criou com os alunos um pouco mais avançados, passou a ter reuniões quinzenais com os Coordenadores Pedagógicos e o Coordenador do curso para criar programas de estudos e ele passou ser acompanhado por Psicopedagogo. Tudo isso o fez encarar de frente um problema que ele não queria aceitar, que era uma discalculia não diagnosticada na infância, e por isso não foi tratada com nenhum esquema de orientação dos seus estudos e do raciocínio lógico-matemático. A mesma foi agravada pelas tantas faltas que nosso engenheiro dos sonhos passou.

E assim, apesar dos tropeços e descaminhos, deram régua e compasso para um futuro engenheiro mecânico que

estava matando um talento para a evolução tecnológica da nossa sociedade, fadado ao trabalho informal.

Durante as sessões de acompanhamentos que tinha dos profissionais da faculdade citados, Pedro chorou em algumas e triste dizia: — “Poxa, eu só quero ser engenheiro. Será que tenho que desistir do meu sonho”? Isso mesmo que você leu! O guerreiro e corajoso engenheiro dos sonhos pela primeira vez fraquejou, mas esqueceu que agora não era mais somente um sonho dele. Era, como bem disse Raul Seixas, um “sonho que se sonha junto” e quando é assim, é realidade!

Não deu outra! PEDRO FOI APROVADO EM CALCULO I!!! Nesse dia foi uma festa só! Ele pulava de alegria e aquele brilho nos olhos de quando desmontava e remontava os carrinhos de fricção que ganhara do seu padrinho, voltou com toda intensidade! As nuvens no céu voltaram a ganhar formas de desenhos de fábricas montando carros, de mesas cheias de papéis com muuuitos cálculos de vetores, projeção de energia cinética e tudo mais. Enfim, o engenheiro dos sonhos voltou a se ver em um futuro próximo liderando uma equipe de um projeto inovador, para construção de carro que voa e muito mais!

E eis que chega o dia da formatura! O dia do sonho realizado! Dona Antônia vestiu sua roupa mais linda e foi entregar o canudo para seu filhão, com muita emoção que tomou a ela e a todos presentes que acompanharam essa árdua jornada do Pedro engenheiro dos sonhos. Ele, que hoje entrega sua invenção prontinha para contribuir com o avanço tecnológico da sociedade e construir uma outra história para sua família e todos nós que lemos a sua história: máquina de engenhar sonhos e superar desafios.

Avante, Pedro!

O PRESENTE DE JEAN

Breno Fernandes

O problema era que, para comprar o único remédio que resolvia a queimação no esôfago, Igres precisaria de mais duas horas extras diárias, e ela andava no limite legal, trabalhava dezesseis horas por dia. Não, a questão não era essa. Com jeitinho a jornada de dezoito horas seria viável, afinal a DroneToHome não tinha se tornado a maior rede de varejo expresso do mercado respeitando as antiquadas leis trabalhistas. A causa de seu mau humor era outra portanto. Tinha a ver com a repreensão de Mariângela, que havia dito:

— Não adianta fazer hora extra pra comprar remédio, se é a hora extra que faz você sentir tanta queimação. Você precisa dormir um pouco mais, Igres. Faz bem pro corpo.

Esta última frase a amiga falou acariciando a barriga de trinta semanas por cima do macacão de cor mostarda, uniforme dos estoquistas da DTH. Foi um gesto sutil e inconsciente, porém Igres o tomou como indireta e indelicada ostentação. Mais tarde, neste dia, ao entrar no banheiro feminino, Igres encontrou Mariângela sozinha, lutando para se agachar e apanhar algum objeto caído embaixo da pia, então deu meia-volta sem fazer ruído. À noite, já em casa, quis se gabar da pequena desforra com Jean, mas teve receio de o filho repetir a história a Paulina, filha de Mariângela. Os dois eram colegas de escola e, de uns tempos para cá, Jean sempre suspirava antes de se referir à menina. Por quatro ou cinco vezes a mãe tentou ter uma conversa com ele sobre namoricos na adolescência, porém o garoto sempre ficava muito corado e, de pronto, mudava de assunto. Da última vez, ele se zangou e chegou até a encerrar a videochamada, deixando Igres mais desolada do que

ofendida. Desde então os dois quase não mencionavam Paulina, embora ambos soubessem que, ao repassar os acontecimentos do dia para a mãe, em seus altos e baixos, a presença da garota ao lado de Jean ficava subentendida.

— Você está bem, mãezinha? — perguntou o garoto, interrompendo seu relato sobre os últimos dados enviados pela sonda Voyager 2 antes de ser tragada por um buraco negro. Jean aproximou o rosto da câmera, que à curta distância distorcia sua imagem com o efeito olho de peixe. — É a queimação?

Era, mas Igres não queria preocupá-lo.

— Não, filhote — disse ela, despejando mais água quente na caneca em que boiavam dois sachês de chá de boldo ensopados. Igres ainda vestia o macacão de cor mostarda. Ela preferia tomar banho por volta de uma da manhã, quando não havia mais fila nas duchas comunitárias. Enquanto esperava, levava água quente da máquina do térreo para dentro de sua quite-cap, no vigésimo oitavo andar de um prédio que alugava estas moradias de dois metros quadrados por um valor semanal, preparava chá e comida instantânea sentada no colchão e conversava com Jean. — Não foi nada, só estou um pouco cansada.

— Por que não encerramos por hoje? — sugeriu o menino. — Podemos nos falar amanhã, quando a senhora estiver melhor. Já tomou o remédio?

— Ouvir sua voz é meu remédio — disse Igres, sorrindo para a imagem distorcida do garoto no táblete em seu colo. Ele continuava perto demais da câmera. — Você já sabe o que vai querer de aniversário?

— Ai, mãe, não precisa me dar nada, não. A senhora já me dá tanta coisa, que eu... — O garoto fez uma pausa

que a outros ouvidos talvez parecesse calculada. — Eu fico sem jeito de pedir.

— Pedir o quê? Me diga, eu faço questão de te dar.

— Deixa pra lá, mãezinha.

— Mas, Jean, é seu aniversário de treze anos! É um dia especial, uma idade especial... Eu não quero deixar a data passar em branco. Vamos, me diga o que tem em mente.

Sentir a alegria do filho ao descrever o que desejava ganhar fez com que ela realmente se distraísse do esôfago ferido. Igres não voltou a prestar atenção no mal-estar nem durante o banho, mas então foi porque a temperatura a incomodou mais. Ela preferiu acionar a ducha fria, que custava metade do preço da água quente, já economizando para o presente de Jean.

— Se eu entendi direito, senhora...?

— Igres.

— Se eu entendi direito, senhora Igres — repetiu a gerente de atendimento antes de concluir o trajeto entre a porta por onde tinha acabado de entrar e a cadeira vazia em frente a Igres —, a senhora veio aqui reportar uma falha.

— Meu filho, Jean — disse Igres, dando início à quarta vez que contaria a história na mesma manhã. — Anteontem foi aniversário dele, e eu dei de presente o novo pacote de vocês. Esse que permite acessar a rede de outros planetas e faz...

— O Pioneiro Espacial Versão Sistema Solar Plus — adiantou-se a gerente. — Vinte e quatro horas de conexão direta com Marte e as luas de Júpiter, com direito a acessar também sondas e telescópios espaciais espalhados daqui até

a Nuvem de Oort. — A mulher acomodou os braços sobre a mesa de vidro que as separava e entrelaçou os dedos. Igres notou as unhas bem-feitas dela: compridas, lixadas, hidratadas, livres de cutícula e pintadas de branco. O oposto das suas, roídas até o toco ao longo dos dois últimos dias. Uma manicure por aqueles tempos devia custar meia diária na DTH, o valor que Igres perderia se a jovem diante de si a encaminhasse para uma quinta pessoa. — Uma excelente escolha — concluiu a gerente, sorrindo pela primeira vez desde que chegara à sala.

Igres desviou os olhos das unhas brancas. De repente se sentiu furiosa.

— O problema — esbravejou ela — é que depois disso ele desapareceu. E não, não é um problema da minha rede nem dos meus dispositivos. Aqui na Iafam ninguém foi capaz de rastreá-lo nas últimas quarenta e oito horas. Eu quero saber onde está meu filho!

Quando Igres deu um tapa na mesa de vidro, ela se espantou mais do que a gerente, que manteve a postura, encarando a cliente com o sorriso fixado no rosto segundos antes. Igres, por sua vez, franziu os lábios e, pensando em seu pobre Jean, obrigou-se a enfrentar o olhar da outra. Se não havia silêncio, era por causa dos ruídos baixinhos de ASMR que o sistema de som lançava na sala.

A gerente fez o primeiro gesto de paz: tocou a mão da cliente que continuava espalmada sobre a mesa.

— Senhora Igres...

Reparando que ela espiava suas unhas roídas, Igres puxou a mão e cruzou os braços. Ouviu quieta o mesmo pedido de desculpas manifestado pelas três pessoas que a atenderam previamente, mas o fez de rosto virado para a janela panorâmica, com vista para a cidade que fervia sob o

sol cancerígeno. Somente após escutar algo inédito, Igres voltou a encarar a gerente, ou quase. Pouco à vontade de fitar a outra mulher, Igres fixou os olhos na parede atrás dela.

— Eu insisto, senhora — dizia a gerente. — Nós não poupamos esforços. Há dois dias, praticamente toda a equipe técnica está debruçada sobre o caso do seu filho, e falha nenhuma foi encontrada. É claro que já tivemos falhas, mas dessa vez não restam dúvidas de que o que quer que tenha acontecido com o garoto foi um ato deliberado dele.

— O que isso significa? — perguntou Igres, ainda observando a parede, na qual se via a logomarca da Iafam acompanhada do nome completo da empresa: *Inteligência Artificial Familiar*.

— Significa que Jean decidiu desaparecer por conta própria.

A dor tirava o fôlego. A cada dez passos, Mariângela precisava parar e se recompor. Seu desejo era se jogar no chão e se arrastar até em casa, ou então gritar por ajuda. Mas ela sabia que àquela hora, fim de tarde, toda a vizinhança estava no trabalho. Gritar só desperdiçaria o resto de suas forças.

Foi com um misto de espanto e alívio que ela viu Igres sentada à porta do trailer.

— O que você está fazendo aqui, mulher? — Mariângela tocou a maçã do rosto da amiga, logo abaixo do corte inchado e arroxeadado. — O que aconteceu?

— Primeiro me diga você: que cara é essa de desmaio? — Bastou, no entanto, ver a careta da amiga e o

modo como ela tocou a barriga para Igres adivinhar. — O bebê já vem?

— Não, imagina. Faltam quatro semanas ainda. Essa reta final que é cheia de dor mesmo. Eu vou deitar um pouco e vai ficar tudo bem.

— Certeza que não quer ir pro hospital? Eu posso...

Mariângela a cortou:

— E eu lá tenho dinheiro pra isso?! Se eu der entrada agora, por causa de alarme falso, não sobra o suficiente pra hora do parto. Vem cá, me ajude com o degrau da entrada.

Dentro do trailer, Igres amparou a amiga ao longo dos cinco passos necessários para chegar à cama de casal. Os lençóis desfeitos de Mariângela cheiravam a suor encoberto por alfazema.

— Preciso falar com Paulina — disse Igres. — Jean sumiu.

— Como assim? Falha no sistema?

— Tudo normal, segundo a Iafam. — Igres apontou o corte no rosto. — Essa daqui foi a única resposta que eles me deram. Isso e a desculpa esfarrapada de que meu filho quis ir embora.

— Embora pra onde?

— Pro espaço. — O queixo de Igres tremeu. — Disseram que ele se fundiu com a rede espacial ou qualquer coisa assim. — Sua voz ficou embargada. — Meu menino, Mariângela... Minha única riqueza...

— Calma, mulher. Vai dar tudo certo. Será que... Será que eles não podem reconstruir o algoritmo?

Igres fungou e negou balançando a cabeça.

— A singularidade não deixa. Mesmo que eles me deem um filho fisicamente igual, a personalidade é irreplicável. Eu...

A torrente de lágrimas fez Igres se calar. Mariângela apanhou o táblete debaixo das almofadas em que se recostava e o estendeu para a amiga, que imediatamente acessou o aplicativo da Iafam e viu uma garota de sobrancelhas arqueadas aparecer na tela.

— Tia Igres? — disse Paulina. — Aconteceu alguma coisa com minha mãe?

Igres virou a câmera do gadget rapidamente para Mariângela e, em seguida, perguntou a Paulina se ela tinha notícias de Jean. A menina disse que não. Notara a ausência dele na escola e supunha que estivesse doente, ou seja, que tivesse havido alguma falha com o sistema do colega. Para espanto de Igres, Paulina tampouco sabia que Jean tinha ganhado o Pioneiro Espacial Versão Sistema Solar Plus, o plugin que permitia a inteligências artificiais como eles visitarem as redes restritas existentes fora da Terra. Constrangida, a adolescente confessou que ela e Jean haviam quase parado de se falar nos últimos meses, depois que ela começou a ficar com Bento, outro colega de sala. Paulina sabia dos sentimentos que Jean tinha por ela, mas não podia corresponder às expectativas do garoto. Ela o considerava um irmão. Igres então pediu a Paulina que tentasse descobrir qualquer dica do paradeiro de Jean com os demais amigos do filho. Era sua última esperança, e a garota a destruiu ao dizer:

— Posso perguntar por aí, tia, mas acho que ele não tinha nenhum amigo além de mim. Pra falar a verdade, Jean era bem esquisitão.

Igres se ofendeu e abriu a boca para inquirir o que ela queria dizer com esquisitão, quando Mariângela agarrou seu pulso e anunciou que a bolsa tinha rompido. O bebê estava nascendo, era preciso avisar Anselmo, o pai. Igres viu em sua mente tudo o que aconteceria nas próximas horas. O marido

da amiga sairia correndo do trabalho e eles se encontrariam no hospital para, no dia seguinte, ou talvez no mesmo dia, voltarem para sua casa espaçosa, na qual se podia ficar de pé. Seriam uma família de verdade, com um bebê de verdade e meios de pagar todos os custos que inviabilizavam a maior parte das pessoas a terem filhos de carne e osso. Quanto a ela, voltaria para sua quite-cap e passaria não só a noite, mas também o resto de seus dias sozinha. Tinha acabado de fazer cinquenta e três anos, comemorados no mesmo dia em que Jean fez treze, e sabia que jamais desfrutaria de uma vida parecida com a que Mariângela começaria a ter em algumas horas, depois que seu caçula nascesse.

— Caçula... — murmurou Igres.

— O quê? — gemeu Mariângela, se contorcendo na cama.

— Você não precisa de dois filhos — disse Igres. — Isso é injusto! Eu não tenho mais nenhum.

— Igres, pelo amor de... — O resto do que queria dizer, Mariângela comunicou esbugalhando os olhos. A mão que agora lhe tampava a boca abafava o som das palavras.

— Psiu! — sibilou Igres. — É a solução perfeita, não percebe? Se eu conseguir esconder o bebê no galpão de estoque, posso trabalhar até vinte horas e ganhar dinheiro suficiente praaaaai!

Depois de mordê-la, Mariângela empurrou Igres na cama, abrindo caminho para escapar. Foi contida pelos cabelos. Não demorou muito a ser imobilizada. Igres se sentou sobre as pernas de Mariângela e golpeou as mãos e os braços da grávida com o táblete, até ela se aquietar.

— Igres... Por favor... — implorou a amiga com um fiapo de voz.

— É um menino, certo? — perguntou Igres.

Mariângela chacoalhou a cabeça num gesto afirmativo. Lágrimas escorriam pelos cantos de seus olhos.

— Oi, Jean... — disse Igres, acariciando a barriga da amiga por cima do macacão de cor mostarda. — Eu sou sua nova mamãe.

UMA MENTIRA

Matheus Peleteiro

Foi amor ao primeiro *post*. Moisés estava deitado numa rede quando se apaixonou por Brenda, sem sequer tê-la conhecido pessoalmente. Começara a segui-la no Facebook por conta de uma postagem sua que vira um amigo compartilhar, e, com rapidez, passara, todos os dias, a ler os seus *posts*, curtir as suas ideias, admirar a sua postura ao se exibir, reverenciar o seu jeito excêntrico de se portar nas redes sociais, e, sobretudo, encantar-se com a forma que escrevia. Em algum momento, respondeu a um *story* seu e foi respondido. Depois, respondeu de volta e assim deu início a uma relação que se tornou quase habitual.

Na sua primeira investida, Moisés não deu o bote de maneira pretensiosa. Não por ser um sujeito cauteloso — o que não combinava nem um pouco com ele, que tudo idealizava e criava expectativas com facilidade — mas por ainda não ter desenvolvido um interesse convicto pela pessoa a que se dirigia. Em vez de abordá-la com uma cantada, alguma indireta sutil ou a tradicional e terrível curtida de fotos antigas acompanhada de um “oi” nervoso do outro lado da tela, optara por puxar um assunto qualquer relacionado a artes e direitos sociais — o que fora suficiente para dar início ao seu encantamento.

Gradualmente, Moisés passou a checar o celular de trinta em trinta segundos, aguardando quaisquer mensagens de Brenda com nervosismo, compulsão e vício. Não pedia fotos suas, áudios ou ligações, porém, tinha crises de ansiedade quando não recebia nada seu por escrito.

A princípio não se dera conta, mas a verdade é que Moisés se apaixonara pelas suas mensagens de texto. Pelo

jeito exato e delicado que escrevia. Pelo modo atencioso que sempre digitava pondo os acentos e as letras maiúsculas, que evitava abreviação, repetição ou coloquialismo, e pelo empenho em explorar o esplendor das palavras.

Decorrido mais de um ano de romance virtual, notando o sujeito completamente fascinado por ela, e ainda assim incapaz de convidá-la para um encontro, Brenda decidiu organizar-se para visitá-lo em sua cidade, que ficava a onze horas de ônibus do município onde vivia. Alvorçado com a notícia, Moisés não via a hora de encontrar pessoalmente a pessoa que lhe escrevia todas aquelas mensagens, porém, ao mesmo tempo, tinha a impressão de que a empolgação que sentia pela sua chegada não só não era maior do que aquela que sentia antes de receber mensagens de Brenda, como era também inferior. Supunha que tal impressão era fruto da falta de interações reais ocasionada pela internet, porém, a verdade era que ele temia que Brenda não fosse tão brilhante ao vivo, ou, pior: que fosse alguém completamente diferente do que imaginara. Não é verdade que nos apaixonamos pela imagem que criamos do outro?

Ao recebê-la na rodoviária com um beijo vigoroso, o seu temor logo foi embora e deu lugar a um apaixonado ardor, que se manteve pujante e intacto somente enquanto Brenda se manteve calada. Entretanto, quando se sentaram num restaurante e foram proferidas as primeiras palavras, Moisés deu-se conta de que estava errado ao pressupor que ela se expressava oralmente do mesmo modo que digitava. Pessoalmente, as suas palavras eram abreviadas. A sua tão estimada paixão virtual errava plurais em virtude de regionalismos. Colocava artigos onde não existia. Cortava palavras por costume e preguiça. “Tem mais de dia”, dizia,

ocultando o numeral. “Sobrou muitas cervejas”, falava, desrespeitando as regras de concordância.

Após o jantar, decididos a pôr um fim ao tesão acumulado e reprimido que os dois guardavam dentro de si, dirigiram-se até o motel mais próximo. Sensualizando e tentando deixá-lo menos retraído, Brenda arreganhou as pernas numa posição que poderia ser descrita como afrodisíaca e convidou-o a penetrá-la:

“Vem cá, eu esperei muito por esse momento. Vamo fazer uma foda daquelas!”

Nu, Moisés não deu sequer um sinal de uma possível ereção. Envergonhada, Brenda apenas permitiu que um semblante confuso se desenhasse em sua face.

“Tem algo errado?”, questionou.

“Não era assim que você escrevia”, respondeu Moisés.

“Quê?”, retorquiu ela.

“Não era assim que você escrevia.”

“De que porra cê tá falando?”

“Disso. É exatamente disso que eu estou falando! Se estivesse escrevendo, você digitaria ‘você’ e ‘está’. Você me enganou. Ao vivo você é diferente.”

Imaginando que Moisés estava fazendo alguma piada, Brenda sorriu. Depois, irritada e incrédula ao perceber que ele falava sério, levantou-se, vestiu a roupa olhando-o com estranheza, reprovação e mágoa, e foi embora. Adiantou a sua passagem de volta e retornou à sua cidade, de onde se arrependera de ter saído. Do ônibus, escreveu-lhe:

“Estou profundamente desapontada com a maneira que me recebeu. Não deveria voltar a te escrever nunca mais, eu sei. Entretanto, por algum motivo, me sinto impelida, por alguma força estranha, a dizer que, durante todos os nossos

contatos, em momento algum imaginei que você pudesse ser tão grosseiro, vil e indelicado. Sempre me tratou de forma tão delicada e respeitosa... Percebo, agora, que a internet é uma mentira.”

Lendo a mensagem exibida na tela do celular, Moisés teve uma ereção. “A internet é uma mentira”, repetiu em voz alta.

CHIP DE APRENDIZADO

Lorena Sodré

Mulher, há quanto tempo que não te vejo assim, real, pensei que era filtro menina, que pele hein! Me conta, suas visualizações-nicho? Vão te conseguir a gerência do “age+80” aqui do Brasil, né, uma modelo dessas, gente.

Esse foi o primeiro diálogo que ouvi no voo para Berlim, filho, foi aí eu conheci o chip que estou te explicando. Escute os áudios. Já desci aqui no aeroporto, estou aguardando as minhas malas. Que bêbada, o quê, escuta todos os áudios antes de falar besteira.

Eu estava terminando o meu livro sobre reconexão com a natureza, mas eu tive que deixar de lado para escutar a conversa das duas, de cara percebi que eram representantes comerciais de alguma empresa de tecnologia, talvez até daqui da Alemanha mesmo, mas coisa fina, bem cara, inacessível aos meus ouvidos de mercadora. Pensei em me oferecer para trocar de assento com a moça que estava na fila ao lado, para elas ficarem juntas, mas aí a conversa poderia ficar recortada, desse jeito a outra fazia um pouco de esforço para ser ouvida, o que me favorecia, nem leitura labial eu precisava fazer, era só concentrar e fingir estar entretida olhando os desenhos das nuvens pela janela. Nesse momento eu não sabia nomes, era um tal de mulher pra lá e pra cá, mas o principal eu consegui entender: quem tem dinheiro nessa vida não precisa nem mais tentar para aprender algumas coisas. Pelo visto vende bem e realmente funciona, a senhora ruiva ao meu lado disse estar usando um chip-combo para pele e para sono reparador, tem colágeno, antioxidantes, vitaminas, ela explicava detalhes para a colega da outra filial, não saía do modo vendedora nem para conversar. Tentei

disfarçar o pulo do meu diafragma quando ela disse que já não precisava fazer Botox desde os 70! Ajeitei minha franja para esconder as rugas dos meus 53 anos depois dessa, né e concentrei ainda mais para entender que elixir era aquele.

Afinal, que pessoa não ficaria interessada em dar uma guinada na saúde e na beleza ao mesmo tempo? Elas repetiam. Feito uma competição de quem sabe mais detalhes técnicos eu praticamente assisti um episódio de TEDx sobre inteligência, saúde e rejuvenescimento. Vê se você acha algo sobre isso, porque eu não consegui. As pessoas querem resolver tudo de forma artificial, de fora para dentro, por isso meu trabalho se torna tão difícil.

“Libera substâncias adequadas ao tipo de atividade, ativa memórias relacionadas, atua na área favorável do cérebro, controla hormônios, sono, foco, aumenta o rendimento...” Esse deve ser para atletas, deduzi. Preço que é bom elas não mencionam, mas a comissão deve ser bem alta porque a mulher se vangloriou de ter comprado uma casa de praia em São Miguel do Gostoso, só com a venda de um lote de chips de relacionamento para uma influencer que é terapeuta de casais. Não sei se era para uso pessoal ou para vender nos atendimentos, mas deu para entender como funciona. Vai debaixo da pele das nádegas e pode ser programado para o primeiro encontro, encontros virtuais — esse você vai gostar, tem modalidade de namoro, casamento, várias opções. O chip libera substâncias que nem sei reproduzir aqui, mas disseram que é tudo testado e aprovado, controlam a tensão gerada nas relações ativando as sinapses certas, uma loucura. Bloqueiam os gatilhos de decepção, medo e ainda ajudam a ter foco nas afinidades, não só amorosas, em qualquer relação interpessoal, antigamente

quem tentava fazer isso era o coach, né? Parece que os artistas todos estão usando, é um sucesso.

Além do amor chipado, esses apresentadores de entretenimento utilizam o chip de bom humor, os jornalistas gostam do chip de leitura crítica. Falei que se você estivesse aqui ia se interessar pelo chip de cálculos matemáticos.

— Eu?

Não, não, sou avessa a interferências artificiais no corpo, inclusive estou a caminho de uma convenção de terapeutas holísticos. Tenho uma clínica de aromaterapia, cromoterapia, pedras, florais, massagens e todas essas terapias naturais que ajudam a melhorar a nossa conexão espiritual. E sou a melhor da tijuca!

— Que poderosa! Pra você dar uma guinada no seu negócio seria incrível o combo de espiritualidade e criatividade, sério! Tenho relatos de clientes que se redescobriram na pintura, na literatura, tem até um guru, se você tiver interesse posso colocar vocês dois em contato, surgiriam muitas parcerias.

Mulher meio sem noção, filho, do nada girou a conversa pra mim, como se eu tivesse participando. Quando eu vi já estava respondendo, perguntando. Pensa que eu sou rica, na executiva né, mal sabe ela do ‘overbooking’.

Fomos interrompidas pelo serviço de bordo, fiquei sem saber o que pedir, na econômica não tem esse cardápio elaborado, fingi estar procurando algo na bolsa enquanto ouvia o pedido delas, champanhe, elas disseram, pedi o mesmo em seguida. De forma natural estávamos as três brindando, a comissária parecia conhecê-las, e nos conferia uma atenção especial. Eu nem sabia se teria que pagar, não tinha cara de negar nada, tudo o que elas pediam eu pedia também. Qualquer coisa eu passo no cartão, eu pensava.

Mais de uma hora de risadas e brindes, conversas sobre mulheres empreendedoras que alcançaram o topo da pirâmide, depois de um balde com três garrafas e alguns pedidos para que diminuíssemos o tom, Raquel me fez uma proposta. Disse que gostou muito de mim, que via um potencial a ser gerenciado, bastava uma oportunidade. Foi então que ela me ofereceu um negócio, vender os chips na clínica, sendo uma franqueada, coisa só para pessoas indicadas. O investimento inicial é de 95 mil dólares, disse ela que eu poderia parcelar isso, com previsão de lucros dobrados e até triplicados a cada 18 meses. Eu que só pensava num combo pra mim, me deparei com essa chance, filho, imagina, suponho que os astros estão se posicionando a meu favor, me ajuda com essa pesquisa que você entende dessas coisas. Eu não consegui pensar rápido na conversão do dólar e nos lucros, mas ela logo acessou no seu note uma planilha com as porcentagens, os benefícios de ser franqueada, como comprar um combo por mês com metade do preço se fosse para mim, nessa hora eu cresci o olho para ver o preço de um combo daqueles, meio perdida na tela, pode ter sido a tacinha de champanhe que bebi, mas consegui focalizar na lista o chip de Alzheimer, valor cheio de 8 mil dólares, não deu tempo de ver o chip de espiritualidade porque as luzes de emergência se acenderam, foi nessa hora que tivemos que botar os cintos e guardar os eletrônicos.

O avião sacolejando forte, eu querendo continuar a conversa, mas os solavancos e o barulho não deixavam, as máscaras de oxigênio caíram e ficou aquele clima tenso de morte, mas nem se preocupa quando escutar essa parte, já tá tudo bem. Mantive o equilíbrio, tentei manter o raciocínio dos meus ganhos, pensar numa promoção, criar um site, patrocinar post no Instagram, enfim, manter o foco. Essa

turbulência há de passar logo, eu repetia o mantra, mas num rompante de desespero eu segurei a mão de Raquel, estavam trêmulas de tão frias, quando olhei ela estava pálida, então eu gritei pela colega de empresa na fila ao lado e pela comissária. A feição da senhora mais jovem que conheci mudou de repente, derreteu! Ela apresentava espasmos, conversava de forma lenta e repetia coisas sem sentido, como: eu esqueci, eu esqueço de tudo. Por um momento o avião conseguiu estabilizar, retiraram Raquel do assento e a levaram para ser atendida na cabine. Tentei chamar a amiga que seguia acompanhando, mas não sabia o nome dela, gritei, senhora do chip! Ela me olhou de pronto num susto, se aproximou um pouco para me ouvir e eu só consegui — antes de voltar para posição de aterrissagem — perguntar:

— Vocês aceitam cartão?

MULHER DOS CADEADOS

Vanessa Passos

Sua fama cresceu. Os cadeados colados iam somando-se em lugares distintos, entre bairros e avenidas: Messejana, Lagoa Redonda, Jangurussu, José Walter, Mondubim e Av. Woshington Soares, Av. Presidente Costa e Silva, Av. Perimetral.

A primeira vez que ouvi falar da mulher dos cadeados foi no Facebook. Todos compartilhavam e comentavam uma matéria sobre ela. A notícia não trazia muitas informações. Procurei por outros dados reais, mas algumas das informações estavam desencontradas, como tudo na vida. Encontrar informações é fácil, o difícil é saber se elas são verdadeiras nesta era da *fake news*.

Ainda assim, não consigo me imaginar sem internet. E, ao mesmo tempo, me pergunto como seriam as narrativas em tempos em que a tecnologia ainda não dominava tudo. Sorrio, reviro os olhos e penso que, se meu chefe me ouvisse dizer isso, ia murmurar na certa que eu dizia isso porque era da geração Z e que eu não sabia o que era tempo bom. Talvez ele tivesse certo. Talvez não.

Nas minhas buscas nos mais diversos sites e meios de comunicação, a princípio, descobri que o bispo José Santiago Júnior imaginava que poderia ser um ato de intolerância religiosa, quando quatro capelas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foram coladas. Mas a mulher dos cadeados não parecia fazer questão de apresentar nenhuma lógica para as suas ações, nem deixar pistas para o que ela fazia.

Em outras matérias na internet, vi que o número de boletins de ocorrência foi se avolumando, e a população –

comerciantes, religiosos, aqueles que tinham seus cadeados colados – cobrava que algo fosse feito. A mídia estava cada vez mais interessada na sua história. Havia mistério e polêmica suficiente para gerar audiência e interesse em leitores. As notícias tinham milhares de visualizações, compartilhamentos e comentários. No fim, somos todos sedentos por histórias.

Cheguei a ler que ela e o pai foram procurados para darem entrevistas, mas não foram divulgados os nomes verdadeiros, é claro. O pai relatou que a filha de vinte anos teve problemas psicológicos desde a infância. Contou também que a obsessão da filha por cadeados iniciou depois de um trauma, o roubo de sua bicicleta. A filha, de forma mais ou menos grotesca, confirmou. Numa cidade em que milhares de pessoas são roubadas todos os dias, quem ficaria com trauma por um roubo simples de uma bicicleta? Digo simples, porque não houve indícios de violência ou agressão física que possa ter gerado os traumas psicológicos sugeridos.

O mais estranho é que a moça está grávida e ninguém sabe quem é o pai, nem ela própria. Desconfiam de estupro e um boletim de ocorrência foi realizado. Quem? Quando? Onde? O pai diz que vai cuidar da filha e pede que a população tenha paciência com ela, “a coitadinha é uma criança, ou, pelo menos, age como uma”. Leio as respostas clichês, tão bem formuladas, que não consigo deixar de pensar que elas são muito convenientes para a situação.

O único problema é que não se pode confiar em palavras. Mas a verdade é que eu também sou obcecada por essa história, por esta mulher da qual nunca saberei a realidade dos fatos e a verdade, porque, no final das contas, não existe uma única verdade. Então, é preciso inventá-la. A

inexistência de pistas confiáveis me levou a uma única saída: a imaginação.

Enquanto narrava sua história, as mulheres, na prisão, colocavam os rostos nas grades tentando ouvi-la, atentas ao interrogatório. Sua fama havia crescido. Queriam todas conhecer a mulher dos cadeados. Ela transformou-se na heroína daquelas mulheres e, por um momento, todas, naquele lugar, inclusive a delegada, não estavam mais aprisionadas.

A mulher alisava a barriga sob uma blusa de algodão. No canto da sala, estava um policial mexendo no celular. A delegada, sentada na frente da mulher, observava-a em silêncio. De fato, ela parecia estar em seu mundo paralelo, como o pai havia comentado. Ela cantava uma música baixinho para o bebê em sua barriga. A delegada perguntou com certa impaciência:

– Por que você cola cadeados?

A mulher parecia não ouvir. Continuou cantarolando uma música baixinho, quase inaudível. Depois falou:

– Fique calmo, logo você não estará mais preso e ficaremos juntos para sempre.

O que, no início, a delegada supôs ser uma resposta para a pergunta que fizera, era um diálogo com o filho. Ela, já impaciente, tocou o punho da mulher com força e perguntou novamente:

– Por que você cola cadeados? Precisamos de uma resposta! Você já viu a pilha de boletins de ocorrência que está envolvida? A população está cobrando de nós uma atitude, você precisa dizer alguma coisa...

A mulher dos cadeados continuou alisando a barriga, permanecendo em silêncio por mais alguns minutos. No seu tempo, começou a falar:

– Aos dez anos, quando minha mãe saía para trabalhar, o som do cadeado fechando era o beijo de despedida. Sabia de cor sua lista de recomendações: “não fique na área, nem perto do portão, muito menos fale com estranhos. Minta, diga que eu volto já. Mas em hipótese alguma abra este cadeado.” Manoel não era um estranho. Tinha a chave dada pelas próprias mãos cansadas da mamãe. Mãos que sentiam o calor de Manoel nos finais de semana. Ele abria e fechava os cadeados. Ele abria e fechava as minhas pernas. Mas minha boca permanecia fechada, num silêncio eterno que as mulheres conhecem tão bem. Você também é mulher, delegada, deve entender bem o que estou dizendo. Xiii. Calma, neném, logo, logo você vai vir pros braços da mamãe. A mamãe promete que não vai te deixar trancada. Sem cadeados, eu prometo.

– Vamos, ande! Eu não tenho o dia todo!

– Shhhh! Não assuste o bebê... Ele, o Manoel, ia às terças e quintas quando saía mais cedo do trabalho. Às vezes, eu tinha vontade de ser um menino e ter um pinto para socar e não ser socada. Mas já que tinha nascido nesta pele desgraçada, eu precisava fazer alguma coisa, não sei. Quando ele ia embora, eu ficava horas no banho, mas o sebo dele ficava impregnado feito nódoa no meu corpo. Meu maior desejo era que mamãe percebesse, mas ela chegava cansada demais. Dormíamos juntas, e este era o único momento de calor e afeto que eu tinha. Um tempo depois, minha mãe morreu num acidente de carro quando eu tinha doze anos, ao voltar do trabalho. Foi só então que Manoel parou de abrir e fechar os cadeados. Uma tia distante entrou

em contato com o meu pai falando sobre a morte da minha mãe e relembrando que ele tinha uma filha. Fui morar com ele aos doze anos.

– E os cadeados, por que colar os cadeados? Não vê que se continuar fazendo isso, mais dia menos dia, acabará sendo presa?

– Você não consegue perceber que estamos todas aprisionadas? Por que acham que te colocaram pra me interrogar? Acham que isso é coisa de mulherzinha. Consegue se lembrar de tudo que enfrentou até chegar aqui, sendo como é? É isso mesmo que tá pensando, delegada, sendo mulher. Tudo isso são cadeados. – a mulher sorriu enquanto balançava a cabeça e, de forma desafiadora, completou o que dizia – Colar cadeados é melhor que ter as chaves.

A delegada ficou em silêncio por um longo período e a mulher dos cadeados voltou a cantarolar para o seu bebê. Um pouco depois, o policial levantou-se, tocou no ombro da delegada e disse:

– Não perca tempo com isso, vamos soltá-la, e só uma louca.

Antes de deixá-la partir, a delegada interceptou a mulher e estendeu a mão em sua direção:

– Tome: isto lhe pertence.

A mulher tomou a cola ainda cheia nas mãos e os olhares das duas colaram-se um no outro.

AGRADECIMENTOS

Luara Batalha

Uma das primeiras coisas que aprendemos nas aulas de redação é que podemos nos basear em algumas perguntinhas para escrever um texto conciso e direto. Por esse ebook ser proveniente de um concurso literário de contos, nenhum dos textos anteriores segue essa regra, mas peço licença aqui para usar um pouco desse artifício jornalístico nos meus agradecimentos.

Começo, então, com o “Por quê?”: por que realizar um concurso literário? Poderia usar como justificativa o momento delicado em que vivemos por conta da pandemia ou a importância de estimular novos escritores, mas seria “só” isso? Não! Literatura é enxergamos mais do mundo (ou de outros) através das palavras que, assim como a tecnologia, estão presentes em todos os aspectos de nossas vidas.

Como você acabou de ler nos contos selecionados e nos dos nossos convidados, a vida numa sociedade tecnológica inclui coisas corriqueiras, como o uso de celular, ferramentas digitais e aplicativos de paquera. Contudo, também podemos extrapolar as barreiras do tempo para um futuro em que a inteligência artificial fará parte da nossa rotina ou que o contato com extraterrestres será comum. Portanto, a tecnologia, assim como a literatura, integra nossa vida e nos permite, simplesmente, explorar, de forma prática ou lúdica.

Partindo para a próxima pergunta, o “Quem”, fico feliz em anunciar que mais de duzentas vozes se permitiram experimentar a tecnologia através das palavras. Com uma variação etária de 18 a 86 anos, os contos

apresentaram criatividade, suspense, humor, solidão e até saudade. Aproveito para já trazer o “Onde” ao dividir com que contamos com a participação de pessoas de dezesseis estados e do distrito federal, com representantes de todas as regiões do país. E assim como a proposta desse concurso, ultrapassamos barreiras, dessa vez geográficas, e tivemos participantes de Portugal e de Moçambique. Agradeço a vocês pela coragem porque escrever e participar de concursos literários demanda destemor.

Por fim, lhes apresento o “Como?”: uma equipe engajada na missão de conectar pessoas, de incentivar a escrita e a leitura, de aproximar a tecnologia de todos e de mudar o mundo. Esse é o nosso papel como SENAI CIMATEC! Registro meu agradecimento a todos os núcleos envolvidos, a pró-reitoria e a reitoria do nosso Centro Universitário SENAI CIMATEC. E, claro, agradeço à Comissão Julgadora e aos nossos convidados, que apoiaram a nossa iniciativa e dividiram sua experiência conosco. Sem vocês, esse “Como?” não teria sido possível.

Termino meus agradecimentos por aqui, mas você deve estar sentindo falta de uma das perguntinhas, o “Quando?”. Não ache que esqueci dele, é só que para nosso concurso ele é irrelevante: a tecnologia e a literatura são atemporais.

* Com sotaque baiano, mais de dez livros publicados em sua área, **Luara Batalha** é mestre em engenharia de estruturas e atua com ensino pesquisa. Teve os contos “Terapia” (antologia Brasil, mostra a tua cara) “Invasão de território” (antologia Soteropolitanos), “Momento não esquecido” (antologia Feminismos) e “Para o porteiro” (Coletânea Prêmio OFF FLIP 2021) publicados. Atualmente

aguarda a publicação do seu primeiro romance, Antônia Carrero.

COMISSÃO JULGADORA

Bethânia Amaro: Bethânia Pires Amaro é graduada e pós-graduada em Direito pela Universidade Federal da Bahia e Mestre em Direito do Estado pela Universidade de São Paulo. Pernambucana de nascimento e baiana de coração, atualmente reside em São Paulo e trabalha na Secretaria Municipal de Educação. Apaixonada por literatura, possui diversos contos premiados em concursos nacionais e um conto traduzido para o alemão pela editora Arara Verlag. Fala de literatura no Instagram @bethaniapiresamaro.

Kátia Borges: Baiana de Salvador, Kátia Borges é jornalista, mestre e doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e autora dos livros “De volta à caixa de abelhas” (As letras da Bahia, 2002), “Uma balada para Janis” (P55, 2009), “Ticket Zen” (Escrituras, 2010), “Escorpião Amarelo” (P55, 2012), “São Selvagem” (P55, 2014), “O exercício da distração” (Penalux, 2017) e “A teoria da felicidade” (Patuá, 2020). Tem poemas incluídos nas coletâneas “Roteiro da Poesia Brasileira, anos 2000” (Global, 2009), “Traversée d’Océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia” (Éditions Lanore, 2012), “Autores Baianos, um Panorama” (P55, 2013) e na “Mini-Anthology of Brazilian Poetry” (Placitas: Malpais Rewiew, 2013).

Victor Mascarenhas: Victor Mascarenhas é escritor e roteirista. Iniciou sua carreira com Caféina (2008), livro vencedor do Prêmio Braskem Cultura e Arte, da Fundação Casa de Jorge Amado. Em 2011, foi um dos finalistas do Prêmio Off Flip e lançou seu segundo livro: A insuportável

família feliz, que teve um dos seus contos adaptados para os quadrinhos pelo próprio autor e pelo premiado ilustrador Cau Gomez, dando origem à graphic novel Billy Jackson. Em 2013, lançou a novela Xing Ling made in China e, dois anos depois, o livro de contos Um certo mal-estar. Seu último livro é o romance O som do tempo passando (2019).

Jaime Filho: Advogado, mestre em Economia pela Universidade Federal da Bahia, publicado na coletânea Retratos da Vida em Quarentena, seleção nacional das Editoras Elefante e Dublinense. Radicado num apartamento em Londres, é aluno do Curso Livre de Preparação de Escritores em São Paulo e escreve de Salvador para seus sobrinhos na Cidade do Cabo.

Aryanna Amorim: Aryanna Amorim é escritora de romances de época, autora de A viúva Cabral, bibliotecária formada pela Universidade Federal do Ceará-UFC e mestra em História pela Universidade Estadual do Ceará-UECE. Atua na área de organização de acervos e mediação da leitura. Pesquisadora e produtora de conteúdo sobre literatura, escrita criativa, processos de escrita e mediação da leitura.

AUTORES CONVIDADOS:

Breno Fernandes: Breno Fernandes (1986) nasceu e vive em Salvador. Dentre outras obras, escreveu o livro de contos "A mão do poeta" e os romances "Os fanzineiros" e "Mendax, o ladrão de histórias", eleito o segundo melhor romance juvenil do Prêmio Biblioteca Nacional 2018. Site: www.brenofernandes.com.

Já em 2021, publicou o romance young adult “Se eu pudesse, Danila, te levava pra tomar banho de mar em Guarajuba”, pela Editora Caramurê, uma comédia romântica sobre a uberização, isto é, sobre a precarização das relações de trabalho, ajudada por novas tecnologias.

Lorena Sodré: A escritora Lorena Sodré tem 38 anos, é carioca, mulher preta, formada em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), professora do município fluminense há dez anos, mãe da Isabela e se reconhece como um exemplo de proporcionalidade feminina e negra nos espaços de educação e literatura. Aluna do Curso Livre de Preparação de Escritores (CLIFE), da Casa das Rosas, estreia na literatura com o livro de poesia Saudade Manda Lembrança (2021), publicado pela Editora Expressividade, e teve um conto selecionado para a décima sétima edição da RevistaRia (Novas Letras Novas Caras Ano II).

Matheus Peleteiro: Nascido em Salvador – BA em 1995, escritor, advogado, editor e tradutor, Matheus Peleteiro publicou em 2015 o seu primeiro romance, Mundo Cão, pela editora Novo Século. Após, lançou sete obras, dentre as quais se destacam a coletânea de contos "Pro

Inferno com Isso" (2017); a distopia satírica "O Ditador Honesto" (2018), e as coletâneas poéticas intituladas "Nossos Corações Brincam de Telefone sem Fio" e "Caminhando sobre o fogo" (2019 e 2021).

Também organizou e editou a coletânea de contos "Soteropolitanos" (2020); deu início ao Selo ÊCOA – Faça oê mesmo, em 2021; disponibilizou, de forma gratuita, o conto "O último a sair, por favor, apague a luz e me deixe aqui", como forma de protesto, em todas as plataformas digitais, e produz o podcast lLero, onde realiza entrevistas com expoentes da literatura contemporânea. Além disso, em 2018, assinou, ao lado do tradutor Edivaldo Ferreira, a tradução do livro "A Alma Dança em Seu Berço" (Editora Penalux), do premiado autor dinamarquês, Niels Hav.

Sérgio Bahialista: Doutorando e Mestre em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc - da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2013); Especialista em Psicopedagogia Escolar e Clínica (2009) e graduado em Pedagogia pela UNEB (2006). Professor de Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Salvador/BA; pesquisador do PRODESE - Programa Descolonização e Educação e do grupo de pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico (TSPPP/UNEB). Consultor pedagógico; músico e cordelista. Atuou como professor e orientador pedagógico do CRIA - Centro de Referência Integral de Adolescentes; como professor e Coordenador Pedagógico do SESI e da Faculdade de Tecnologia SENAI CIMATEC, atuando na disciplina Didática. Autor do Livro "Cordel e a Pedagogia do

Encantamento: o verso educador da Sussuarana, seus aspectos históricos e possibilidades didáticas" (publicado em 2020) e um dos autores do livro "Descolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas"(publicado em 2013) e do livro "Educação, diversidade e diferenças: olhares (des) colonizados e territorialidades múltiplas" (publicado em 2015), além de autor de diversos livretos de Literatura de Cordel.

Site: www.sergiobahialista.com.br

Instagram: @bahialistaeduca

Vanessa Passos: Vanessa Passos é escritora, professora de escrita criativa, consultora literária, Doutoranda em Literatura e produtora cultural. É também idealizadora do Programa Formação de Escritores e fundadora do Pintura das Palavras, criou o curso 321escreva (curso online de escrita), dá consultoria literária e promove eventos literários.